

UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

DISSERTAÇÃO

Encruzilhadas Epistemológicas entre Lélia Gonzalez e Paulo Freire

Andréa Cavalcanti de Mendonça

2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**ENCRUZILHADAS EPISTEMOLÓGICAS ENTRE LÉLIA GONZALEZ E PAULO
FREIRE**

ANDRÉA CAVALCANTI DE MENDONÇA

*Sob a orientação do Professor Doutor
Aristóteles de Paula Berino*

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Educação** no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Área de Concentração: Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Dezembro de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M539e Mendonça, Andréa Cavalcanti de , 1978-
Encruzilhadas epistemológicas entre Lélia Gonzalez
e Paulo Freire / Andréa Cavalcanti de Mendonça. -
Seropédica; Nova Iguaçu, 2023.
116 f.: il.

Orientador: Aristóteles de Paula Berino.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares, 2023.

1. Paulo Freire. 2. Lélia Gonzalez. 3.
Escrevivência. 4. Classe, raça e gênero. 5.
Encruzilhadas Epistemológicas. I. Berino, Aristóteles
de Paula, 1965-, orient. II Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares
III. Título.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**



TERMO Nº 1 / 2024 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.000668/2024-65

Seropédica-RJ, 05 de janeiro de 2024.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS
POPULARES**

ANDREA CAVALCANTI DE MENDONÇA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestra**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 08/12/2023

Membros da banca:

ARISTOTELES DE PAULA BERINO. Dr. UFRRJ (Orientador/Presidente da Banca).

ADILBENIA FREIRE MACHADO. Dra. UFRRJ (Examinadora Interna).

AMANDA MOTTA CASTRO. Dra. FURG (Examinadora Externa à Instituição).

(Assinado digitalmente em 05/01/2024 18:01)
ADILBENIA FREIRE MACHADO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matricula: 1230788

(Assinado digitalmente em 05/01/2024 13:41)
ARISTÓTELES DE PAULA BERINO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matricula: 1243695

(Assinado digitalmente em 05/01/2024 17:12)
AMANDA MOTTA CASTRO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 961.164.630-53

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **1**, ano: **2024**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **05/01/2024** e o código de verificação: **f4d431ed60**

AGRADECIMENTOS

Sem parecer egoísta, quero, primeiramente, agradecer a mim, por não ter desistido, por ter passado por tantos momentos difíceis e chegar a ponto de quase desistir, porém ter seguido até o fim.

Preciso agradecer a todas as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui. Minha família, principalmente, minha mãe, minha tia Conceição e minha madrinha Beth. Meu suporte, com elas eu posso contar nos momentos mais difíceis.

Meus amigos: Renata, Luziara, Ricardo, Raphael, Edson, Janaína, Rafael, Criscila, Nathalia, Elisa, Jean... pessoas que fazem minha vida melhor e que de alguma forma tiveram influência nesse trabalho, muito obrigada por tudo!

Janaína Rodrigues, Talita e meus amigos do grupo de pesquisa FRECON, obrigada pelas trocas, pelas conversas, amizade e tudo mais.

Meu orientador, Aristóteles, muito mais que acadêmico, um mestre da vida, só tenho a agradecer pela oportunidade de ser sua orientanda e aprender muito com você!

Quero agradecer, também, aos professores que tive durante o mestrado, as pessoas incríveis que conheci e a contribuição maravilhosa da banca.

Sou grata também à Escola de Formação Paulo Freire que por intermédio do Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro – Anísio Teixeira, incentivou ao desenvolvimento do meu projeto de pesquisa através de programa anual de bolsas de estudos pelo qual fui contemplada com uma bolsa por um ano.

Por último, agradecer ao universo por esses caminhos que se tornaram encruzilhadas de grandes possibilidades.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

O risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.

Lélia Gonzalez

RESUMO

MENDONÇA, Andréa Cavalcanti de. **Encruzilhadas epistemológicas entre Lélia Gonzalez e Paulo Freire**. 2023. 116p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

O presente texto traz as encruzilhadas epistemológicas formadas a partir das reflexões realizadas ao longo dos estudos no mestrado, que tem como objetivo pensar nos encontros que surgem a partir do pensamento de Lélia Gonzalez e Paulo Freire. A pesquisa é de cunho bibliográfico, a partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, por meio da análise de conteúdo e, também, numa abordagem aproximada e dialógica entre as obras selecionadas, usando contribuições das pesquisas em torno do campo da literatura comparada e da escrevivência como metodologia. Deste modo, no primeiro capítulo serão apresentadas as primeiras impressões, que nos guiaram até esta pesquisa, as primeiras encruzilhadas: Paulo Freire e o Feminismo Negro; raça, classe e gênero e a dialética do senhor e do escravo. O segundo capítulo, Outras Encruzilhadas, aborda outras identificações encontradas durante a pesquisa: Amílcar Cabral e a África; A Práxis; O Marxismo e A Política; A Alienação; A Cultura e bell hooks. Finalizando com o terceiro capítulo “Ebó Epistemológico”, trago uma reflexão, em forma de escrevivência, sobre o que vi, vivi e aprendi com essa pesquisa. O capítulo se subdivide em: Escrevivência; Escrevivência Como Princípio Conceitual-Metodológico e Escrevivendo.

Palavras-chave: Paulo Freire, Lélia Gonzalez, Encruzilhadas, Escrevivência, Raça. Classe e Gênero.

ABSTRACT

MENDONÇA, Andréa Cavalcanti de. **Epistemological crossroads between Lélia Gonzalez and Paulo Freire**. 2023. 116p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

The present text brings forth the epistemological crossroads formed through reflections conducted during Master's studies, aiming to ponder on the intersections arising from the thoughts of Lélia Gonzalez and Paulo Freire. The research is of a bibliographic nature, utilizing a qualitative and exploratory approach through content analysis. It also adopts an approximate and dialogical approach between selected works, drawing on contributions from Comparative Literature and "escrevivência" as a methodology. The first chapter presents initial impressions guiding us to this research: Paulo Freire and Black Feminism, race, class, and gender, and the dialectics of master and slave. The second chapter, "Other Crossroads," delves into additional identifications found during the research: Amílcar Cabral and Africa; Praxis; Marxism and Politics; Alienation; Culture; and bell hooks. Concluding with the third chapter, "Epistemological Ebó," a reflection in the form of "escrevivência" is presented, sharing insights gained from the study. The chapter is subdivided into "Escrevivência," "Escrevivência as a Conceptual-Methodological Principle," and "Escrevivendo."

Keywords: Paulo Freire. Lélia Gonzalez, Crossroads, Escrevivência, Race, Class, Gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Panfleto da campanha de Lélia Gonzalez	18
Figura 2. Escola Municipal Rivadávia Corrêa	24
Figura 3. Faixa Basta de Paulo Freire	53
Figura 4. Quadro Comparativo	55
Figura 5. Trecho da despedida de Paulo Freire	60
Figura 6. Camisa do Paulo Freire	62
Figura 7. 2ª edição da Ler – Salão Carioca do Livro.....	84
Figura 8. Bordado Conceição Evaristo.....	85
Figura 9. Festival Latinidades	86
Figura 10. Festival Mulheres do Mundo	87
Figura 11. Andréa Mendonça e Fátima Lima.....	89
Figura 12. Andréa Mendonça e Conceição Evaristo	90
Figura 13. Reunião na Casa Escrevivência	90
Figura 14. Tatuagem Feminista	95
Figura 15: Tatuagem reformada	95
Figura 16. Cabeça raspada.....	96
Figura 17. Tatuagem Paulo e Lélia.....	101
Figura 18. Muro Lélia Gonzalez.....	104
Figura 19. Placa do Circuito da igualdade Racial	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
Meus Passos Vêm de Longe.....	10
Encruzilhada Epistemológica.....	14
O cruzo: Lélia Gonzalez e Paulo Freire.....	16
A pesquisa.....	25
1 ENCRUZILHADAS INICIAIS.....	28
1.1 Paulo Freire e o Feminismo Negro.....	28
1.2 Raça, classe e gênero.....	34
1.3 A dialética do senhor e do escravo.....	39
2 OUTRAS ENCRUZILHADAS.....	46
2.1 Amílcar Cabral e a África.....	46
2.2 A Práxis.....	49
2.3 O Marxismo e a Política.....	52
2.4 A Alienação.....	60
2.5 A Cultura.....	64
2.6 bell hooks ou Educação e Amor.....	76
3 EBÓ EPISTEMOLÓGICO.....	83
3.1 Escrevivência.....	83
3.2 Escrevivência como Princípio Conceitual- Metodológico.....	90
3.3 Escrevivendo.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS.....	109

INTRODUÇÃO

Nossos passos vêm de longe.
Jurema Werneck

Meus Passos Vêm de Longe

Começo o texto me apresentando, pois sou a primeira encruzilhada¹ deste trabalho. Meu nome é Andréa Cavalcanti de Mendonça, filha de Valeria e Hélio José. Mulher, cis-heterossexual, gorda, negra, amefricana², feminista negra e de esquerda. Professora, educadora, mediadora, docente, pedagoga e futura mestra. São os meus passos e das minhas ancestrais que me conduziram a essa pesquisa, e eles vêm de longe.

Para chegar à motivação deste estudo, faz-se necessário falar da minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica. É nesse cruzamento que inicia a intenção de pesquisar sobre identificações, que chamo de encruzilhada, entre Lélia Gonzalez e Paulo Freire.

Filha de pai branco e mãe negra, nasci parda. Nascer parda no Brasil pode trazer tanto vantagens quanto desvantagens. Vai depender de como a sua *pardalidade*³ é vista. E até mesmo em como me vejo. Porque ser parda não é ser preta e nem branca. É um não lugar:

O pardo não é raça, não é povo, não é cidadão brasileiro. Ele é o estágio transitório entre a base da pirâmide (os negros) e o topo (os brancos). Não é branco, ainda não chegou no estágio sublime de branquitude que garante o direito à vida, oportunidades e cidadania, mas é prova viva da boa vontade e do esforço de se embranquecer tão valorizado por uma elite branca que, desde sempre, morre de medo dos pretos fazerem daqui o Haiti (SENA, 2018, s/p).

Esse estágio transitório em que nada se permite a pessoas que sejam pardas, seja para pedir cotas em concurso e até se candidatarem a cargos públicos. Ser parda é uma construção social. Essa mesma categoria que pode ser vantajosa em certos momentos, pode ser, e quase sempre é, uma desvantagem, já que vivemos numa sociedade racista que acredita no mito da democracia racial.

Historicamente, a sociedade brasileira, como muitas outras, enfrentou desafios significativos relacionados à desigualdade racial e à discriminação. Esses problemas têm raízes profundas e são influenciados por uma variedade de fatores históricos, sociais e econômicos.

A promulgação da Lei Áurea de 1888 aboliu a escravatura no Brasil, mas não o preconceito e a discriminação. A falsa ideia de que somos todos iguais “perante a lei” e que a

¹ Conceito que será apresentado mais adiante.

² Conceito utilizado por Lélia Gonzalez que expressa a nossa ancestralidade ameríndia e africana.

³ Neologismo.

negra é “uma cidadã igual às outras”, é o que chamamos de mito da democracia racial. Essa falsa harmonia inter-racial foi criada pela direita e “leva a sociedade brasileira a se alienar de uma realidade que lhe é cotidiana” (Gonzalez, 2020, p. 345). A origem desse mito tem a ver com a desmobilização das negras que se organizaram, explodindo na Frente Negra Brasileira, nos anos 1930 (Gonzalez, 2020).

O reconhecimento do potencial e a valorização das contribuições dos negros na sociedade são passos fundamentais para a construção de um Brasil mais igualitário e justo. É um processo contínuo que requer a participação e o comprometimento de todos os setores da sociedade. Por isso a importância de cruzar as ideias e abordagens de Lélia Gonzalez e Paulo Freire é extremamente fascinante e rica em potencial para contribuições significativas nos campos da educação, sociologia e estudos de gênero e raça.

Hoje o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) considera negras a junção das pretas e pardas. No censo de 2022, a pesquisa mostrou que 47% da população brasileira é parda e que, juntamente com as pretas, somam 56,1% da população, ou seja, não somos minoria (IBGEeduca, 2023) e essa “não minoria” nos é dada graças à nós, pessoas pardas.

Com a vida, aprendi que mulher para ficar bonita tem que sofrer, que pobre tem mais é que morrer e que mulher preta tem que casar com branco para clarear as filhas. Formada por uma cultura branca cis-heteronormativa, cheguei à adolescência totalmente embranquecida, estética e mentalmente, sofrendo as consequências de ser gorda, como, por exemplo, não conseguindo roupas que me coubessem. É neste contexto que chego ao Ensino Médio. Passei no concurso para a Escola Normal Carmela Dutra e me formei professora, profissão que sonhava desde a infância.

Não sei bem quando meu interesse pela obra freireana começou, minha trajetória não é linear. Primeiro tornei-me professora, para depois ser pedagoga e, mais adiante, tornar-me negra. Não me lembro de ter sido estimulada a ler Paulo Freire na faculdade, se fui, peço desculpas, tenho memória ruim; mesmo assim, meu trabalho de conclusão da graduação foi sobre o método sociolinguístico, com influência de Emília Ferreiro⁴ e contribuição de Paulo Freire. Essa situação ilustra como ideias e teorias podem influenciar nosso pensamento e trabalho, mesmo que não nos lembremos exatamente de como ou quando fomos expostos a elas.

⁴ Psicóloga e pedagoga nascida no Argentina e radicada no México, autora do livro *Psicogênese da Língua Escrita*, livro de grande influência para a alfabetização brasileira.

Paulo Freire, um educador e filósofo brasileiro, é conhecido mundialmente por seu trabalho na educação popular e sua metodologia crítica, centrada no diálogo e na conscientização. Já Emília Ferreiro, uma psicóloga argentina, é reconhecida por suas contribuições na área da psicogênese da língua escrita, influenciando significativamente a alfabetização e o ensino da leitura e da escrita.

A combinação dessas duas abordagens em meu trabalho de conclusão de curso sugeriu uma fusão interessante entre a pedagogia crítica de Freire, que enfatiza a educação como prática de liberdade e um processo de humanização, e a perspectiva de Ferreiro sobre o desenvolvimento da linguagem e a alfabetização. Entendo que essa integração ofereceu uma abordagem inovadora para a minha aprendizagem, respeitando o contexto sociocultural dos alunos e reconhecendo-os como agentes ativos no processo educacional.

Fiz pedagogia na Universidade Estácio de Sá, me formei somente em 2018, graças ao PROUNI⁵, 18 anos depois de já estar trabalhando como professora de escola pública. Antes, já havia tentado fazer Letras duas vezes e Pedagogia uma vez. Na primeira tentativa, parei por falta de dinheiro, na segunda, porque percebi que letras não era o que eu queria e a pedagogia, por não estar preparada para estudar no formato EAD.

Sou professora II da rede municipal de educação do Rio de Janeiro desde 2000. Trabalho com o que amo, mas, às vezes, lamento amar tanto a educação. Não é fácil o caminho de uma professora/educadora/mediadora/docente/pedagoga que sonha com uma sociedade mais justa.

Ser professora é um ponto fundamental para essa pesquisa, pois ser professora é a minha primeira encruzilhada, é de onde sai o interesse pelas obras de Paulo Freire e a curiosidade em entender a minha identidade racial. Para trabalhar a identidade dos estudantes, é fundamental que as professoras conheçam a sua identidade. Ouso a dizer que esse é o grande nó para o bom desenvolvimento da prática da Lei 10.639⁶.

Eu sempre gostei de ser professora, tinha a ideia de salvar o mundo, acho que por isso me identifiquei tanto com Paulo Freire, porém minha visão era mais romantizada e isso me custou muito. Sofri muito vendo de perto o sofrimento dos meus alunos. Muitos casos de agressão física e psicológica. Ouvi e presenciei coisas que jamais imaginei, coisas que nenhuma professora falou, nenhum livro do Paulo Freire avisou. O custo foi tão alto, que paguei com a saúde, mental e física, porque elas estão atreladas.

⁵ Criado em 2004 pelo governo federal, o Programa Universidade para Todos (Prouni) é uma iniciativa para facilitar o acesso de alunos de baixa renda ao ensino superior.

⁶ Lei que obriga a incluir no currículo oficial da Rede de Ensino o ensino da história e cultura afro-brasileira.

Sou uma professora amiga, daquelas que conversa com estudantes e explica o porquê das coisas. Tento evitar o autoritarismo, que infelizmente às vezes ainda faço uso eventualmente quando estou com turmas muito complicadas. Gosto de fazer uso de artes e tecnologias, isso encanta os alunos, música é essencial! Geralmente, ficamos tão íntimos que brinco com eles e viro criança também e com o tempo eles aprendem que essa intimidade não anula o respeito, isso porque eu ganho respeito pela afetividade e não pelo autoritarismo e pelo medo.

São mais de 23 anos na rede municipal e confesso que cansa o descaso das autoridades, a falta de recursos, a quantidade de problemas que fogem do alcance pedagógico. A alfabetização era, inicialmente, minha área preferida, mas me inscrevi numa especialização da PUCRS em Educação Transformadora: pedagogia, fundamentos e práticas (custeada por uma tia), e após pensar em várias possibilidades de escrita, acabei escrevendo mais uma vez sobre Paulo Freire, desta vez falando sobre seu pensamento e obra em tempos de pandemia.

Sempre gostei muito de estudar, adorava fazer cursos e com a pandemia, mergulhei nas várias possibilidades que o ensino a distância proporcionou. Por sorte, pelo destino ou pelas boas energias do universo, iniciei um curso de extensão sobre Paulo Freire. Curso ministrado por Aristóteles Berino, do PPGEduc/UFRRJ, que hoje é meu orientador e estudo numa universidade que, pela distância de onde eu moro, nunca imaginei estudar. A verdade é que devido às tentativas anteriores de terminar o ensino superior, eu não confiava em mim, não achava que conseguiria me formar e, muito menos, conseguir entrar num mestrado.

Ao mesmo tempo que participava dos encontros *on-line* sobre Freire, que me inspiraram a escrever sobre ele no trabalho de conclusão da especialização, também participava de um grupo de estudos sobre Lélia Gonzalez.

Até então, nunca tinha me visto como negra, pelos motivos já citados, sempre tive passabilidade, mas também não me entendia como pessoa branca. Eu me achava pouco parda para ser negra e muito parda para ser branca, ao ponto de perguntar às amigas mais próximas como me enxergavam. Foi Sueli Carneiro (2004) que enegreceu meu pensamento ao afirmar que negras são pessoas pardas e pretas. Essa consciência veio para mim já adulta.

Nasci parda, é o que diz a certidão de nascimento, mas assim como Lélia Gonzalez, só me tornei negra adulta. Minha primeira consciência foi de classe, depois gênero e raça, respectivamente. E no meio desse meu entendimento de raça, descubro Lélia⁷ e toda a sua

⁷ Durante o texto haverá momentos em que os autores principais da pesquisa, Lélia Gonzalez e Paulo Freire, serão citados somente pelo primeiro nome. A justificativa está no terceiro capítulo, página 100.

potência. E foi de mãos dadas com Lélia Gonzalez e Paulo Feire, que atravessei o caos da pandemia e cheguei ao mestrado. São duas entidades, cada uma com seu ponto de partida.

Encruzilhada Epistemológica

Antes de falar sobre encruzilhada, é preciso falar sobre seu dono, Exu. Adilson Martins (2001, e-book) afirma que “como diversos heróis trapalhões, Exu está ligado à vida e à morte, ao caminho dos humanos ao longo da existência, à vitalidade, à alegria, à saúde e à espontaneidade das emoções”.

Na Umbanda, Exu é uma entidade, um espírito ligado aos caminhos, já no Candomblé, é um orixá, uma divindade, a personalização de fenômenos e energias naturais. Consultando o dicionário (EXU, 2022), encontrei duas definições antagônicas “Entidade de cultos afro-brasileiros, como o candomblé e a umbanda, que é uma espécie de mensageiro que leva os pedidos e oferendas das pessoas aos orixás” e “O diabo”. Essa demonização de Exu deu-se por conta da colonização europeia que tentou, e ainda tenta, acabar com a herança e a cultura africana em nome de uma suposta superioridade cultural.

Como Hermes [deus grego], Exu é filho do pai de todos os deuses. [...] Como Loki [mitologia germânica], Exu gosta de sair em aventuras com o irmão guerreiro. [...] Como o Coiote [folclore dos índios norte-americanos], Exu cria leis para governar a vida das pessoas e cuida para que elas sejam cumpridas. [...] Como o Rei Macaco [mitologia chinesa] e o Jabuti [folclore africano], questiona regras e ultrapassa limites. [...] Como Pedro Malasartes [herói popular de península Ibérica], Exu procura tirar proveito das situações e conseguir o que lhe convém. [...] Como o Saci Pererê [folclore brasileiro], Exu cria problemas para aqueles que não seguem as regras (pois existem regras, naturais e mágicas, para que as coisas sejam feitas corretamente, sem perigo nem erro). Mas quem conseguir dominá-lo ou cativá-lo tem garantida a ajuda do seu Exu (Exu, 2022).

Para muitas pessoas, Exu é o signo que representa o inacabamento. Entendo com Luís Rufino (2016) que “Exu é o orixá iorubano que versa sobre os princípios da mobilidade, da transformação, das imprevisibilidades, trocas, linguagens, comunicações e toda forma de ato criativo”. Como o mesmo diz mais adiante “Exu é primordial. O primeiro a ser criado, a protomateria, é ele que nos concede a condição de existência, como também é o poder que operando o tom do acabamento em tudo que é criado” (Rufino, 2016).

Se Exu é senhor de todas as possibilidades, as encruzilhadas são campos de possibilidades, tempo/espaço de potência, onde todas as opções se atravessam, dialogam, se entroncam e se contaminam (Rufino, 2016).

Somos encruzilhadas. Somos feitas de encontros e de fronteiras. A encruzilhada-eu encontra uma encruzilhada-outra e outras. Luiz Antonio Simas (Simas; Rufino, 2018, s/p) diz

que, na encruzilhada, os saberes canônicos também moram. Logo, estamos dialogando com os saberes canônicos o tempo todo. E completa:

A ideia de encruzilhada é um conceito fundamental para pensarmos também a diáspora africana, porque a gente reflete sobre o Atlântico como uma encruzilhada. Viver na encruzilhada [...] é um estado de disponibilidade. Um estado de disponibilidade para as miudezas do cotidiano que desvelam muitas coisas, um estado de disponibilidade na posição de pesquisador, de alguém que reflete, que tem produção intelectual. A disponibilidade para saber que a prática pode mudar radicalmente as suas perspectivas iniciais, porque o saber precisa ser praticado (Simas; Rufino, 2018, s/p).

Com um trecho de Rufino publicado na mesma entrevista, acrescento:

A grande potência da encruzilhada é a do caminho enquanto possibilidade, um caminho pautado na dimensão da imprevisibilidade, do inacabamento e sempre da possibilidade. A encruzilhada talvez seja a grande astúcia e a grande capacidade de vencer a demanda soprada pelo projeto moderno ocidental enquanto projeto totalitário, um projeto assentado numa obsessão cartesiana e positivista, que não sabe se relacionar em nenhuma hipótese com algum tipo de imprevisibilidade [...]. A encruzilhada traz para a gente todo um manancial político e filosófico para pensar o que esse mundo já produziu e o que ainda tem em potência para se produzir. O grande problema da racionalidade ocidental é se pautar pelo excesso de explicação, pelo excesso de palavras e conceitos. (Simas; Rufino, 2018, s/p).

Seguindo e tomando como exemplo a coragem de autores como Abdias do Nascimento (1982), Luiz Rufino (2016) e Débora Alcântara (2017), me liberto da autoridade epistêmica convencional, acionando “a noção de encruzilhada para dentro das discussões acadêmicas; noção, esta, presente em diversas tradições do pensamento afrodescendente” (Alcântara, 2017) e incorporo a definição de encruzilhada epistemológica de Kafure (2018, p. 70):

A encruzilhada epistemológica pode ser entendida assim como os caminhos gerados de uma ruptura enquanto corte transversal das concepções de ciência, talvez tal ruptura tenha raiz na própria relação entre potência e ato na ciência, a potência sem objeto do senso comum, que é a imaginação, o ato da objetividade permeada por mediações que alteram o objeto só pela sua objetificação.

É partindo desta definição que proponho essa encruzilhada epistemológica entre Lélia Gonzalez e Paulo Freire.

De início, pode parecer conflitante querer aproximá-los. Uma feminista negra e um homem branco que foi acusado de ter uma escrita machista, assunto que será tratado no próximo capítulo. Todavia, minha intenção não é colocá-los em nenhum lugar, pelo contrário! Quero tirá-las de possíveis caixinhas e trazê-las para a encruzilhada, pois:

Encruzilhada é justamente um destes conceitos, que diz o seguinte: não há só um caminho. O projeto da modernidade ocidental construiu a dimensão do entendimento de forma polarizada. Existe o certo e o errado, o bem e o mal, deus e o diabo, o civilizado e não-civilizado, o eu e o outro, o familiar e o exótico. A encruzilhada desmantela isso tudo, rompe com os binarismos e aponta uma perspectiva de responsabilidade para nossas escolhas (Simas; Rufino, 2018, s/p).

A orientação pela encruzilhada aponta para a construção de um projeto decolonial e antirracista, tendo em vista a necessidade de que a ciência ocidental tem de aceitar e reconhecer novas epistemologias. Acredito que “as possibilidades nascem dos cruzos e da diversidade

como poética/política na emergência de novos seres e na luta pelo reencantamento do mundo” (Rufino, 2019, p. 6).

Além da *encruzilhada*, esta pesquisa utilizará outros termos também usados por Luiz Rufino (2016), como a noção de: *rolê epistemológico* que se inspira nas sabedorias da capoeira para propor ações de desvios e avanços; *ebó epistemológico*, compreendendo todas as operações teórico/metodológicas que vêm a produzir efeitos de encantamento (a integração entre o visível e o invisível) nas esferas de saber e, para finalizar, a noção de *cruxo*.

Noção que compreende os procedimentos teórico-metodológicos que se orientam pelas lógicas assentes no signo Exu e em suas encruzilhadas. [...] No que tange as questões acerca da produção de conhecimentos, essa noção versa-se como uma resposta responsável, fiel à noção de que nossas práticas de saber se tecem a partir das relações, e das consequentes alterações e acabamentos que nos é dado pelos outros (Rufino, 2016, p. 6).

O trabalho de Rufino (2016) ressalta a importância das relações e interações na produção de conhecimento, destacando que o saber é construído através das trocas e influências mútuas entre as pessoas. Esta perspectiva desafia abordagens mais tradicionais e individualistas de conhecimento, sugerindo uma visão mais holística e coletiva. Estes conceitos são particularmente relevantes no contexto da educação e da pesquisa, onde podem oferecer novas maneiras de pensar sobre aprendizado, ensino e produção de conhecimento. Eles incentivam a exploração de abordagens mais integrativas e colaborativas, valorizando a diversidade de experiências e perspectivas.

O cruxo: Lélia Gonzalez e Paulo Freire

Em 1935 nasceu a belo-horizontina Lélia Almeida, a penúltima de 18 filhos de Dona Urcinda, indígena e analfabeta, e seu Acácio, um homem negro operário. Lélia aproveitou a oportunidade que outros irmãos tiveram, o estudo. Ainda em Belo Horizonte, fez jardim de infância graças à sua mãe que foi ama de leite de uma família e esta tinha uma criança com a mesma idade de Lélia Gonzalez. E, por terem criado uma amizade, o pai da criança pagou a escola para Lélia que sempre foi uma aluna dedicada.

A família veio para o Rio de Janeiro quando ela tinha 7 anos por conta de um irmão que foi contratado pelo Flamengo e aqui ela fez o ensino fundamental em escola pública municipal. Já o ensino médio, Lélia concluiu no Colégio Pedro II. Quando criança, além da escola, também trabalhava como babá de “filhinho de madame” (Gonzalez, 2020, p. 438).

Na faculdade, ela já era “uma pessoa de cuca, já perfeitamente embranquecida, dentro do sistema” (*Ibid.*, p. 392), graduou-se em História e Geografia, fez mestrado em comunicação

e doutorado em antropologia política, atuando como professora em escolas de nível médio, faculdades e universidades.

Foi na faculdade que ela conhece e casa com Luiz Carlos Gonzalez, um homem branco de origem espanhola, contudo, a família dele não aceita a união, trazendo à tona o racismo e a falsa ideia da democracia racial, fazendo com que tempos depois Luiz Carlos cometesse suicídio.

Esse fato marcou profundamente a sua vida e em homenagem a ele, não retirou o Gonzalez do seu nome. Lélia não só se tornou Gonzalez, mas se tornou negra, por que como ela mesmo disse, ela não nasceu negra, ela se tornou. “A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora. Aí entra a questão da identidade que você vai construindo” (Gonzalez, 2018, p. 369).

Foi então que a sua cabeça deu uma *dançada* (Gonzalez, 2020) e decidiu fazer análise, indo *transar* com seu povo as manifestações culturais e as religiões afro, voltando as origens.

Destacando a relação com sua mãe:

Voltei às origens, busquei as minhas raízes e passei a perceber, por exemplo, o papel importantíssimo que a minha mãe teve na minha formação. Embora índia e analfabeta, ela tinha uma sacação assim incrível a respeito da realidade em que nós vivíamos e, sobretudo, em termos de realidade política. E me parece muito importante eu chamar atenção para essa figura, a figura de minha mãe, porque era uma figura do povo, uma mulher lutadora, uma mulher inteligente, com uma capacidade de percepção muito grande das coisas e que passou isso para mim... Que a gente não pode estar distanciado desse povo que está aí, senão a gente cai numa espécie de abstracionismo muito grande. Ficávamos fazendo altas teorias, ficávamos falando de abstrações, enquanto o povo se encontrava numa outra, vendo a realidade de uma outra forma (Gonzalez, 2020, p. 394).

Transava, como ela mesmo dizia, várias paradas. Autora de enredo de escola de samba, julgadora de bloco Afro, candidata a deputada, flamenguista e salgueirense. “Lélia investiu, ainda, na psicanálise, antropologia, candomblé e meditação. Na verdade, sua trajetória pode ser entendida como a de alguém que busca compreender a própria existência” (Barbosa, 2015, p. 51).

Foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado contra Discriminação e o Racismo (MNUCDR), em 1978, atualmente Movimento Negro Unificado (MNU), principal organização na luta do povo negro no Brasil e seu legado contribuiu para impulsionar não apenas a problemática racial no Brasil, mas também o papel da mulher negra na sociedade.

Se candidatou duas vezes. Pelo PT, em 1982, como deputada federal, sendo eleita como primeira suplente, e em 1986 candidatou-se a deputada estadual pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) e era com este panfleto (figura 1) que ela se apresentava:

Figura 1: Panfleto da campanha de Lélia Gonzalez.

- Quem é Lélia Gonzalez?**
1. Penúltima de uma família de dezoito irmãos, mãe índia e pai negro, ferroviário.
 2. Formação universitária: graduação em História e Filosofia; pós-graduação em Comunicação e Antropologia; cursos livres em Sociologia e Psicanálise.
 3. Militante do Movimento Negro. Fundadora do Movimento Negro Unificado. Vice-Presidente Cultural do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN).
 4. Membro do Conselho Diretor do Memorial Zumbi.
 5. Militante da luta contra a discriminação da mulher. Primeira mulher negra eleita uma das “Mulheres do Ano” pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, em 1981.
 6. Membro do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.
 7. Primeira mulher negra a sair do país para divulgar a verdadeira situação da mulher negra brasileira. Vice-Presidente do 1º e do 2º Seminário da ONU sobre a “Mulher e o apartheid” (Montreal-Canadá e Helsinque-Finlândia, 1980). Representante brasileira do Fórum da Meia Década da Mulher (Copenhague-Dinamarca, 1980). Convidada especial da ONU para a conferência sobre “Sanções” contra a África do Sul (Paris-França, 1981). Representante brasileira no Seminário “Um outro desenvolvimento com as mulheres” (Dacar-Senegal, 1982). Representante brasileira no Fórum de Encerramento da Década da Mulher (Nairóbi-Quênia, 1985).
 8. Autora de artigos (no Brasil e no exterior) e livros sobre as condições de exploração e opressão do negro e da mulher.
 9. Membro do Conselho Diretor da Sociedade Internacional para o Desenvolvimento (SID), com sede em Roma.
 10. Professora com longa experiência de trabalho em escolas, colégios e universidades; atualmente, é professora de Cultura Popular Brasileira e de Proxemia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

Fonte: Ratts; Rios (2010) - Livro Lélia Gonzalez - Retratos do Brasil Negro.

Ratts e Rios (2010) afirmam que, desde o ano de 1999, um vasto material tem sido produzido sobre as ideias e a vida dessa ativista: “Alguns de seus artigos são citados em trabalhos contemporâneos escritos em português, inglês, espanhol e francês, os quais abordam as relações raciais e de gênero”.

Lélia é hoje reconhecida e reverenciada de várias maneiras: é nome de um colégio estadual no bairro de Ramos (Rio de Janeiro), de um Centro de Referência Negra (Goiânia), de uma Cooperativa Educacional (Aracaju). Nas mãos de Anna Rigato e Cláudio Donato, sua figura virou grafite para a fachada de um ponto de cultura voltado para mulheres (Guarulhos). Por duas vezes o bloco afro Ilê Aiyê a homenageou no carnaval baiano: em 1997, inserindo-a no tema “Pérolas Negras do Saber”, e, no ano seguinte, com o tema “Candaces”. A peça Candaces – A reconstrução do fogo, inspirada em suas reflexões, com texto e direção de Marcio Meirelles e realização da Cia. dos Comuns, foi apresentada em 2003, no Rio de Janeiro, nos teatros Gláucio Gil e Carlos Gomes. Em 2000, a Associação Nacional dos Docentes de Instituições do Ensino Superior (Andes) criou uma premiação nacional em distintas áreas, sendo que o prêmio para ensaios sobre educação e o negro brasileiro levava o nome de Lélia Gonzalez. Em São Paulo, a biblioteca do Geledés – Instituto da Mulher Negra também receberia seu nome em 2002 (Ratts; Rios, 2010, p. 13).

Lélia deixou esse plano em 1994, mas seu legado está sendo perpetuado por Melina de Lima, sua neta e diretora de cultura e educação do Instituto e Memorial Lélia Gonzalez e co-fundadora do projeto Lélia Gonzalez Vive e por todas as pessoas que a estudam, leiam e pesquisem.

Paulo Reglus Neves Freire, nascido em Recife em 1921, teve uma trajetória de vida marcada por experiências significativas que moldaram sua visão sobre educação e sociedade. Filho de Edeltrudes Neves Freires e Joaquim Temístocles Freire, Paulo Freire foi alfabetizado de maneira pouco convencional, utilizando gravetos para escrever no chão do quintal sob a orientação de sua mãe. Essa experiência inicial com a educação, somada à perda precoce de seu pai aos 13 anos – um evento que compartilha com a renomada intelectual Lélia Gonzalez –, possivelmente influenciou sua compreensão empática e humanista do processo educativo.

Após concluir a escola primária, Freire prosseguiu seus estudos no Colégio Oswaldo Cruz, onde mais tarde viria a ensinar língua portuguesa. Aos 22 anos, ingressou na faculdade de direito do Recife, a única opção disponível na área de Humanas na época. Durante seus anos universitários, conheceu Elza Maria Costa Oliveira, com quem se casou em 1944 antes de completar seus estudos. Elza não apenas se tornou sua companheira de vida, mas também uma colaboradora intelectual fundamental, contribuindo significativamente para o desenvolvimento do trabalho de Freire ao longo dos anos. Juntos, tiveram cinco filhos.

A carreira de Paulo Freire como educador começou no Colégio Oswaldo Cruz, onde lecionou língua portuguesa. Sua experiência como professor nessa instituição foi crucial para o desenvolvimento de suas ideias pedagógicas. Em 1947, assumiu o cargo de diretor do setor de educação e cultura do Serviço Social da Indústria (SESI), posição que ocupou até 1954. Durante

esse período, ele teve a oportunidade de aprofundar suas reflexões sobre educação, cultura e sociedade, o que eventualmente o levou a desenvolver sua abordagem revolucionária para a educação, centrada no diálogo, na consciência crítica e na libertação.

Esses anos formativos e as experiências acumuladas ao longo de sua carreira, tanto pessoais quanto profissionais, foram fundamentais para a formação do pensamento de Paulo Freire. Suas ideias não apenas transformaram o campo da educação no Brasil, mas também tiveram um impacto profundo em práticas pedagógicas ao redor do mundo, tornando-o um dos educadores mais influentes do século XX.

No SESI, teve contato com a educação de adultos e viu o quanto eles precisavam enfrentar o analfabetismo. Ainda nos anos 1950 fundou o Instituto Capibaribe e foi nomeado pelo prefeito membro do Conselho Consultivo de Educação do Recife e alguns anos depois, foi designado para o cargo de Diretor da Divisão de Cultura e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife. Foi lecionando filosofia da educação na escola de serviço social que teve suas primeiras experiências como professor de nível superior.

Em dois de janeiro de 1961 tomou posse do cargo de professor efetivo de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife. No ano seguinte o reitor concedeu-lhe o certificado de Livre-Docente da cadeira de História e Filosofia da Educação da Escola de Belas Artes. Foi também um dos “Conselheiros Pioneiros” do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco.

Firmou-se como educador progressista no congresso no II Congresso Nacional de Educação para adultos, em julho de 58, onde foi relator da comissão regional de Pernambuco e autor do relatório intitulado “A Educação de Adultos e as Populações Marginais: O Problema dos Mocambos”.

Na década de 1960, Paulo Freire emergiu como uma figura proeminente no campo da educação, especialmente com seu projeto inovador de alfabetização de adultos. Esse projeto não apenas demonstrou sua abordagem única para a educação, mas também refletiu seu compromisso profundo com as populações marginalizadas. Dez anos depois, a publicação de "Pedagogia do Oprimido" elevou Freire a um patamar de destaque internacional, consolidando sua reputação como um educador excepcional e um pensador revolucionário.

É crucial ressaltar a importância histórica e política do contexto em que "Pedagogia do Oprimido" foi escrito e publicado. O livro, iniciado no Brasil e concluído no Chile, reflete a turbulência política e social da América Latina, particularmente em relação às ditaduras que

marcaram a região. A obra de Freire teve que ser introduzida clandestinamente no Brasil, onde foi escrita à mão, devido às restrições impostas pelos regimes autoritários. Esse fato destaca não apenas a relevância do trabalho de Freire, mas também o seu impacto e a urgência de suas ideias em um contexto de opressão política e social.

A publicação de "Pedagogia do Oprimido" ofereceu uma crítica poderosa às estruturas de poder e às práticas educacionais tradicionais, propondo um modelo de educação baseado no diálogo, na reflexão crítica e na emancipação dos oprimidos. Este livro não apenas ressoou com os desafios enfrentados pelas sociedades latino-americanas sob regimes ditatoriais, mas também se tornou um texto fundamental para educadores e ativistas em todo o mundo, influenciando movimentos sociais e práticas pedagógicas em diversas culturas e contextos políticos.

A trajetória de "Pedagogia do Oprimido", desde sua criação até sua disseminação clandestina, ilustra a coragem e a determinação de Freire em desafiar as injustiças e promover uma educação que seja verdadeiramente libertadora. Esta obra é um testemunho da luta contínua contra a opressão e um símbolo da resistência contra regimes autoritários, não apenas na América Latina, mas em todo o mundo.

Este livro, dedicado aos “os esfarrapados do mundo”, foi escrito durante o exílio e publicado nos EUA, chegando ao Brasil 6 anos depois. Com mais de 1 milhão de livros vendidos e traduzido em mais de 20 línguas, é inegável a importância dessa obra e de seu autor. Assim como é importante sua referência no campo da educação popular.

Pode-se dizer que Paulo Freire foi o educador brasileiro que mais abriu as portas para a “Educação Popular como política pública” (Pontual, 2004; 2011) por meio de sua atuação como secretário municipal de Educação de São Paulo e, particularmente, com a criação do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP) (Gadotti, 2014, p. 29).

De acordo com Aristóteles Berino (2021, p. 161), Freire foi influenciado pela fenomenologia, pelo existencialismo e, a partir da década de 1970, pelo marxismo “Paulo Freire formulava a educação politicamente como um ato de conhecimento a propósito da nossa presença no mundo e ação libertadora para uma existência integral” (*Ibidem*).

Paulo Freire ficou conhecido nacionalmente como educador voltado para as questões do povo quando dirigiu a campanha de alfabetização de Angicos, Rio Grande do Norte e logo depois, foi para Brasília para realizar uma campanha de alfabetização. Dando início, sob sua coordenação, ao Programa Nacional de Alfabetização, que tinha a intenção de ensinar politizando através do Método Paulo Freire. Entretanto, as classes dominantes se sentiram ameaçadas e o programa foi extinto meses depois pelo governo militar de 1964.

Freire asilou-se na embaixada da Bolívia partido de São Paulo, sob a proteção do próprio Embaixador da Bolívia, em setembro de 1964. Dois meses depois, partiu para o Chile por conta de um golpe de estado na Bolívia e permaneceu lá por quase cinco anos trabalhando como assessor do Ministério da Educação do Chile e como consultor da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Em 1969, Paulo Freire embarcou em um novo capítulo de sua vida e carreira, mudando-se para os Estados Unidos. Lá, ele assumiu um papel influente como professor convidado na prestigiada Universidade de Harvard. Neste cenário acadêmico internacional, Freire teve a oportunidade de compartilhar e expandir suas reflexões sobre educação, diálogo e emancipação social. Sua passagem por Harvard não apenas enriqueceu o ambiente acadêmico com suas ideias inovadoras, mas também permitiu a ele estabelecer conexões com pensadores e educadores de diversas partes do mundo, ampliando o alcance e a influência de seu trabalho.

No ano seguinte, em 1970, Freire mudou-se para Genebra, na Suíça, onde assumiu a posição de Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas. Este papel não só reforçou sua influência no campo da educação, mas também lhe proporcionou uma plataforma para promover suas ideias sobre educação transformadora em um contexto global. Além disso, Freire se juntou ao corpo docente da Faculdade de Educação da Universidade de Genebra, o que significou um reconhecimento adicional de seu valor e impacto no campo educacional.

É importante mencionar também que, antes de sua estadia nos Estados Unidos e na Suíça, Freire viveu no Chile. Durante sua permanência lá, ele se dedicou a trabalhos relacionados à reforma educacional e alfabetização de adultos. O período que passou no Chile foi crucial para a consolidação de suas teorias educacionais, influenciando significativamente o desenvolvimento de "Pedagogia do Oprimido". O Chile, naquela época, estava passando por intensas mudanças sociais e políticas, e a experiência de Freire nesse contexto contribuiu para aprofundar sua compreensão dos desafios enfrentados pelos educadores em sociedades em transformação.

Esses anos no exterior foram fundamentais para a evolução de Paulo Freire como educador e pensador. Suas experiências internacionais não apenas enriqueceram sua compreensão da educação e da luta pela emancipação, mas também permitiram que suas ideias ganhassem reconhecimento e influência em uma escala global. Este período de sua vida destaca seu status como um educador e intelectual de renome mundial, cujas ideias continuam a inspirar e influenciar a prática educativa e a teoria crítica até hoje.

Sua volta ao Brasil aconteceu em 1979, quando aceitou ser professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e, em seguida, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Em 1986, ficou viúvo, se casando com Ana Maria Araújo Freire (Nita) dois anos depois. No governo de Luiza Erundina de Sousa (PT), foi Secretário de Educação do Município de São Paulo de 1989 à 1991, se aposentando logo em seguida. Faleceu no dia 2 de maio de 1997, em São Paulo, de parada cardíaca aos 75 anos.

Doutor *honoris causa* por 28 universidades, incluindo a UFRRJ, foi respeitado por intelectuais de todo o mundo. Seus prêmios, honrarias e homenagens são inúmeros e sua obra é composta por mais de trinta livros publicados em quase todo o mundo. A *Pedagogia do oprimido*, que é sem dúvida sua obra mais importante, foi traduzida e publicada em mais de vinte idiomas.

É o terceiro pensador mais citado do mundo em universidades da área de humanas. O levantamento foi feito através do Google Scholar – ferramenta de pesquisa para literatura acadêmica – por Elliot Green, professor associado da London School of Economics. Segundo ela, Freire é citado 72.359 vezes, atrás somente do filósofo americano Thomas Kuhn (81.311) e do sociólogo, também americano, Everett Rogers (72.780).

No período da pandemia, Aristóteles Berino (2021) falou sobre o significado desse educador fazer 100 anos num momento tão dramático, frase que ainda nos cabe muito bem tendo em vista que o presente texto está sendo redigido antes do período eleitoral para presidente (outubro de 2022): “Nos seus cem anos, [Freire] é também uma fonte para nutrir nossas esperanças quando tudo parece estar se fechando sobre a sociedade brasileira.” (*Ibidem*, p. 161). “Paulo Freire é alguém que chega aos cem anos ainda lúcido para nos ajudar frente aos desafios da nossa era”. (*Ibidem*, p. 160).

Partindo de uma nova percepção e condução das lutas emancipatórias que chegamos ao cruzo entre, tantos outros imaginados e admissíveis, Lélia Gonzalez e Paulo Freire. Recentemente, esse cruzo materializou-se em forma de arte. O muro da Escola Municipal Rivadávia Corrêa no centro do Rio de Janeiro foi totalmente revitalizado pela artista plástica RafaMon. Essa escola foi onde Lélia fez o antigo ginásio (2º segmento do ensino fundamental).

Figura 2. Escola Municipal Rivadávia Corrêa.



Fonte: Facebook da SME/RJ

É sabido que há pesquisas importantes sobre Lélia Gonzalez e Paulo Freire, separados, entretanto, ao fazer o estado da arte, procurando no site da *Scielo* e do *Google Acadêmico*, não foram encontradas pesquisas que tivessem as duas personalidades como objetos de estudo juntas.

Primavera para as Rosas Negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa (2018), foi o primeiro livro com copilado de textos da autora, organizado pela União dos Coletivos Pan-Africanistas, esta obra conheci participando do grupo de estudos sobre Lélia, tem um texto, em específico, que me chamou muita atenção: “A Mulher Negra na Sociedade brasileira”. Ele foi escrito em 1979 e publicado dois anos depois.

Nele, ela caracteriza “o racismo como uma construção ideológica cujas práticas se concretizam nos diferentes processos de discriminação racial” e usa as palavras de Carlos Hasenbalg propondo que raça se relaciona diretamente com o aspecto subordinado da reprodução das classes sociais. Além disso, fala sobre a tríplice discriminação (raça, classe e gênero), fazendo com que eu imediatamente relacionasse esse texto à obra de Paulo Freire. Lélia Gonzalez então fala sobre classe social?

Em *A Mulher Negra na Sociedade*, ela cita Louis Althusser (1976) em uma nota de rodapé falando da escola enquanto aparelho ideológico do Estado, condizendo com as ideias de Paulo Freire que escreveu um subcapítulo, no livro *Pedagogia da Autonomia* (1996, p. 125), chamado “Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica”.

Neste mesmo texto, quando fala sobre a mulher negra (Gonzalez, 2018, p. 51), ela fala da dialética do senhor e do escravo de Georg W. F. Hegel, me fazendo recordar do livro mais famoso de Paulo Freire: *Pedagogia do Oprimido*.

A pesquisa

Nosso objetivo geral é compreender de que forma as obras de Paulo Freire e Lélia Gonzalez se cruzam. E como objetivos específicos pretendemos: analisar a forma com que essas personalidades tratam as desigualdades sociais; identificar cruzos das obras principais desses dois autores; encruilhar Paulo Freire e a educação antirracista de Lélia Gonzalez; apontar como as questões de raça são existentes na obra de Lélia Gonzalez; refletir sobre o impacto da pesquisa sobre o pesquisador usando a escrevivência como metodologia.

A pesquisa é de cunho bibliográfico, a partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, por meio da análise de conteúdo e, também, numa abordagem aproximada e dialógica entre as obras selecionadas, usando contribuições das pesquisas em torno do campo da Literatura Comparada e da escrevivência como metodologia.

Vemos a educação popular (Brandão, 2012) como uma potência contra-hegemônica, antissexista e antirracista à emancipação humana como uma das principais estratégias no combate às desigualdades sociais” (Berino; Mendonça, 2021). Sendo o objeto desta pesquisa, o pensamento de Lélia e Paulo, o recorte se dá numa “perspectiva libertadora da educação para as mulheres negras nas lutas emancipatórias com base no enfrentamento das desigualdades de classe, de gênero e de raça” (Berino; Mendonça, 2021).

A escrevivência é um conceito criado por Conceição Evaristo:

Conceição Evaristo é referência obrigatória para pensarmos no processo de escritura, para quem o termo se constitui em um operador que inscreve as histórias na lápide da memória a partir das vivências. Escrita e vivência, para Evaristo, andam juntas, daí a emergência da expressão escrevivência em sua obra. Becos da memória e Ponciá Vicêncio, dois romances da escritora, consagram o método da escrevivência, com relatos memorialísticos que reatualizam o passado, tecem o presente e organizam o futuro. Escrevivência. (Borges, 2020, p. 189).

Antes de abordar o COMO, acho importante falar do PARA QUEM esta pesquisa está sendo feita. Eu não gostaria que esse trabalho ficasse exclusivamente no meio acadêmico. Isso não seria nem *freireano* e nem *gonzaleano*. Por isso, dediquei às esfarrapadas do mundo, como Freire usou, ao crioulo e negra, que são termos usados por Lélia. É ela quem me inspira e me dá forças para escrever. É ela que fala sobre diversos assuntos de forma fácil de se entender. É

ela que traz o pretuguês⁸. E é inspirada nela e no pretuguês que escrevo esse texto esperando que seja acessível a todas.

Quanto à metodologia, esta pesquisa conta com uma abordagem qualitativa, o trabalho está sendo desenvolvido a partir de uma pesquisa exploratória de não só registrar e analisar o tema proposto, mas também obter resultados e respostas acerca da problematização apresentada. Segundo Tumelero (2019), esta metodologia “melhora a compreensão sobre o problema de pesquisa a ser estudado, contribuindo para a formulação de hipótese”. Os descritores do estudo são: Paulo Freire. Lélia Gonzalez. Encruzilhadas. Escrivivência. Raça. Classe. Gênero.

Desse modo, está sendo utilizada a pesquisa exploratória através da análise de conteúdo que, de acordo com Severino (2017, p. 86), “descreve, analisa e interpreta as mensagens/enunciados de todas as formas de discurso, procurando ver o que está por detrás das palavras”. Como a obra de Paulo Freire é muito extensa, optei por pesquisar a obra de Lélia Gonzalez e procurar o que nela há em comum com Freire, mesmo porque, como já foi dito antes, pesquisei a obra do autor na graduação e na especialização e ainda tenho o auxílio do orientador que é um pesquisador da obra freireana.

Com referência à natureza das fontes utilizadas para a abordagem e tratamento do objeto (Severino, 2017), a pesquisa é bibliográfica e documental, utilizando para o seu desenvolvimento, teses, artigos, livros, jornais, fotos e documentários. Esta texto conta também com pesquisas feitas em livros digitais através do *Kindle*, para fazer buscas de palavras e/ou temas específicos e que foram de grande valia.

Como suporte teórico, temos as importantes obras de Freire: *Pedagogia do Oprimido* (2013), *Pedagogia da Indignação* (2006), *Pedagogia da Esperança* (2018), *Pedagogia da Autonomia* (1996), *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo* (2011b). De Lélia Gonzalez, os livros em que seus textos foram publicados, *Primavera para as Rosas Negras* (2018), *Por um Feminismo Afro Latino Americano* (2020) e também o recém-republicado, *Lugar de Negro* (2022).

Acrescenta-se, também, Luiz Rufino e Luiz Antonio Simas para pensar a encruzilhada e Exu; Alex Ratts e Flavia Rios para pensar em Lélia Gonzalez. Já Aristóteles Berino, Afonso Celso Scocuglia, Carlos Rodrigues Brandão e Moacir Gadotti dão suporte por serem pesquisadores da obra freireana;

⁸ Termo que trata da influência africana no idioma do Brasil. Será aprofundado futuramente.

Juntam-se a esse ebó epistemológico, Angela Davis, Bell Hooks, Grada Kilomba e Djamila Ribeiro, Patricia Hill Collins, Carla Akotirene, Frantz Fanon e Deivison Faustino.

Assim sendo, o primeiro capítulo intitulado *Encruzilhadas Iniciais* aborda as possíveis identificações e limitações iniciais, apontadas anteriormente, que me trouxeram até esta pesquisa: *Paulo Freire e o Feminismo Negro; Raça, Classe e Gênero e A Dialética do Senhor e do Escravo*.

O segundo capítulo, *Outras Encruzilhadas*, aborda outras identificações encontradas durante a pesquisa: Amilcar Cabral e a África; A Práxis; O Marxismo e A Política; A Alienação; A Cultura e bell hooks.

Por conseguinte, no capítulo “Ebó Epistemológico”, trago uma reflexão em forma de escrevivência, sobre o que vi, vivi e aprendi com essa pesquisa. O capítulo se subdivide em: Escrevivência; Escrevivência como Princípio Conceitual-Metodológico; Escrevivendo.

1 ENCRUZILHADAS INICIAIS

1.1 Paulo Freire e o Feminismo Negro

Antes de falarmos sobre feminismo negro, falaremos sobre feminismo. Este é um movimento social que luta pela igualdade de condições entre homens e mulheres, como por exemplo, a luta das mulheres do Reino Unido e dos EUA, brancas e de classe média, que buscavam os princípios incorporados pela Revolução Francesa, de liberdade, igualdade e fraternidade. Além disso, elas lutavam por igualdade jurídica, como o direito ao voto e desejando uma relação mais proporcional e equilibrada no casamento.

Na Inglaterra, por exemplo, o movimento se concentrou na luta pela igualdade de condições de trabalho nas indústrias inglesas durante o século XIX, chegando aos Estados Unidos, a partir do século XX.

Na década de 1960, surge outra onda que questiona o modelo patriarcal da época. *O Segundo sexo* da escritora feminista francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) é uma referência para o feminismo, tendo repercussão mundial. Essa obra da filósofa existencialista, memorialista e feminista (que Lélia Gonzalez chama de mulher extraordinária), considerada uma das maiores representantes do existencialismo na França, desconstruiu a ideia de que a hierarquização dos sexos seria uma questão biológica, mas sim o fruto de uma construção social pautada em regimes patriarcais.

A famosa frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1980) foi escrita neste livro, que Lélia se inspira e diz que costuma “retomar essa linha de pensamento no sentido da questão racial: a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha etc., mas se tornar negra é uma conquista” (Gonzalez, 2020, p. 369).

É importante ressaltar que feminismo não é o oposto de machismo. O feminismo é um movimento social, enquanto o machismo, de acordo com o dicionário Aulete Digital, é uma “opinião ou procedimento discriminatórios que negam à mulher as mesmas condições sociais e direitos do homem {sis}” (Machismo, 2022). É a palavra *femismo* que pode ser considerada o sinônimo do machismo (Feminismo, 2022).

Dizem que no Brasil, o movimento feminista começou a tomar corpo entre as décadas de 1930 e 1940, mas ao afirmar isso estamos apagando a memória daquelas que vieram antes de nós, como por exemplo as quilombolas como Aqualtune e Acotirene do Quilombo de Palmares (O guia do Quilombo conta que Aqualtune foi a primeira líder de Palmares, em 1597)

e Luiza Mahin, líder da revolta dos Malês, em 1835. Nossa sociedade era, e ainda é, patriarcal e o grande avanço dos movimentos feministas no período de 1930 e 1940 foi o direito ao voto, que, durante o governo do presidente Getúlio Vargas, só poderiam votar as mulheres casadas que tivessem permissão do marido e também as viúvas e solteiras que tivessem renda própria. Somente em 1946 o voto das mulheres tornou-se obrigatório.

Depois desta contextualização em torno do feminismo, é preciso pontuar que esse movimento não supre as demandas das mulheres negras. “Segundo Kilomba, o sujeito do discurso de gênero é a mulher branca e o sujeito do discurso sobre o racismo é o homem negro” (Leal, 2020).

Quando o feminismo diz que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar, não contempla as mulheres negras que sempre trabalharam como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras entre outros. E que nunca foram tratadas como frágeis. Feminismo que também não abordava a opressão racial e a exploração de classe, que são marcas da amefricanidade das mulheres negras e pobres deste país.

Por não serem nem brancas, nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supremacista branca. Nós representamos uma espécie de carência dupla, uma dupla alteridade, já que somos a antítese de ambos, branquitude e masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma. [...] Mulheres brancas tem um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o “outro” do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o “outro” do outro (Kilomba, 2012 Apud Ribeiro, 2016).

De acordo com Halina Leal (2020), Sojourner Truth foi a primeira a apontar isso no seu célebre discurso Não sou uma mulher? Proferido em 1851, na Convenção dos Direitos da Mulher em Akron, Ohio.

Num dos trechos de seu discurso, Truth afirma: “[...] eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! Não sou uma mulher? [...]”. O que se observa, e Sojourner Truth foi pioneira em apontar isto, é que as mulheres negras nunca foram vistas como frágeis, como quem requer algum tipo de cuidado. Muito pelo contrário, suas imagens sempre estiveram associadas à disponibilidade para trabalhar, cuidar e servir, inclusive sexualmente (LEAL, 2020, p. 17).

Nesse contexto, o Feminismo Negro ganha visibilidade a partir da década de 1970, com o Movimento de Mulheres Negras (MMN), onde pensadoras e ativistas negras problematizam a falta de uma abordagem interseccional nas pautas de gênero e de raça pelos movimentos sociais e articulam o Feminismo Negro como um movimento não essencialista que questiona a ideia de uma epistemologia universalista que envolve a valorização das experiências de vida e de visões de mundo das mulheres afrodescendentes (Leal, 2020).

No feminismo negro, o gênero é uma variável teórica que não pode ser separada de outros eixos, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas. Onde raça é o principal eixo articulador, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades (Carneiro, 2020). É o que Sueli Carneiro chama de enegrecer o feminismo:

Enegrecer o movimento feminista brasileiro tem significado, concretamente, demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da questão da violência contra a mulher pela introdução do conceito de violência racial como aspecto determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do país que não é branca; introduzir a discussão sobre as doenças étnicas/raciais ou as doenças com maior incidência sobre a população negra como questões fundamentais na formulação de políticas públicas na área de saúde; instituir a crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho como a “boa aparência”, que Mantém As Desigualdades E Os Privilégios Entre As Mulheres Brancas E Negras (Carneiro, 2020, p. 3).

Para enfatizar a força do termo feminismo negro evocamos Patricia Hill Collins (2017, s/p):

Usar o termo “feminismo negro” desestabiliza o racismo inerente ao apresentar o feminismo como uma ideologia e um movimento político somente para brancos. Inserindo o adjetivo “negro” desafia a branquidão presumida do feminismo e interrompe o falso universal desse termo para mulheres brancas e negras.

Lélia Gonzalez (1979) também escreve sobre a situação da mulher negra que não acompanhou o crescimento das classes médias, ficando relegada à condição de empregada doméstica, merendeira, servente, ou seja, “a libertação da mulher branca feito às custas da exploração da mulher negra” (*Ibidem*, p. 74). Com isso, o discurso do feminismo não contempla as necessidades dessas “mucamas permitidas” (Gonzalez, 2018, p. 202) que estão na base da pirâmide, tratando-se de discriminação.

O Feminismo Negro começa a ter visibilidade no Brasil a partir da década de 1970, com o (MMN) e ganha força nos anos 1980 a partir do III Encontro Feminista Latino-americano ocorrido em Bertioga, São Paulo, em 1985 e o I Encontro Nacional de Mulheres Negras (1988), em Valença, Rio de Janeiro. Em Bertioga surgem os primeiros Coletivos de Mulheres Negras, época em que aconteceram alguns Encontros Estaduais e Nacionais de mulheres negras:

Surgem organizações importantes como o Geledés, Fala Preta, Criola, além de coletivos e produção intelectual. Nesse sentido, Lélia Gonzáles surge como um grande nome a ser debatido e estudado. Além de colocar a mulher negra no centro do debate, Lélia vê a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população, uma vez que o modelo valorizado e universal é branco. Segundo a autora, o racismo se constituiu “como a ‘ciência’ da superioridade eurocristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação” (Ribeiro, 2016, p. 101).

É importante falar dessas organizações, principalmente o Geledés. O Criola é uma organização da sociedade civil que atua na defesa e promoção dos direitos das mulheres negras cis e trans e na construção de uma sociedade onde os valores de justiça, equidade e solidariedade

são fundamentais (Criola, 2017), o site Fala Preta é um espaço que busca visibilizar temas que provoquem reflexão no que tange às questões de gênero, raça e classe e que contribuam para o processo de identificação e reconstrução de nossas identidades por acreditar no poder transformador da arte, da cultura e da comunicação (Falapreta, 2017).

O Geledés Instituto da Mulher Negra foi fundado em 30 de abril de 1988 e é “uma organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras, em particular, e da comunidade negra em geral” (Geledés, 2009). Posiciona-se também contra todas as demais formas de discriminação que limitam a realização da plena cidadania, tais como: a lesbofobia, a homofobia, os preconceitos regionais, de credo, opinião e de classe social.

A direção de Geledés é formada exclusivamente por mulheres negras, tendo Sueli carneiro como uma de suas fundadoras e Solimar Carneiro, que faleceu no dia 11 de julho deste ano, como fundadora e diretora. Contudo organização conta com a colaboração de homens e mulheres. Atua em diversas áreas: Direitos Humanos (englobando os direitos econômicos, sociais e culturais); educação; comunicação; profissionalização e saúde.

Em Valença, o evento contou com a presença de 450 mulheres negras de 17 estados e foi considerado um importante marco na trajetória de luta do feminismo negro. Lélia escreveu que esse evento demonstrou “o quanto é fundamental a nossa organização, sobretudo quando se trata de um projeto de transformação social” (Gonzalez, 2020, p. 366) e fez críticas ao que chamou de essa postura ideológica equivocada, assumida pela Comissão Executiva do Encontro:

A afirmação de um feminismo erroneamente chamado de radical, quando, na verdade, sua marca é a do sectarismo. Fechado em si mesmo pela identificação imaginária que o fundamenta, seus critérios são o da reprodução especular (e haja espelho nessa história), caracterizados pelo sexismo extremado. Como lhe falta o impulso necessário para atingir o simbólico, ele não consegue apreender o real ou, como se diz, cair na real. Daí a grande distância que o separa da realidade vivida por milhões de mulheres negras deste país e a sua grande proximidade do modelo ariano de explicação (cujo elemento de sustentação é justamente o racismo) (Gonzalez, 2020, p. 366).

Tratamos do feminismo negro para chegar na primeira encruzilhada epistemológica que é o encontro de Paulo Freire com o feminismo negro que fizeram críticas pertinentes quanto à linguagem sexista da *Pedagogia do Oprimido*. A hipótese inicial era que Paulo Freire não conversava com o feminismo negro.

O livro *Pedagogia do Oprimido* recebeu inúmeras críticas por conter uma linguagem machista. O próprio autor fala sobre isso em *Pedagogia da Esperança* (2018a) que foi escrito no início dos anos 1990. Relata que, após a publicação do livro nos EUA, recebeu diversas cartas de mulheres criticando-o:

Me lembro como se fosse agora que estivesse lendo as duas ou três primeiras cartas que recebi, de como, condicionado pela ideologia autoritária, machista, reagi. E é importante salientar que, estando nos fins de 1970 e começos de 1971, eu já havia vivido intensamente a experiência da luta política, já tinha cinco a seis anos de exílio, já havia lido um mundo de obras sérias, mas, ao ler as primeiras críticas que me chegavam, ainda me disse ou me repeti o ensinado na minha meninice: “Ora, quando falo homem, a mulher necessariamente está incluída”. Em certo momento de minhas tentativas, puramente ideológicas, de justificar a mim mesmo, a linguagem machista que usava, percebi a mentira ou a ocultação da verdade que havia na afirmação: “quando falo homem, a mulher está incluída”. E por que os homens não se acham incluídos quando dizemos: “As mulheres estão decididas a mudar o mundo”? Nenhum homem se acharia incluído no discurso de nenhum orador ou no texto de nenhum autor que escrevesse: “As mulheres estão decididas a mudar o mundo”. Da mesma forma como se espantam (os homens) quando a um auditório quase totalmente feminino, com dois ou três homens apenas, digo: “Todas vocês deveriam etc. Para os homens presentes ou eu não conheço a sintaxe da língua portuguesa ou estou procurando “brincar” com eles. O impossível é que se pensem incluídos no meu discurso. Como explicar, a não ser ideologicamente, a regra segundo a qual se há duzentas mulheres numa sala e só um homem devo dizer: “Eles todos são trabalhadores e dedicados?” Isto não é, na verdade, um problema gramatical, mas ideológico (Freire, 2018a, p. 64).

Este livro tão importante trazia (e ainda traz) a palavra homem como sinônimo de pessoa, marcando a linguagem sexista na obra, como no trecho: “Desta forma, aprofundando a tomada de consciência da situação, os homens se ‘apropriam’ dela como realidade histórica” (Freire, 2013, p. 92). Onde o autor invisibiliza as mulheres usando o plural masculino nos padrões normativos da língua, práticas usuais no cotidiano e que externalizam comportamentos que reforcem a discriminação feminina.

Recorremos a Aristóteles Berino (2021, p. 222), pesquisador da obra freireana, que diz que “para um autor, é normal receber crítica dos seus contemporâneos e ver seu legado minuciosamente examinado pelas gerações seguintes”. Também nos apoiamos em bell hooks que, com toda sua genialidade, absolve Freire dizendo que o erro do livro é insignificante diante da sua grandeza. Ela afirma que nunca deixou de estar consciente do sexismo da linguagem dele e de outros, como, por exemplo, Frantz Fanon. E diz ainda:

Não quero, em nenhuma hipótese, que a crítica desse ponto cego eclipse a capacidade de qualquer pessoa (e particularmente das feministas) de aprender com as percepções. É por isso que é difícil para mim falar sobre o sexismo na obra de Freire; é difícil encontrar uma linguagem que permita estruturar uma crítica e ao mesmo tempo continue reconhecendo tudo o que é valioso e respeitado na obra (Hooks, 2017, p. 70).

A linguagem sexista tem origem na criação de gênero, em uma educação sexista recebida na família, na escola, na igreja, nos meios de comunicação, entre outros. A forma como falamos revela nossa visão de mundo:

A função mais importante da linguagem é a representação, o reconhecimento social, pois aquilo que não se nomina, não existe. Neste sentido a língua não diz somente aquilo que diz. Diz mais, diz o que está implícito e diz também o que não está dito (Rossi *apud* Bueno, 2015, s/p).

A reivindicação por uma linguagem não sexista no livro *Pedagogia do Oprimido* foi um chamamento para que Freire rompesse com essa prática machista criando uma nova consciência a partir da linguagem, pois, segundo Michel Foucault (*apud* Bueno, 2015, s/p), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

Além da *Pedagogia do Oprimido*, outra obra central para essa discussão é o livro *Pedagogia da Esperança*. Nela, o autor afirma que falar sobre a marca machista com que escreveu a *Pedagogia do Oprimido* e *Educação como prática de liberdade* não só é importante, como necessário:

Começarei exatamente pela linguagem machista que marca todo o livro e de minha dívida a um sem-número de mulheres norte-americanas que, de diferentes partes dos Estados Unidos, me escreveu, entre fins de 1970 e começos de 1971, alguns meses depois que saiu a primeira edição do livro em Nova York. Era como se elas tivessem combinado a remessa de suas cartas críticas que me foram chegando às mãos em Genebra durante dois a três meses, quase sem interrupção. De modo geral, comentando o livro, o que lhes parecia positivo nele e a contribuição que lhes trazia à sua luta, falavam, invariavelmente, do que consideravam em mim uma grande contradição. É que, diziam elas, com suas palavras, discutindo a opressão, a libertação, criticando com justa indignação, as estruturas opressoras, eu usava, porém, uma linguagem machista, portanto, discriminatória, em que não havia lugar para as mulheres (Freire, 2018, p. 91).

Nossa surpresa foi descobrir, por meio da leitura de outras obras, que em outros livros Paulo Freire escreveu de forma diferente. Em *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*, de 1971, é possível observar outra linguagem em que são usados masculino e feminino em vez de usar o masculino plural para se referir aos homens e mulheres: “Àqueles e àquelas que veem essas populações como ‘naturalmente inferiores e incapazes’” (Freire, 2011, p. 69).

Em uma entrevista (Viezzer *apud* Andreola, 2016, p. 612), o autor fala sobre o assunto:

Eu jamais teria escrito *Pedagogia do Oprimido* se, ao mesmo tempo, eu me permitisse oprimir minhas filhas, minha esposa e as mulheres com quem trabalho. As mulheres estão certas em organizar-se e dizer o que tem que ser mudado em relação às opressões que hoje sofrem. E nós, educadores, precisamos entendê-las, ouvi-las e acompanhar as mudanças que ocorrerão graças às suas iniciativas.

Além de se retratar em *Pedagogia da esperança*, o autor também aborda o tema em *À sombra desta mangueira*, *Pedagogia da indignação*, *Pedagogia dos sonhos possíveis* e *Pedagogia da libertação*. Em *Pedagogia dos sonhos possíveis*, além de falar sobre gênero, fala-se também sobre a *datalidade*⁹ da obra:

Sem evitar a questão de gênero, devo dizer que os leitores/as leitoras têm alguma responsabilidade em colocar meu trabalho inserido nesse contexto histórico e cultural; isto é, a pessoa lendo *Pedagogia do Oprimido* como se tivesse sido escrito ontem, de alguma forma descarta a historicidade do livro. O que eu acho absurdo é ler um livro como *Pedagogia do Oprimido* e criticá-lo porque o autor não tratou de todos os temas

⁹ Neologismo.

de opressão potencial de forma igualitária. Acredito que o que uma pessoa precisa fazer é apreciar a contribuição do trabalho inserido em seu contexto histórico (Freire, 2001, p. 262-263).

Outro trecho muito significativo foi extraído por Andreola (2016, p. 621) do livro *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*:

Shor refere que quando isso acontece, ele interrompe o homem e diz que a colega tem direito de terminar. O segundo aspecto referido por ele é que as alunas, em suas aulas, tendem a falar em voz mais baixa que os homens. Pondera também que as mulheres têm menos oportunidade de se manifestarem criticamente em público, e que ele procura compensar, pedindo que elas estendam seus comentários quando falam. Shor conclui perguntando a Freire se no Brasil são problemas em sala de aula o sexismo e o racismo. Freire responde: “São, sim. A sociedade brasileira é muito autoritária.” E acrescenta que tanto o racismo quanto o machismo são fortes no Brasil. Por outro lado, observa que ao voltar ao Brasil encontrou, como uma das novidades, “[...] a luta das mulheres [...] que começaram a lutar, começaram a protestar, começaram a rejeitar o fato de continuarem a ser objetos dominados pelo homem”.

De todos os indícios apontados até agora, o próximo é o que nos parece mais completo. Em uma entrevista cedida ao amigo Moacir Gadotti (Nova Escola, 1983), que também foi chefe de gabinete enquanto Freire era secretário de educação do município de São Paulo, Gadotti pergunta como sair da armadilha que a linguagem nos coloca quando falando em homem, a mulher necessariamente estaria incluída. E Freire responde:

Em primeiro lugar, a gente tem de reconhecer que a linguagem é uma produção social, com uma presença individual nessa produção social. Segundo, é precisamente por isso que a linguagem é corpo ideológico. Não é possível pensar em linguagem sem ideologia e sem poder. Terceiro, a própria gramática nasce historicamente como uma regulamentação do poderoso, de quem tem poder. Nas culturas machistas, evidentemente que a linguagem se amolda a esse machismo. Numa perspectiva progressista, é absolutamente fundamental que se reinvente também a linguagem, por que não é possível você democratizar uma sociedade deixando de lado um dos aspectos fundamentais do que fazer da sociedade, que é a linguagem humana. Num tempo de busca de igualdade, de superação das ideologias restritivas, não é possível permanecer sintaxes proibitivas da mulher. Certa vez, falando a um auditório onde havia 1500 mulheres, de repente olho e vejo a cara de um homem e digo: "Todos vocês". Isso não é gramática. Isso é ideologia. Eu tenho que dizer "todas vocês" mesmo. Eu falo nesse livro que é possível que alguém diga que a invenção da linguagem, antes da invenção das estruturas sociais, era puro idealismo. Não é. No momento em que você não pensa a história como determinismo, mas como possibilidade, a reinvenção da linguagem faz parte da reinvenção do mundo. Então, você pode até começar pela briga da reinvenção da linguagem (*Ibidem*).

Identificamos que, apesar de haver uma linguagem sexista em *Pedagogia do oprimido*, *Educação para liberdade e Extensão ou comunicação*, Freire alterou o seu modo de escrever. E considerando as ideias freireanas, entendemos que somos seres em transformação permanente e reconhecemos o inestimável valor de sua contribuição para a diminuição das desigualdades e apontamos que as “esfarrapadas do mundo” não foram excluídas das ideias de Paulo Freire. Ressaltamos que a linguagem é um campo de disputa que deve ser analisado minuciosamente, não cabendo fazê-lo neste momento.

1.2 Raça, classe e gênero

Iniciamos este subcapítulo procurando o significado da palavra raça no dicionário (Raça, 2022) e encontramos: “Grupo de pessoas ou de animais com determinadas características físicas hereditárias comuns” e “Geração ou sucessão de gerações de indivíduos de um desses grupos; o conjunto dos indivíduos com origem étnica, linguística ou social comum”.

A origem da palavra *raça* é incerta e foi introduzida na literatura científica há cerca de 200 anos: “Alguns estudiosos entendem que a sua etimologia provém da palavra latina ‘radix’, que significa raiz ou tronco; enquanto outros acham que ela tem origem na palavra italiana ‘razza’, que significa linhagem ou criação” (Geledés¹⁰, 2012).

A raça é um atributo socialmente elaborado (Hasenbalg, 1978 *apud* Gonzalez), não é um atributo biológico. Em termos biológicos, considera-se que há apenas uma raça humana. Para Quintão *et al.* (2010, p. 124):

É um termo que foi utilizado historicamente para identificar categorias humanas socialmente definidas. As diferenças mais comuns referem-se à cor de pele, tipo de cabelo, conformação facial e cranial, ancestralidade e genética. Portanto, a cor da pele, amplamente utilizada como característica racial, constitui apenas uma das características que compõem uma raça. Entretanto, apesar do uso frequente na Ortodontia, um conceito crescente advoga que a cor da pele não determina a ancestralidade, principalmente nas populações brasileiras, altamente miscigenadas.

Cabe lembrar que raça e etnia não são sinônimos. A etnia refere-se ao âmbito cultural. “Um grupo étnico é uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas, culturais e semelhanças genéticas. Essas comunidades geralmente reclamam para si uma estrutura social, política e um território” (*Ibidem*).

Ao fazermos uma pesquisa digital nos principais livros de Paulo Freire, encontramos raça atrelada à classe e sexo¹¹ na maioria das vezes, como por exemplo, quando o educador diz que “não é possível entender-me apenas como classe, ou como raça ou como sexo, mas, por outro lado, minha posição de classe, a cor de minha pele e o sexo com que cheguei ao mundo não podem ser esquecidos na análise do que faço, do que penso, do que digo” (Freire, 2018b).

¹⁰ Por um posicionamento político, escolhemos usar o Portal Geledés como fonte de pesquisa. Fundada em 1988, O Geledés “é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigente na sociedade brasileira.” Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

¹¹ Embora Freire e Gonzalez falem da relação entre raça, classe e sexo, este estudo prefere usar raça, classe e gênero por entendermos, com o avanço das pesquisas em torno destes temas, que sexo e gênero não são sinônimos. Enquanto sexo se refere às categorias inatas do ponto de vista biológico, ou seja, algo relacionado com feminino e masculino; o gênero diz respeito aos papéis sociais relacionados com a mulher e o homem (MOSER, 1989).

Já na pesquisa digital feita nos textos de Lélia Gonzalez contidos no livro *Por um feminismo afro-latino-americano*, a palavra *classe* foi encontrada três vezes mais do que a palavra *raça*, embora saibamos que *raça* é um tema fundamental em seus escritos.

Para Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (2022, p. 83-84), “a raça se relaciona fundamentalmente a um dos aspectos da reprodução das classes sociais, isto é, a distribuição dos indivíduos nas posições da estrutura de classes e dimensões distributivas da estratificação social”.

Tratando-se de gênero, assim como Joan Scott (1995, p. 86), entendemos que “é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos [...] o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

Este ponto da pesquisa pode ser considerado o marco zero. Foi a partir da leitura do texto *A Mulher Negra na Sociedade Brasileira* (Gonzalez, 2018, p. 34-53) que surgiu a intenção de pesquisar esses dois mestres. Afinal, Lélia fala sobre classes? Como é a sua visão? Como Paulo e Lélia abordam raça, classe e gênero? Há cruzos nesses saberes?

No referido texto, Lélia Gonzalez trata da desigualdade de raça e de gênero, reconhecendo, contudo, também a desigualdade de classes: “Ora, na medida em que existe uma divisão racial e sexual de trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como o seu lugar na força de trabalho”. Ela também critica as análises que dão prioridade a luta de classes e se negam a incorporar as categorias de raça e sexo (*Ibidem*, p. 84) e busca compreender a influência do sistema capitalista na produção dos problemas raciais que enfrentamos.

Lendo sobre a trajetória de sua vida, fica evidente que seu primeiro entendimento foi se descobrir negra. Como a própria relatou, ela não nasceu negra, tornou-se negra já adulta, depois de casada. Na faculdade ela já era uma pessoa de cuca, já perfeitamente embranquecida, dentro do sistema (Gonzalez, 2020, p. 286) e depois casou com um branco. E esse foi o momento que a chave virou, pois, a família do marido aceitava a relação enquanto pensavam que era somente “concubinação”, mas não aceitaram uma mulher negra casar oficialmente com um homem branco. Depois que seu marido se suicidou, Lélia foi para a terapia e a partir daí foi transar o seu povo, ou seja, foi transar candomblé, macumba, essas coisas que ela achava que eram primitivas (*Ibidem*, p. 287).

Essa contextualização anterior é para enfatizar a importância que o Movimento Negro Unificado (MNU) teve na vida dessa ativista que participou da sua fundação. Contudo, mulheres negras lidavam com o sexismo dentro do movimento negro e Lélia Gonzalez

denunciou esse sexismo em sua obra. Como já citamos anteriormente, no movimento feminista, as questões de raça não eram contempladas e no movimento negro as questões de gêneros que não estavam presentes. Essa demanda fez com que se chegassem, no final dos anos 1970, ao movimento feminista negro.

Essa tríplice discriminação que Lélia Gonzalez fala desde o final dos anos 1970, é o que chamamos de interseccionalidade. De acordo com Carla Akotirene (2019, p. 14), o termo foi concebido por Kimberle Crenshaw em 1989 e atualizado por ela (*Ibidem*), que o define como um instrumento teórico-metodológico relativo à inseparabilidade estrutural entre racismo, capitalismo e cis-heteropatriarcado¹².

Para Kimberle Crenshaw (2002, p. 177), a interseccionalidade é uma “conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação”. Tratando-se de interseccionalidade, não podemos deixar de mencionar Patrícia Hill Collins, uma das principais autoras dentro deste campo. A norte-americana cita a necessidade de explorar as interseções entre gênero, raça e classe na estruturação da posição das mulheres negras.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins; Bilge, 2020, p. 20).

É através de Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge que chegamos a Paulo Freire. Para elas, a *Pedagogia do Oprimido* “analisa como a educação pode empoderar ou privar de direitos. Embora não seja normalmente qualificado dessa maneira” (*Ibidem*, p. 303), é um texto fundamental para a interseccionalidade, afinal, quem são os oprimidos relatados nesse livro?

Na perspectiva freireana, oprimidos são todas as pessoas que vivenciam de diversas formas a violenta vocação de “ser menos”, como distorção do ser mais (Freire, 2013, p. 41). Os oprimidos contemporâneos são mulheres, negras, sem-teto, sem-terra, pobres, povos originários, minorias sexuais e religiosas, gordas, entre outros.

Para alguns, que não se aprofundaram na obra, o autor aparenta tratar somente de questões de classe, mas é justamente o contrário. Em *Pedagogia da Esperança* (2018), o próprio

¹² Heteropatriarcado ou cis-heteropatriarcado (de cis[generidade], hetero[ssexualidade] e patriarcado) é um sistema sociopolítico no qual a heterossexualidade masculina cisgênero tem supremacia sobre as demais formas de identidade de gênero e sobre as outras orientações sexuais. É um termo que enfatiza que a discriminação exercida tanto sobre as mulheres como sobre as pessoas LGBT e tem o mesmo princípio social machista (WIKIPÉDIA, 2022).

discorre sobre as críticas recebidas nos anos 1970, por não fazer ou pouco fazer referência às classes sociais, sem reduzir os indivíduos ao puro reflexo das estruturas socioeconômicas.

Nunca entendi que as classes sociais, a luta entre elas, pudessem explicar tudo, até a cor das nuvens numa terça-feira à tardinha, daí que jamais tenha dito que a luta de classes, no mundo moderno, era ou é o motor da história. Mas, por outro lado, hoje ainda e possivelmente por muito tempo, não é possível entender a história sem as classes sociais, sem seus interesses em choque. A luta de classes não é o motor da história, mas certamente é um deles (Freire, 2018, p. 125).

Já para Afonso Celso Scocuglia (2001, p. 345), o enfoque nas questões de classe é, por vezes, exagerado, mas o fato é que Paulo Freire rejeita as análises das relações de poder baseadas apenas em classe. “O uso que Paulo Freire dá aos termos ‘opressão’ e ‘oprimido’ evoca desigualdades interseccionais de classe, raça, etnia, idade, religião e cidadania” (Collins; Bilge, 2020, p. 303).

Com a intenção de transparecer a interseccionalidade na obra freireana, fizemos uma busca digital em alguns de seus principais livros. Em todos, dentre raça, classe e sexo, obviamente que classe se destaca, mas raça(s) e/ou racismo também aparecem, como por exemplo, em *Pedagogia da Esperança* (2018), com 17 correspondências. Em *A África Ensinando a Gente* (2011), 9, e *Política e Educação* (2018b), 10 correspondências dessas palavras. Além disso, cabe ressaltar que o autor se refere ao neocolonialismo e os processos neocoloniais que têm a raça como elemento político fundamental.

A *Pedagogia da Esperança*, também é uma obra importante para este estudo. Publicado inicialmente em 1992, é um reencontro de Paulo Freire com a Pedagogia do Oprimido. Destacamos a crítica freireana (Freire, 2018, p. 217) à visão não-interseccional de movimentos antirracistas e antissexistas que não consideram a classe social em suas análises.

Dentre outras passagens, o autor relata uma conversa com uma professora universitária, negra, amiga sua, séria e competente, que negava veementemente qualquer relação entre classes sociais e racismo.

Se ela se tivesse ofendido conosco e nós com ela porque, para nós, mesmo que não seja possível reduzir o racismo à classe social, não podemos entendê-lo sem ela, enquanto que, para minha amiga, não, teríamos caído numa posição sectária tão condenável quanto o racismo que execramos (*Ibidem*).

Assim como Lélia Gonzalez, Paulo Freire não fala em interseccionalidade, mas ambos são autores interseccionais à medida que entendem que “práticas preconceituosas de classe, raça, gênero negam radicalmente a democracia e ofendem substantivamente o ser humano” (Freire, 1996 *apud* Mocelin, 2020). Paulo Freire argumenta (2018b, p. 36) que “as diferenças interculturais existem e apresentam cortes: de classe, de raça, de gênero e, como alongamento destes, de nações”. Nesse emaranhado de cruzos que é a interseccionalidade, outros caminhos

e dúvidas surgem. Ambos pensadores falam de classe, então qual é a relação deles com o marxismo? Trataremos no segundo capítulo.

1.3 A dialética do senhor e do escravo

Dando continuidade ao rolê epistemológico, a dialética do senhor e do escravo é um ebó nessa encruzilhada de muitos cruzos. Um elo em comum e/ou um meio de aproximação não só entre os dois autores que são objetos desta pesquisa, mas também acrescentando a esta encruzilhada, Frantz Fanon e Georg W. F. Hegel.

Esta dialética foi proposta por Georg W. F. Hegel (1770-1831), um filósofo do Idealismo Alemão que defende que a história avança por meio de um processo dialético que se dá através da afirmação (tese), da negação (antítese) e da superação (síntese).

O presente texto é ancorado nos pressupostos freireano e gonzaleano, sendo assim, partindo da ideia do pretuguês é imprescindível que seja escrito numa linguagem de fácil entendimento, principalmente em se tratando de Georg W. F. Hegel, que não é uma leitura de fácil compreensão. Dito isto, apresentamos uma citação muito pertinente para apresentar de forma exemplificada a dialética do senhor e do escravo.

João e Pedro. João é o senhor, dono de escravos; Pedro é um dos escravos de João. Em um primeiro momento, existe uma relação de dominação de João sobre Pedro. A princípio, consideramos que João é alguém livre, dono de si mesmo; e Pedro é uma coisa, uma propriedade de João, prisioneiro. Contudo, Hegel vai dizer que, para João se sentir senhor de Pedro, João precisa enxergar Pedro como alguém capaz de compreendê-lo, dando-lhe, dessa forma, uma autonomia de pensamento. Ou seja, para que João exerça seu domínio sobre Pedro, João precisa que Pedro se reconheça como alguém dominado. Fora algumas exceções, ninguém costuma conversar com uma árvore tentando convencê-la de dar frutos na hora que você quer. Isso não acontece porque não atribuímos consciência a uma árvore, enxergando-a somente como uma coisa. O mesmo acontece com qualquer ferramenta: ninguém pede para o seu martelo começar a martelar os pregos sozinho. Quando o senhor exige reconhecimento de dominação ao escravo, ele, sem perceber, começou a tratar o escravo como alguém e não mais como coisa. Do outro lado, Pedro, o escravo, vai perceber que deixou de ser tratado como coisa e passou a ser tratado como alguém que deve obedecer. A partir desse momento, ele já ganha uma certa autonomia. A autonomia do escravo se concretiza na execução do seu trabalho. Motivo: o senhor não sabe executar o trabalho, apenas o escravo sabe executar o trabalho. Dessa forma, o escravo compreende que sem ele, o senhor não faz nada. O trabalho só existe porque é o escravo que o faz. Logo, existe, na prática, uma dependência do senhor para com o escravo (Nau Dos Loucos, 2021, s/p).

Georg W. F. Hegel se faz presente em *Pedagogia do Oprimido*, aparecendo onze vezes na pesquisa feita digitalmente. Livro este que revela a capacidade de interlocução com diferentes correntes filosóficas “que vão desde o hegelianismo e o marxismo, passando pelo personalismo cristão e o existencialismo – clamando para o diálogo e a conscientização para a

superação da dominação e da opressão entre os seres humanos” (Pitano; Streck; Moretti, 2019, p. 15).

Tomaz Tadeu da Silva, em sua análise de *Pedagogia do Oprimido*, afirma que a obra “está baseada numa dialética hegeliana das relações entre senhor e servo, ampliada e modificada pela leitura do primeiro Marx, do marxismo humanista de Erich Fromm, da fenomenologia existencialista e cristã e de críticos do processo de dominação colonial” (Silva, 2005, p. 208), sendo que, ainda de acordo com o autor, “o foco está, aqui, muito menos na dominação como um reflexo das relações econômicas e muito mais na dinâmica própria do processo de dominação” (*ibid.*).

Como o próprio andarilho da utopia escreveu, “a pedagogia do oprimido é, pois, liberadora de ambos, do oprimido e do opressor. Hegelianamente, diríamos: a verdade do opressor reside na consciência do oprimido” (2013, p. 12). E por várias vezes cita Georg W. F. Hegel confirmando as identificações de pensamento. Como, por exemplo, quando diz que:

Se o que caracteriza os oprimidos, como “consciência servil” em relação à consciência do senhor, é fazer-se quase “coisa” e transformar-se, como salienta Hegel”, em “consciência para outro”, a solidariedade verdadeira com eles está em com eles lutar para a transformação da realidade objetiva que os faz ser este “ser para outro” (Freire, 2013, p. 48).

Paulo Freire disserta sobre a necessidade “de uma pedagogia dialógica emancipatória do oprimido, em oposição à pedagogia da classe dominante, que contribua para a sua libertação e sua transformação em sujeito cognoscente e autor da sua própria história através das práxis” (Cabral, 2005, P. 200 *apud* Custódio, 2020, p. 26) e se inspira no senhor e o escravo para falar sobre o opressor e o oprimido. Entendemos que os oprimidos freireanos são as pessoas em que essa obra foi inspirada. Como o próprio afirma (Freire, 2013, p. 33), o livro expressa “reações de proletários, camponeses ou urbanos, e de homens de classe média, que vimos observando, direta ou indiretamente, em nosso trabalho educativo”.

Para Boff (*apud* Freire, 2011, p. 9), os oprimidos e as oprimidas podem ser “o explorado economicamente, o condenado à ignorância, o negro, o índio, o mestiço, a mulher, o portador de qualquer marca de discriminação”.

Em seu trabalho com Carlos Hasenbalg, Lélia Gonzalez (2022) cita o deslocamento do negro do campo para a cidade, ou do Nordeste para o Sudeste, este se concentrou num mercado de trabalho que não exige qualificação profissional. Esse negro é o camponês freireano que acabamos de identificar como oprimido.

Para Lélia Gonzalez (2020, p. 169), “a internalização de uma luta entre opressores e oprimidos em que estes são pessoas de cor não pode passar despercebida por aqueles que estão nos setores mais progressistas de qualquer sociedade”. As palavras oprimidos e opressores que

ficaram tão famosas pelas mãos de Paulo Freire, aparecem várias vezes nos textos da ativista. No livro *Por um feminismo afro-latino-americano*, foram achadas¹³ 23 correspondências da palavra oprimido e 8 da palavra opressor.

Além de caracterizar as negras como sendo as oprimidas, Gonzalez (2020, p. 295) também afirma que “a mulher negra permanece como o setor mais explorado e oprimido da sociedade brasileira, uma vez que sofre uma tríplice discriminação (social, racial e sexual)”. Em *A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica* (2020, p. 59-82), texto apresentado no *Spring Symposium The Political Economy of the Black World*, realizado entre 10 e 12 de maio de 1979 na Universidade da Califórnia (UCLA), ela aplica a dialética hegeliana quando fala sobre a mulher negra, que por ser sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família, desempenha o papel mais importante.

Exatamente porque com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência nos transmite a nós, suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo. Mais ainda porque, como na dialética do senhor e do escravo de Hegel, apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder (Gonzalez, 2020, p. 77).

Não dá para caminhar nesta encruzilhada entre Georg W. F. Hegel, Paulo Freire e Lélia Gonzalez, sem cruzarmos com Frantz Fanon. Aliás, de acordo com Deivison Faustino (2022, p. 11), ele é “um personagem histórico das encruzilhadas”. “Talvez o melhor lugar para começar a ler Frantz Fanon seja a encruzilha” (*Ibidem*, p. 35).

Frantz Fanon nasceu em 20 de julho de 1925 numa colônia da França, Martinica. Filho de um inspetor de alfândega e da proprietária de uma pequena loja de roupas, cresceu no ambiente de uma família classe média.

Aos 18 anos, se alistou para lutar durante a II Guerra Mundial e um ano depois foi estudar Medicina na França, se especializando em Psiquiatria. Sua primeira tese de doutorado em Psiquiatria, que tratava dos efeitos psíquicos do racismo colonial, foi rejeitada por confrontar as correntes positivistas. Aos 27 anos de idade, revisou “a sua primeira tese rejeitada e o publicou com o título: *Peau noir, masques blancs*, no Brasil foi publicado com o título *Pele Negra, Máscaras Brancas*, livro que com o advento da viragem pós-colonial na década de 1980 marcaria definitivamente a história dos estudos sobre o racismo” (Faustino, 2014, s/p).

Ficou dois anos na Argélia, pois foi nomeado para o Hospital Militar de Blida, mas em 1955, engajou-se na luta da Frente de Libertação Nacional (FLN) e passou a lutar pela independência daquela nação africana.

¹³ Pesquisa digital feita no Kindle.

A França só reconheceu a independência da Argélia em 1962, um ano após o falecimento de Frantz Fanon que morreu com leucemia aos 36 anos, prematuramente, não conseguindo ver a publicação de *Os Condenados da Terra*.

Influenciado pela Dialética Materialista de Karl Marx e pelo Existencialismo de Jean-Paul Sartre, Fanon desenvolveria teses antirracistas e anticolonialistas que seriam referência no campo da psiquiatria e da educação. No entanto, como todos os grandes líderes, foi na política que ele mais se destacou, seja por sua militância, seja pelas reflexões que deixou como legado. Suas teses tanto influenciariam autores importantes, como Paulo Freire, como marcariam indelevelmente os movimentos pró-independência de nações que ainda estavam mergulhadas nas trevas da colonização mais brutal que a humanidade já conheceu, em pleno século XX (Pitano; Streck; Moretti, 2019, p. 168).

Além de *Os Condenados da Terra* (1961), ele possui outras publicações importantes, entre elas: *Em Defesa da Revolução Africana* (1964), *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos: 3* (2020), *Escritos Políticos* (2021) e a já citada *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952).

Há uma reciprocidade teórica e epistemológica entre a formação dialética da consciência em Georg W. F. Hegel e as condições ontológicas da educabilidade em Paulo Freire. Voltando à principal obra freireana, a referência que encontramos não está no nome desse autor Martinicano, mas nas referências que Freire faz aos *condenados da terra*, como no trecho abaixo, em que o autor demonstra sua inspiração *fanoniana* usando condenados da terra como sinônimo de oprimidos:

Na verdade, enquanto no primeiro, é lícito dizer que alguém oprime alguém, no segundo, já não se pode afirmar que alguém liberta alguém, ou que alguém se liberta sozinho, mas que os homens se libertam em comunhão. Com isto, não queremos diminuir o valor e a importância da liderança revolucionária. Pelo contrário, estamos enfatizando esta importância e este valor. E haverá importância maior que conviver com os oprimidos, com os esfarrapados do mundo, com os “condenados da terra”? (Freire, 2013, p. 179).

Carlos Alberto Torres (*apud* Pereira, 2011), em seu livro *Pedagogia da Luta*, fala da importância de Georg W. F. Hegel na formulação dos princípios básicos da *Pedagogia do Oprimido*. Segundo ele, a dialética hegeliana tem relação direta com a dialética opressor/oprimido da *Pedagogia do Oprimido*.

Na *Pedagogia da Esperança* (2018a), o educador volta a falar em Georg W. F. Hegel e Frantz Fanon. Retomando a reflexão hegeliana: “O Amo não é Amo senão pelo fato de que possui um Escravo que o reconhece como tal” (Freitas, 1978, P. 210 *apud* Freire, 2018a, p. 318.). É nesta obra também que, além de falar das influências de Frantz Fanon e Albert Memmi, ele usa opressores e oprimidos como sinônimo de branquitude e negritude:

Branco e negro, sul-africanos ou residentes na África do Sul com quem conversei falavam, de modo geral, das relações opressores-oprimidos, colonizadores-colonizados, branquitude-negritude usando elementos de ordem teórica comuns a Fanon, a Memmi e à *Pedagogia do oprimido* (Freire, 2018a, p. 200).

Lélia Gonzalez (2020, p. 175) também se apropria dessas duas personalidades e diz que os textos deles “demonstram os efeitos de alienação que a eficácia da dominação colonial exerceria sobre os colonizados.” Além de relatar as análises deles que descrevem a psicologia do colonizado frente ao colonizador. A ativista também dá a sua opinião confirmando a confluência de ideias:

A categoria de sujeito suposto saber enriquece ainda mais a compreensão dos mecanismos psíquicos inconscientes que são explicados na superioridade que o colonizado atribui ao colonizador. Nesse sentido, o eurocentrismo e seu efeito neocolonialista, mencionados acima, também são formas alienadas de uma teoria e prática que são percebidas como libertadoras (Gonzalez, 2020, p. 192).

No trecho acima, a autora usa as palavras colonizado e colonizador; estas palavras aparecem várias vezes em seus textos, assim como também aparecem dominador e dominado. O que nos importa é que as palavras opressor e oprimido aparecem o dobro de vezes¹⁴, sugerindo uma influência freireana que não conseguimos confirmar através de documentos, porém uma fagulha de esperança surgiu após termos uma conversa informal com seu filho. Através de uma conversa telefônica, ele afirmou que sua mãe conversava sobre Paulo Freire.

“Possivelmente, Paulo Freire tenha sido o primeiro brasileiro a incorporar as ideias de Fanon” (Guimarães, 2008a *Apud* Faustino, 2022, p.178). No primeiro livro de Freire, *Educação como Prática da Liberdade*, já é possível encontrar referências ao autor. Ao procurarmos a palavra Fanon na pesquisa do *Kindle* encontramos 3 frases contendo o nome do autor.

Para Lélia Gonzalez (2020, p. 179), “foram os efeitos execráveis do assimilacionismo francês que levaram o psiquiatra martiniquenho a produzir suas análises magistrais sobre as relações socioeconômicas e psicológicas entre colonizador/colonizado”.

Principal referência caribenha para o pensamento da autora: Frantz Fanon. É dele uma pergunta fundamental que sempre esteve entre as preocupações da pensadora brasileira: como se dão as formas de subjetivação da dominação? Em termos nativos: os negros são racistas ou internalizam o racismo? (*ibid*, p.12).

Lélia Gonzalez, em um de seus textos, apresenta Frantz Fanon como um jovem psiquiatra que se destacou na Guerra de Independência da Argélia e crítico da noção de negritude, afirmando que ele bota o dedo na ferida da alienação do negro. “Na sua perspectiva, a desalienação do negro está diretamente vinculada à tomada de consciência das relações socioeconômicas” (Gonzalez, 2020, p. 373). Ela destaca os dois livros: *Os condenados da Terra e Pele negra, máscaras brancas*. “Este último é uma das mais acuradas análises dos mecanismos psicológicos que induzem o colonizado a se identificar com o colonizador” (*Ibid.*).

¹⁴ Pesquisa digital feita no livro *Por um feminismo afro-latino-americano*, por ser a maior coletânea de textos da autora.

Para finalizar, é preciso que seja dito que nem só de possibilidades e encontros são vistos nessa encruzilhada. Há também os seus limites, suas diferenças. Tanto Frantz Fanon quanto Paulo Freire e Lélia Gonzalez apresentam divergências hegelianas. Faustino (2021, p. 459) problematiza três elementos interdependentes, que se identificam como basilares ao estatuto teórico de Fanon:

Fanon partilha do pressuposto hegeliano segundo o qual a identidade é produzida na relação recíproca com sua alteridade. 2. A interdição colonial do reconhecimento é um decaimento da dominação política para o status de negação da humanidade; 3. Tal estranhamento não é ontológico, mas histórico e, portanto, pode ser superado a partir de uma negação prático-sensível, levada a cabo pelos próprios colonizados. Uma diferença marcante é a reciprocidade. Embora Fanon concorde que essa reciprocidade é característica ontológica daquilo que nos torna humanos, afirmará enfaticamente em seu esforço para desvelar as particularidades históricas da sociabilidade colonial afirma enfaticamente: “aqui o senhor difere essencialmente daquele descrito por Hegel. Em Hegel há a reciprocidade, aqui o senhor despreza a consciência do escravo [...]” (Fanon, 2008, p. 183).

Tanto Freire, na *Pedagogia do Oprimido*, quanto Frantz Fanon, pela zona do não-ser, criticam o universalismo hegeliano. A “descolonização da dialética” desses dois autores revela o “substrato do pensamento que orientou tanto a concepção europeia sobre a liberdade inscrita no campo da imaginação e da prática política (provincialização) como também aponta caminhos para a reconstrução da universalidade” (Oliveira; Osman, 2021, p. 395).

Pele negra, máscaras brancas exemplifica como a ausência de reconhecimento do negro no contexto do mundo colonial o destitui de sua humanidade, relegando-o a uma esfera sub-humana, indo contra Georg W. F. Hegel, que diz que um ser só o é, na medida em que é reconhecido por outro, entendendo que a primeira condição para o exercício dialético é “ser”. Freire também se desencontra de Hegel nesta encruzilhada do reconhecimento.

Outro fato é a crítica deste grande autor, através do “humanismo radical”, ao racionalismo hegeliano e seu componente racista/colonizador não-reconhecido introduz uma ideia de “universalismo concreto”, “pois sua construção passa pela assunção da experiência do colonizado embora não se mantenha numa ‘ideologia do experiencialismo’, a ideologia de que apenas a experiência autoriza a fala” (Oliveira; Osman, 2021, p. 400).

Freire se inspira em Hegel, mas se distancia à medida que Hegel acreditava que a consciência se forma apenas pela reflexão, enquanto Freire entende que a dialética é um método pelo qual a humanização das pessoas como seres humanos se torna factível e apenas a reflexão não é suficiente; é preciso ir além. É necessário a prática, ou seja, a práxis. Sem a práxis libertadora¹⁵, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido.

¹⁵ Trataremos do assunto futuramente.

Freire (1970) se inspira na imagem do senhor e do escravo acorrentados, mas se distancia de Hegel no sentido de que entende que apenas a reflexão não é suficiente; é preciso ir além. A dialética, para Freire, precisa ser mais do que um processo teórico de reflexão, é necessário implicar ação, prática. Ele afirma que essa relação de senhor e escravo não é apenas uma alegoria, um modo de explicar o surgimento da consciência, mas faz parte de uma realidade concreta dos seres humanos desumanizados. Além disso, há em Freire a superação da positividade da negação natural hegeliana na *Pedagogia do Oprimido*. Ele não aceita a noção hegeliana de “reconciliação e síntese” abdicando da noção de desenvolvimento positivo da história. “A história perde qualquer paradigma que garanta seu progresso positivo para a humanização e emancipação” (Pereira, 2021, s/p).

Lélia Gonzalez, ao tratar do racismo, critica a postura de Hegel, implicitamente, quando diz que “o racismo estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a ‘superioridade’ branca ocidental à ‘inferioridade’ negro-africana. A África é o continente ‘obscuro’, sem uma história própria (Hegel)” (Gonzalez, 2020, p. 183).

Para Hegel, a “África propriamente dita” (ao Sul do Saara) é uma região que não é de muito interesse para a humanidade, pois é uma região que está fora da História, pois somente os seres racionais que fazem a História e, portanto, a África, não usando a razão, não faz parte dela (Hegel, 1996).

Que esta encruzilhada possui vários encontros é inegável. Tanto Lélia Gonzalez quanto Paulo Freire beberam da fonte hegeliana e fanoniana, porém há os limites. Limites que não fizeram os autores descartarem a dialética, mas se apropriaram dela e a reconstruíram fazendo com que seja atual e pertinente nos dias atuais.

2 OUTRAS ENCRUZILHADAS

2.1 Amílcar Cabral e a África

Amílcar Cabral nasceu em Guiné-Bissau no ano de 1924. Por seu elevado desempenho escolar na infância, conquistou uma bolsa de estudos para cursar Engenharia Agrônoma em Lisboa, em 1945. Em Portugal, Cabral frequenta a Casa dos Estudantes do Império (CEI) e o “convívio entre africanos de diferentes colônias na metrópole despertou nele uma consciência crítica sobre as desigualdades sociais a que o sistema colonial os sujeitava e uma vontade de descobrir e valorizar as culturas dos povos colonizados” (Silva, 2021, p. 8).

Em 1956, de volta à sua terra, Cabral funda o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), organização de luta que se propunha libertar o povo dos dois países do colonialismo português. Sete anos depois, inicia a luta armada tendo como Amílcar Cabral como líder. Como disse Paulo Freire, Cabral é um Pedagogo da Revolução porque “ele encarnou perfeitamente o sonho de libertação de seu povo, e os procedimentos político-pedagógicos para a realização desse sonho” (Freire, 1995, p. 45).

Freire não o conheceu pessoalmente, pois foi para Guiné em 1976 e Cabral foi assassinado três anos antes e, infelizmente, não viu a independência do seu país. Em uma entrevista que ele deu ao seu amigo Gadotti, o educador revelou o sonho de fazer um ensaio sobre Cabral: “Acho muito oportuno trabalhar um pouco isso. Num momento em que se pensa que nunca mais vai haver revolução, eu, pelo contrário, acho que vai haver. Não depois de amanhã e não igual às que já houve” (Nova Escola, 1983, p. 12).

O cruzo acontece através das leituras que Freire fez dos textos de Amílcar Cabral. A sua biblioteca está aberta ao público em São Paulo e constam livros de Cabral que Freire leu (destacou pensamentos que chamavam atenção e também fazia anotações), pois foi convidado pelo governo de Bissau a contribuir com a alfabetização do povo Guineense e Cabo-Verdiano.

Um povo com 90% de pessoas analfabetas, mas que não eram neutras:

Um povo que, apresentando um alto índice de analfabetismo, 90%, do ponto de vista linguístico, é altamente “letrado” do ponto de vista político, ao contrário de certas “comunidades” sofisticadamente letradas, mas grosseiramente “analfabetas” do ponto de vista político (Freire, 2011b, p. 20).

Para Paulo Freire, Amílcar Cabral é um marxista, que fez uma leitura africana de Marx, e o compara a Che Guevara dizendo que ambos são duas das maiores expressões do século XX e que Guevara “também era um pedagogo da revolução, não era só um pedagogo revolucionário, tinha a mesma sensibilidade popular, sem ser populista” (Freire, 1995, e-book).

Além de Guevara, Freire também o comparou a Gramsci. Em *Pedagogia da Tolerância* (1995) ele diz que não sabe se Cabral leu Gramsci, mas que tinham a mesma compreensão do papel da cultura na luta de libertação:

Como Antonio Gramsci, Amílcar Cabral valorizava a cultura, o papel da teoria, dos intelectuais e da sociedade civil, na transformação social. A cultura, como elemento essencial da história de um povo, fundamenta o movimento de libertação, que nada mais é do que a expressão política organizada da cultura (Romão; Gadotti, 2012, p. 84).

Nessa encruzilhada de muitos cruzos, o patrono da educação brasileira é comparado ao Pedagogo da Revolução por Moacir Gadotti (2012, p. 97):

Como Amílcar Cabral, Paulo Freire sabia distinguir a violência dos opressores da violência dos oprimidos: a daqueles é exercida para preservar a violência, implícita na exploração, na dominação. A dos últimos, para suprimir a violência, através da transformação revolucionária da realidade que a possibilita. Por isso, ambos tinham o amor e a esperança como guia da violência dos oprimidos e atribuíam à educação e à cultura um papel fundamental no processo revolucionário e humanizador.

Ao iniciarmos esta pesquisa, sabíamos que Paulo Freire tinha cruzado com Amílcar Cabral, mas não tínhamos dimensão do quanto o velho continente e esse extraordinário pensador e revolucionário influenciaram Paulo Freire.

Como vários autores ressaltam, como Scocuglia e Gadotti, a experiência de Paulo Freire na África foi de profunda importância porque, atrelando o processo educativo ao sistema de produção material e cultural, ele radicalizou alguns princípios da sua teoria da educação. Além da vinculação entre produção e educação, que, como veremos depois, emerge claramente nos Cadernos de Cultura Popular, radicalizou-se o princípio da educação como luta de descolonização através da união entre teoria e prática (Pereira; Vittoria, 2012, p. 301).

Sobre as experiências de Guiné-Bissau, Freire escreveu *Cartas à Guiné-Bissau* (2011b). Esse livro, que foi publicado pela primeira vez em 1977, além de três ensaios, contém cartas que ele enviou ao Comissário de Educação e à Coordenação dos Trabalhos de Alfabetização da Guiné. A propósito, esse livro é dedicado a Amílcar Cabral, a quem o autor se referiu como o “educador-educando de seu povo” e começa com a seguinte epígrafe:

Posso ter minha opinião sobre muitos temas, sobre a maneira de organizar a luta; de organizar um partido; uma opinião que se formou em mim, por exemplo, na Europa, na Ásia ou ainda em outros países da África, a partir de livros, de documentos, de encontros que me influenciaram. Não posso, porém, pretender organizar um partido, organizar a luta, a partir de minhas ideias. Devo fazê-lo a partir da realidade concreta do país. Amílcar Cabral (Freire, 2011b, p. 4).

Esse livro é a prova documental da influência não só do continente africano, mas principalmente de Amílcar Cabral na trajetória desse grande mestre. E além desse, Freire tem mais três livros importantes que se referem ao Pedagogo da Revolução: *África Ensinando a Gente*, *Pedagogia da Tolerância* e *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Fazendo uma busca *online* através dos e-books, no primeiro livro foram feitas 25 referências a Amílcar Cabral, no segundo, 57 e no terceiro, 17. Foi em *Cartas à Guiné-Bissau* que Cabral foi citado 96 vezes.

Falar da relação entre Amílcar Cabral, África e Lélia Gonzalez parece soar quase como algo natural. Lélia fez várias visitas ao continente africano e como uma feminista negra, que fez parte da fundação do MNU, não é difícil imaginar que ela tenha bebido da fonte *Cabraliana*:

Em diferentes momentos de sua vida, Lélia Gonzalez foi à África. Seu diálogo com o continente também não tem caminho único. É possível referir-se diretamente à influência do anticolonialismo, cuja fonte africana emana da produção de Amílcar Cabral, um dos principais teóricos da independência via luta armada para fazer frente ao colonialismo europeu e fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). A esse respeito note-se sua predileção pelos escritos revolucionários de Cabral, cujos textos foram reunidos em forma de discursos na coletânea de língua inglesa *Return to the Source*, publicada em Nova York em 1973 (Rios; Lima, 2020, p. 10).

Consta que sua primeira ida ao continente africano foi em 1979 (RATTS; RIOS, 2010), para o Senegal, país que visitou em outras ocasiões durante os anos 1980. Além do Senegal, Lélia palestrou em outros países como Burkina, Faso e Mali.

As viagens, principalmente internacionais, ajudaram Lélia Gonzalez a moldar sua visão de África e da diáspora africana. “Foi a partir daí que ela imprimiu maior densidade à sua negritude e ao seu feminismo com um horizonte transnacional, além de formular a categoria política e cultural de amefricanidade” (RATTS; RIOS, 2010, p. 118), sendo o continente africano, um tema recorrente em seus escritos seja quando ela cunha o conceito de *amefricanidade* ou quando escreve análise sobre a relação política entre o Brasil e a África do Sul, como veremos a seguir:

A primeira área problemática é a África do Sul. A África ainda se preocupa muito com as contradições e ambivalências da política brasileira em relação à África do Sul. Estamos perfeitamente conscientes de que, embora condene verbalmente o governo sul-africano por sua política criminosa e pelo apartheid, o Brasil continua a expandir seu comércio com o país e tem se recusado a apoiar os movimentos de libertação; e, o que é mais decepcionante para muitos países africanos, o Brasil tem se recusado a apoiar a posição da Organização da Unidade Africana (OUA) de que somente um conflito armado vai resolver os problemas da mudança política naquela parte do continente (Gonzalez, 2020, p. 91).

Pela importância do significado de amefricanidade não só para esta pesquisa, mas para a obra de Lélia Gonzalez, tentaremos explicar essa categoria. A categoria político-cultural amefricanidade foi cunhada por Lélia Gonzalez nos anos 1980 buscando um novo olhar sobre a formação do Brasil e das Américas, de forma democrática, ultrapassando os limites de caráter territorial, ideológico e linguístico, para possibilitar novas perspectivas, extrapolando limites territoriais.

A América, enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo amefricanas/amefricanos designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro como a daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. Ontem como hoje, amefricanos oriundos dos mais diferentes países têm desempenhado um papel crucial na elaboração dessa amefricanidade que identifica na diáspora uma experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada (Gonzalez, 2020, p. 183).

No emblemático texto “A categoria político-cultural de amefricanidade” (*ibid*, p. 171), Lélia explica a formação histórico-cultural do Brasil através de um olhar, como ela mesmo disse (*ibid.*), novo e criativo, “ele é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o T pelo D para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: América Ladina (não é por acaso que a neurose cultural brasileira tem no racismo o seu sintoma por excelência)”. Essa é uma das marcas que evidencia a presença negra na construção do continente americano que fizeram com que ela começasse a refletir sobre essa categoria.

Outra questão são os termos “afro-american” (afro-americano) e “african-american” (africano-americano), que a autora propõe amerifricano no lugar:

Os termos “afro-american” (afro-americano) e “african-american” (africano-americano) nos remetem a uma primeira reflexão: a de que só existiriam negros nos Estados Unidos, e não em todo o continente. E a uma outra, que aponta para a reprodução inconsciente da posição imperialista dos Estados Unidos, que afirmam ser “A AMÉRICA” (*ibid.*, p. 181).

Por todo o exposto é que acreditamos, juntamente com Lélia Gonzalez (*ibid*, p. 185-186), que “politicamente é muito mais democrático, culturalmente muito mais realista e logicamente muito mais coerente nos identificarmos a partir da categoria de amefricanidade e nos autodesignarmos americanos”.

Lélia Gonzalez também cruza em outro aspecto muito importante: a práxis revolucionária que Freire percebe em Cabral:

Denúncia e anúncio, porém, jamais estiveram, em Amílcar Cabral, dissociados, como também jamais fora da práxis revolucionária. A denúncia da realidade opressora, da espoliação, da farsa colonialista, que procurava mascarar aquela espoliação, bem como o anúncio da nova sociedade, constituindo-se no seio mesmo da velha, através da transformação revolucionária, ele sempre fez, com seus camaradas, na prática da luta. Enquanto um homem que viveu plenamente a coerência entre sua opção política e sua prática, a palavra, em Cabral, era sempre a unidade dialética entre ação e reflexão, prática e teoria. Daí que nunca se tenha deixado tentar, de um lado, pelo blá-blá-blá; de outro, pelo ativismo (Freire, 2011b, p. 30).

Esse trecho citado de Paulo Freire, retirado de sua obra de 2011, reflete sobre a figura de Amílcar Cabral, um importante líder revolucionário e intelectual. Freire destaca a capacidade de Cabral em unir denúncia e anúncio em sua prática revolucionária. A "denúncia" se refere à crítica da realidade opressora, especificamente a espoliação e a farsa colonialista, enquanto o "anúncio" relaciona-se à visão de uma nova sociedade emergindo da transformação revolucionária.

A práxis é o tema da nossa próxima encruzilhada.

2.2 A Práxis

De acordo com o dicionário Caldas Aulete, práxis é a “ação de aplicar, na prática, uma teoria política, artística, social etc” (Práxis, 2023, p. 4). É um conceito básico que perpassa toda a obra de Paulo Freire. Somente no livro *Pedagogia do Oprimido*, a palavra práxis foi usada 61 vezes. Já no livro *Por um Feminismo Afro-latino-americano*, a palavra aparece somente 1 vez, o que não significa que Lélia não seja uma mulher de práxis, como veremos a seguir.

Na obra freireana, a práxis é entendida como a reflexão sobre a ação em determinado contexto, espaço e lugar, com a intenção de transformar a realidade. De acordo com Paulo Freire, não pode haver dicotomia entre teoria e prática, pois o pensar e o agir estão vinculados. Ou seja, é um conjunto de práticas que visam à transformação da realidade, estando contrária às ideias de alienação e domesticação. “A práxis torna-se um produto sócio histórico próprio do homem consciente que faz da sua presença no mundo uma forma de agir sobre o mesmo” (Rossato, 2010, p. 576).

Freire prepondera na práxis o seu caráter político que possibilita o processo de conscientização dos homens e “é indissociável do pensamento, da análise e da compreensão do papel da educação na sua globalidade. Está intimamente ligado aos conceitos de dialogicidade, ação-reflexão, autonomia, educação libertadora, docência” (Rossato, 2010, p. 576), pois para Freire não há “nenhuma separação entre pensamento-linguagem e realidade objetiva. Daí que a leitura de um texto demanda a ‘leitura’ do contexto social ao qual ela se refere” (Freire, 1978, p. 29).

Portanto, práxis é uma aplicação do método dialético, ultrapassando a visão tradicional de Aristóteles que a designava como sendo o oposto à teoria, e a caracterizava como sendo uma atividade ou uma ação. Paulo Freire assume a visão dos dialéticos modernos superando a separação entre teoria e prática. Para ele ambas estão estreitamente imbricadas, podendo ser definida como “a atividade humana e social sobre uma realidade concreta” (Freitas, 1989, p. 403; Rossato, 2010, p. 576).

Mas e quanto à Lélia Gonzalez? A ideia da encruzilhada entre esses dois autores na práxis se deu após a leitura do seguinte trecho de *Retratos do Brasil Negro*:

É curioso notar que para uma intelectual como Gonzalez não bastava trabalhar teoricamente certos conceitos, era preciso também intervenção social, na qual se pudessem operá-los numa experiência de transformação do “mundo da vida”, para utilizar a expressão do filósofo Habermas. Nesse universo, Lélia foi cada vez mais se consolidando como uma pensadora da práxis política e das possibilidades de rompimento com as estruturas de desigualdade e opressão de ordem econômica, social e cultural (Ratts; Rios, 2010, p. 82).

Ao aprofundarmos a leitura, vimos que Lélia é mais do que uma pensadora somente da práxis política, mas de uma práxis feminista interseccional. O próprio feminismo surge enquanto práxis política. Como hooks (2018, p. 13) afirma, “o feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão”.

Se o feminismo (ou os feminismos, pois entendemos que o feminismo não é um movimento único) é uma práxis que se propõe a superar as várias formas de dominação e colonização, Lélia Gonzalez, enquanto feminista, é uma agente da práxis como Paulo Freire. A diferença está na sistematização do conceito, que uma vez muito bem-definido na obra freireana, não foi esmiuçado por Lélia.

Para exemplificar, tomemos o pretuguês. Este não é somente um conceito teórico de Lélia, mas sim, uma práxis “já que podemos incluir aí a dimensão de ato e a produção de saber-fazer com isso” (Xavier, 2022, p. 210), criado para pensar a formação da identidade cultural brasileira por meio das palavras provenientes de idiomas africanos.

A linguagem é uma das várias maneiras de dominação. As pessoas escravizadas, que vieram de diversas regiões de África, foram forçadas a aprender o idioma do colonizador, numa tentativa de apagamento linguístico. Sendo assim, o pretuguês reforça a beleza da fala cotidiana das pessoas simples. O cantor Emicida, reserva um episódio da sua série de televisão para falar sobre o tema:

No quarto episódio de O Enigma da Energia Escura, série documental que está sendo exibida pela GNT, destacamos o trabalho fundamental da grandiosa Lélia Gonzalez, intelectual, professora universitária, mulher negra e feminista, através do neologismo criado por ela, que é o Pretuguês. Logo no início do episódio, Emicida a destaca: “Esse neologismo cunhado por Lélia Gonzalez tem uma força tamanha que foi durante a minha viagem para África, em Angola, que eu ouvi esse termo pela primeira vez”. E é justamente sobre isso que falaremos no decorrer desse texto, sobre a nossa rica forma de se expressar, não pelo português, mas sim pelo Pretuguês (Camilo, 2021, p. 54).

Essa série fala sobre a influência da cultura africana na formação da nossa cultura, nos fazendo compreender quão profunda e extensa é a introdução de palavras e termos de origens africanas na nossa língua. “O Pretuguês é, então, parte da africanização da língua portuguesa brasileira” (Camilo, 2021). Fala sobre ancestralidade e os vocábulos de origem africana que estão acomodados no nosso idioma:

Dengo - Um pedido de aconchego em outrem. Quitanda - Comércio onde se vende produtos como frutas, legumes, verduras, etc. Cafuné - Acariciar a cabeça ou cabelos de alguém. Muvuca - Aglomeração como modo de lazer ou celebração que seja ruidosa. Caçula - O mais novo da família. Axé - Energia vital encontrada em todos os seres vivos e que impulsionam o universo (Camilo, 2021, p. 34).

É importante destacar o próprio modo com que Lélia Gonzalez escreve os seus textos, agregando gírias e dialeto:

A gíria se refere a um conjunto de termos e expressões geralmente vinculadas a determinados grupos sociais que pode transbordar para públicos mais amplos (Preti, 1984). O dialeto, grosso modo, é uma variação da língua falada, o que torna o Brasil um país multidialetal em face da composição étnica e racial, urbana e rural, da população. Assim como no jeito popular de falar, Lélia usava e abusava da economia linguística em seus artigos: pra (para), tava (estava), tamos (estamos), cumé (como é). Utilizava expressões como a gente em vez de nós. Encontramos muitas gírias em seus escritos. Várias delas eram relativas a grupos jovens e passaram a ter uso mais geral: papo (conversa), sacar (compreender), mancada (falta), lance (situação). Algumas têm

muitos sentidos: “esses baratos todos”, “o barato da ideologia do branqueamento”, “deve negro assimilar e reproduzir tudo que é eurobranco? Ou só transar o que é afronegro? Ou somar os dois? Ou ter uma visão crítica de ambos?” Nem é preciso dizer que não era “recomendado” que uma acadêmica de renome se expressasse dessa maneira com tanta frequência. (Ratts; Rios, 2010, p. 58).

Esse *barato* Lélia *sacava* muito bem. Seus textos possuem ironia e gírias, mas dotados de grande conhecimento e inteligência, de muita *sacação*. Termo que ela usa, por exemplo, para falar de sua mãe: “Embora índia e analfabeta, ela tinha uma *sacação* assim incrível a respeito da realidade em que nós vivíamos e, sobretudo, em termos de realidade política. E me parece muito importante eu chamar atenção para essa figura, a figura de minha mãe...” (Gonzalez, 2020, p. 394).

Vejamos a ironia com que ela trata esse outro trecho:

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse R no lugar do L nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o L inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa “você” em “cê”, o “está” em “tá” e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês (Gonzalez, 2020, p. 117).

O pretuguês é a exemplificação da práxis *gonzealeana*. Paulo Freire foi e é um autor da práxis, ele atuava e escrevia sobre. Lélia não escreveu, talvez por falta de tempo. Tempo de vida ou por usar o seu tempo para estar quase sempre em ação. Cada um do seu jeito, mas ambos no intuito de transformar a realidade. Essa é a grande *sacação* dessa encruzilhada.

2.3 O Marxismo e a Política

Durante a campanha eleitoral, o ex-presidente Jair Bolsonaro tratou de atacar Paulo Freire, considerando-o um marxista a ser combatido. A confusão teórica é uma ótima aliada de Jair B. “Chamar de marxistas as políticas adotadas pelo PT ao longo da história é interessante ao governo. Assim combatem de uma só vez os conciliadores e os marxistas” (Camargo, 2019).

A imagem abaixo é de uma manifestação no ano de 2015 que pedia o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em que os manifestantes pedem o fim de duas coisas, da doutrinação marxista e de Paulo Freire:

Figura 3. Faixa Basta de Paulo Freire.



Fonte: Site Pedagogia da Imagem¹⁶.

Aristóteles Berino fala sobre essa faixa e nos atenta para um assunto muito importante, o papel das redes sociais:

A faixa que citei anteriormente, contra Paulo Freire não deve ser entendida, sobretudo, como um golpe aleatório contra os fantasmas de sempre, os “comunistas”. É importante perceber que atacar Paulo Freire, após a sua própria partida, é perseguir seu legado, que parece ameaçar ativamente os mais reacionários. No entanto, através de novas estratégias, é importante dizer. Falar de Paulo Freire doutrinador faz parte das guerras culturais e disputas de narrativas que mantêm as redes sociais à flor da pele, instantaneamente inflamadas pelas “viralizações”.

Nesse subcapítulo, trataremos sobre a relação do marxismo com Paulo Freire e Lélia Gonzalez e também a relação deles com o Partido dos Trabalhadores e outros partidos políticos.

A verdade é que Paulo Freire não era marxista. Tanto ele, quanto Lélia Gonzalez foram influenciados pelo marxismo. Defini-lo é algo muito complexo. Para Saviani (1987), a filosofia dialética de Freire é idealista, uma espécie de “dialética de consciências”, que, com base no método fenomenológico existencial, é sinônimo de diálogo e é nítida a inspiração da ‘concepção humanista moderna de filosofia da educação’, através do existencialismo cristão. Na fase de

¹⁶ Disponível em: <http://aristotelesberino.blogspot.com/2019/10/texto-que-preparei-para-minha.html>. Acesso em: 7 ago. 2023

constituição e implantação de sua pedagogia no Brasil (1959-1964), suas fontes de referência são principalmente Mounier, G. Marcel, Jaspers (p. 71).

Para Gadotti (1989, p. 115), “seu pensamento humanista inspirou-se no personalismo de Emmanuel Mounier, bem como no existencialismo, na fenomenologia e no marxismo”.

O debate acerca de qual seria a filosofia de Paulo Freire é polêmico e complexo. Talvez esta dificuldade tenha origem no próprio Paulo Freire. Num artigo denominado O plantador do futuro, afirma Gadotti: “conversei várias vezes com ele sobre isso. Ele sempre se esquivava. Dizia que isso não era importante. De fato, ele não se interessava muito em saber quais eram os autores ou as correntes filosóficas que o influenciaram. Não é fácil inseri-lo dentro de alguma corrente pedagógica” (2005, p. 12). No mesmo artigo, continua: “Linda Bimbi, no belo prefácio da edição italiana da Pedagogia do Oprimido, afirma com razão, que Paulo Freire é ‘inclassificável’” (*Idem*, p. 14). Por fim, Gadotti conclui dizendo que a única forma de classificar Paulo Freire é classificá-lo como humanista (Zanella, 2010, p. 4).

Freire acreditava em Deus e esse fato o coloca como um idealista e não como marxista.

O autor fala sobre isso numa entrevista dada a Saviani (*apud* Bassani *et al.*, 2009, p. 7):

Perguntaram-me, recentemente, num debate: Paulo, tu te definirias como sendo marxista? E eu comentava: eu lhes digo que, por respeito a Marx, eu não me defino marxista. Um teórico que aceite algum a priori da História ou na História não é marxista... Igualmente, se eu aceito Deus como a priori e não admito ouvir perguntas e questões sobre: como é este Deus? como ele age? ele é homem, é mulher ou é um fluido? ele mora aqui ou acolá? Se eu não souber explicitar isto historicamente eu não estarei sendo marxista.

Para finalizar a questão freireana, usaremos o quadro comparativo (Zanella, 2010, p. 19) entre a filosofia de Freire e a marxista:

Figura 4. Quadro Comparativo.

Diferenças	A Filosofia de Paulo Freire	Filosofia marxista
Relação entre o pensamento e o ser	Idealismo: do pensamento para o ser. A realidade é uma extensão do pensamento. Defesa do a priori: Deus	Realismo: do ser para o pensamento. A realidade existe independentemente do pensamento. Materialismo: o a priori é a matéria.
Dialética	Do sujeito, da consciência – diálogo (subjativa)	Da matéria e da produção – lei do devir (objetiva)
Antropologia: quem é o homem?	Ser inconcluso (existência) criado por Deus (essência)	Ser natural/histórico, síntese das relações sociais (produzido pela existência histórica)
Ontologia: o que é a realidade?	É o fenômeno = aquilo que aparece à consciência. "A realidade é todos os fatos e dados e mais a PERCEPÇÃO que deles esteja tendo a população envolvida"(Freire). "Consciência e mundo se dão ao mesmo tempo. O fenômeno é, (...) e se desvela como é" (Sartre).	É uma totalidade estruturada dialeticamente que pode vir a ser racionalmente compreendida. A essência da realidade são as leis dialéticas e científicas (coisa em si) contidas na própria realidade. A realidade é constituída de aparência (pseudoconcreta) e essência (coisa em si – leis dos fenômenos).
Epistemologia: como conhecer a realidade?	Consciência e objeto se definem na CORRELAÇÃO entre ambos: a consciência é sempre consciência de alguma coisa e o objeto é sempre objeto para a consciência.	O conhecimento do concreto na sua essência somente pode ser feito pela pesquisa científica/filosófica. É pelo "método cientificamente exato" que se

	Conhecer a realidade é conhecer a essência da correlação. O fenômeno é INTUÍDO pela consciência. A verdade é construída pelo ato da consciência fundante de sentido. Em última instância, o critério da verdade é o sujeito (consciência). Método da redução – diálogo.	faz a análise, decomposição do todo na busca das conexões internas entre o geral e o particular (mediações) e depois chega-se à síntese enquanto concreto pensado. "O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações (Marx). O sujeito reproduz no pensamento de forma ativa as leis do movimento da realidade. O critério da verdade é a realidade ou a prática social.
Práxis	"A práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo" (Freire). O diálogo reflexivo possibilita o conhecimento ou o desvelamento da realidade (fenômeno). A práxis transformadora se dá pela mediação do diálogo.	"Atividade material do homem que transforma o mundo natural e social para fazer dele um mundo humano" (Vázquez). "É a ação que, para se aprofundar de maneira mais conseqüente, precisa da <i>reflexão</i> , do auto-questionamento, da <i>teoria</i> : e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar os seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática". (Konder). A práxis transformadora se dá pela luta de classes.
Prática/teoria	Concepção pragmática: embora a relação seja dialética, há a primazia da prática sobre a teoria. Acredita-se ser possível teorizar a prática pela reflexão. Prática dos sujeitos.	"A prática não fala por si mesma. (...) O critério de verdade está na prática, mas só se o descobre numa relação propriamente teórica com a prática mesma" (Marx). Prática social determinada, em última instância, pela produção.
Ciência	Concepção fenomenológica: é "a ciência descritiva das essências da consciência e de seus atos" (Husserl).	Concepção do materialismo histórico dialético. Desvelar as leis do desenvolvimento dos fenômenos objetivos (Marx).

Enquanto Paulo Freire era e ainda é chamado de marxista por alguns, a percepção quanto à Lélia Gonzalez parece ser justamente contrária. Ao participarmos de um grupo de leitura de seus textos, percebemos total estranheza ao ligarmos a autora ao marxismo.

A primeira vez que ela foi ligada ao marxismo foi durante a ditadura militar, quando se acirraram as perseguições a potenciais opositores do regime.

Os arquivos do Departamento de Ordem e Política Social (Dops) registram, conforme Barreto (2005, p. 24), as seguintes atividades “políticas” de Lélia: As informações sobre Lélia aparecem pela primeira vez nos fichários do Dops em 1972, quando era professora de filosofia na Universidade Gama Filho. Nessa ocasião, foi solicitada a averiguação sobre seu possível envolvimento no “recrutamento de adeptos à doutrina marxista” na citada universidade. No entanto, nada foi comprovado após a investigação. Com base nos depoimentos recolhidos para a pesquisa, pressuponho que o recrutamento teria alguma relação com a prática de reuniões na casa de Lélia para discussões filosóficas. Ao que Viana (2006, p. 55) acrescenta: Devido a sua atuação intelectual, Lélia, em 1972, já chamava atenção dos órgãos de segurança, pois estaria, segundo informações, “desenvolvendo trabalho de massa na UGF, buscando recrutamento de adeptos à doutrina marxista, juntamente com o Professor Lincoln Penna” (Ratts; Rios, 2010, p. 45- 46).

Lélia Gonzalez era influenciada por três pensamentos europeus: o feminismo, a psicanálise e o marxismo, especialmente o da escola francesa, “que lhe é fundamental para pensar as classes na estrutura social, assim como o conceito de ideologia e consciência, tão caros à geração intelectual brasileira sob a ditadura militar” (Gonzalez, 2020, p. 10).

Na sua obra da década de 1970, há uma maior influência marxista, pois demonstra interesse em compreender a formação do capitalismo brasileiro considerando o papel das questões raciais. No decorrer dos anos 1980, as influências do feminismo e da psicanálise vão dialogando com as categorias marxistas de análise, o que podemos considerar uma fase menos marxista e mais afrocentrada.

Apesar da influência, Lélia “não irá buscar no capitalismo a fonte exclusiva para as explicações acerca do binômio dominação-exploração” (Rios; Klein, 2022, p. 3), isso é o que a diferencia do marxismo.

O que se pode observar, portanto, é que, sem abrir mão de incorporar certas categorias do arcabouço teórico legado pela leitura de Marx e dos autores marxistas, Lélia Gonzalez expõe, de diferentes maneiras, as limitações daquele olhar teórico e contribui trazendo novas formulações e pode-se mesmo dizer que seu pensamento permite vislumbrar uma nova matriz analítica. [...] Ela movimentava-se, portanto, nos meandros entre os tensionamentos em face do cânone estabelecido versus a construção de uma “nova” teoria crítica, que embora não se assente exclusivamente no marxismo, tem nele um alicerce para sustentar suas reflexões sobre a exploração econômica e sua relação com a dominação e a opressão racial e de gênero, assunto que passaremos a analisar na próxima seção (Rios; Klein, 2022, p. 11).

Não é só no marxismo que se dá o encontro dessa encruzilhada. O Partido dos trabalhadores também é um cruzo. Como já falamos, essas duas grandes personalidades são, sobretudo, pessoas da práxis e atuaram ativamente na política brasileira. Conta-se que Lélia Gonzalez teve uma rápida passagem pela Convergência Socialista (O PASQUIM, 1986 *apud*

Ratts; Rios, 2010, p. 94) e depois, em 1981, foi uma das fundadoras do PT, participando da sua coordenação executiva.

Depois de muito diálogo, Lélia acabou se engajando na formação do PT, partido que ela considerava pluralista. Em depoimento coletado por Teresa Cristina Costa (1982, p. 44), ela comentou sua opção pelo Partido dos Trabalhadores, no ano em que foram realizadas as primeiras eleições pluripartidaristas brasileiras pós-ditadura militar: “O PT é um partido que não tem senhor, não tem essa de arregaçar a manga, feito Ademar. Eudes é Eudes, não é senhor senador, meu governador etc. É toda uma visão de mundo, uma postura corporal diferente” (Ratts; Rios, 2010, p. 96).

O que lhe chamava atenção era o fato do PT ser composto por pessoas pobres e trabalhadores sindicalizados, “parecia buscar uma horizontalidade nas relações sociais, quebrando, de certa forma, o padrão elitista dos partidos tradicionais brasileiros, formados por classes econômicas elevadas ou por uma camada média intelectualizada” (Ratts; Rios, 2010, p. 97).

Em 1982, ela se candidatou à deputada federal e juntamente com sua amiga Benedita da Silva, que se candidatou à vereadora, buscaram apoio visitando comunidades e morros. Lélia não se elegeu, ficou como a primeira suplente na bancada do PT, porém aceitou ser assessora de Benedita que foi eleita vereadora. Foi subchefe do gabinete da vereadora e ajudou na elaboração dos discursos, além de servir de intérprete da Benedita, por falar francês, inglês e espanhol.

Não era ingênua, conhecia bem os obstáculos que precisavam ser enfrentados: O PT tem um papel reeducador, é um puta partido. Eu tenho uma perspectiva crítica interna e externa a nível de partido. Temos dificuldade de levar a questão do negro, da mulher, do homossexual, mas não tem estruturas guetizantes, tipo departamento negro (Gonzalez *apud* Costa, 1982, p. 45).

Mesmo fazendo parte de partido político, ela nunca deixou de fazer críticas. Foi membro do Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores por quatro anos (1981-1984) e dois anos depois deixa o partido fazendo críticas ao PT do Rio de Janeiro:

Eu mudei de partido por uma razão simples, é conhecido de todos que o PT do Rio de Janeiro acabou ficando restrito a determinados setores que são majoritários no PT, não realizam um trabalho efetivo na questão racial. Então, meu último sentimento em relação ao PT do Rio – eu quero frisar que só estou me referindo ao Rio de Janeiro, porque se eu estivesse em São Paulo eu não teria saído do Partido – foi vê-los como uma vanguarda falando pra quatro paredes. O PDT no Rio possui um amplo respaldo, e dentro desse respaldo a questão racial é tratada com muito mais atenção. A razão fundamental foi essa, o próprio programa partidário, diferentemente dos outros partidos, é que, antes de entrar no programa propriamente dito, ele declara suas prioridades, e veja que essas prioridades são a criança, o trabalhador, a mulher e o negro (Gonzalez, 2020, p. 432).

Em 1986, se candidata à deputada estadual pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), partido de seu amigo Abdias Nascimento. Entre os 17 itens, sua primeira prioridade era com o movimento negro. Também defendia “a soberania da mulher sobre o seu próprio corpo” (Panfleto de Campanha, 1986 *apud* Ratts; Rios, 2010), “os direitos às opções sexuais dos indivíduos” e a “discriminação contra os homossexuais”.

Apesar do forte apoio do movimento negro, da militância política e feminista, sustentou suas duas campanhas com seus recursos e com ajuda de amigos e mesmo que não tenha conseguido se eleger, ela continuou produzindo textos “que subsidiariam as teses das feministas e dos negros na reforma constitucional” (Ratts, Rios, 2010, p. 103).

Já Paulo Freire não se candidatou, mas atuou como secretário municipal de educação de São Paulo no Governo de Luiza Erundina, então prefeita eleita pelo PT, durante os anos de 1989 a 1991. O seu primeiro ato na secretaria foi restaurar o Regimento Comum das Escolas Municipais, terminado pelo antigo prefeito porque julgava excessivamente democrático. Ao contrário de Paulo Freire que ‘dava grande importância aos Conselhos de Escolas – na época chamados de “Círculos de Pais e Professores” – como instrumentos de participação da comunidade. Por isso investiu muito na sua implantação’ (Gadotti, 1996, p.96).

No dia 27 de maio de 1991 Paulo Freire deixa a secretaria municipal de educação, “à maneira de quem, saindo, fica”, faz uma bela fala com relação ao PT e à sua estadia na secretaria. Essa fala bonita e quase poética foi sintetizada no livro organizado por Moacir Gadotti:

Figura 5. Trecho da despedida de Paulo Freire.

24

MANIFESTO À MANEIRA DE QUEM, SAINDO, FICA

Todos temos vivido a enorme satisfação de poder estar construindo, num esforço comum, uma nova proposta pedagógica na Secretaria Municipal de Educação. Não importa que, por nosso compromisso, tenhamos, de vez em quando, experimentado agonias e sofrimentos.

Estou convencido de que as propostas e princípios do PT, a que a prefeita Luiza Erundina dá carne, estão certos. Princípios gerais que constituem a política de governo, de que a política educacional que vimos implementando é um capítulo.

Não estou, rigorosamente, saindo da Secretaria Municipal de Educação ou mesmo deixando a companhia de vocês. Nem tampouco renegando opções políticas e ideológicas antigas, anteriores mesmo à criação do PT. Não imaginava sequer que o PT aconteceria, na minha juventude, mas sentia muita falta de sua existência. Esperei por mais de quarenta anos que o PT fosse criado.

Mesmo sem ser mais secretário, continuarei junto de vocês, de outra forma. Vou ficar mais livre para assumir outro tipo de presença.

Não estou deixando a luta, mas mudando, simplesmente, de frente. A briga continua a mesma. Onde quer que esteja estarei me empenhando, como vocês, em favor da escola pública, popular e democrática.

As pessoas gostam e têm direito de gostar de coisas diferentes. Gosto de escrever e de ler. Escrever e ler fazem parte, como momentos importantes, da minha luta. Coloquei este gosto a serviço de um certo desenho de sociedade, para cuja realização venho, com um sem-número de companheiros e companheiras, participando na medida de minhas possibilidades. O fundamental neste gosto de que falo é saber a favor de quê e de quem ele se exerce.

Meu gosto de ler e de escrever se dirige a uma certa utopia que envolve uma certa causa, um certo tipo de gente nossa. É um gosto que tem que ver com a criação de uma sociedade menos perversa, menos discriminatória, menos racista, menos machista que esta. Uma sociedade mais aberta, que sirva aos interesses das sempre desprotegidas e minimizadas classes populares e não apenas aos interesses dos ricos, dos afortunados, dos chamados "bem-nascidos".

Por tudo isso, escrever a crítica, não malvada, mas lúcida e corajosa das classes dominantes continuará a ser uma de minhas frentes de briga, tanto quanto vem sendo para muitos de vocês.

Sou leal ao sonho. Minha ação tem sido coerente com ele. Exigente com a ética, considero que ler tem a ver com a coerência com que se vive no mundo, coerência entre o que se diz e o que se faz. Por isso, não temos críticas a fazer ao trabalho que se realizou na secretaria nestes dois anos e meio em que aqui estive como secretário. Considero que a crítica, quando feita de maneira ética e competente, faz com que as nossas ações se aprofundem ou se reorientem. Aprendemos com elas.

Continuem contando comigo na construção de uma política educacional, de uma escola com outra "cara", mais alegre, fraterna e democrática (Síntese da fala de despedida de **Paulo Freire** da Secretaria Municipal de Educação do Município de São Paulo, em maio de 1991).

Fonte: (Gadotti, 1996, p. 101).

2.4 A Alienação

A próxima encruzilhada em que os autores pesquisados se cruzam é a alienação. De acordo com o dicionário *on-line Aulete Digital* (2023), alienação pode ser:

1. Ação ou resultado de alienar (-se); estado ou condição daquilo ou daquele que se alienou.
2. Falta de interesse, de conhecimento ou de consciência sobre as questões importantes da sociedade, sobre os acontecimentos do país e do mundo.
3. Psiq. Perturbação mental que afasta a pessoa do convívio com outros.
4. Jur. Transferência de bens, de direitos a outrem.
5. Fil. Falta de compreensão a respeito da própria condição e das relações reais do sujeito, sua existência no mundo; no marxismo, falta

de consciência ou consciência equivocada a respeito dos processos e relações sociais que determinam a situação do indivíduo; incapacidade de perceber que a ação e os pensamentos decorrem da condição de classe, do papel desta e de seus membros na infraestrutura da sociedade. 6. Fato ou condição de ceder, perder, renunciar a ou estar privado de algo.

Em seus escritos, Lélia Gonzalez fala sobre alienação muitas vezes, a maioria sobre a condição da mulher negra. Mas esse tema também aparece quando ela fala sobre racismo, eurocentrismo, cultura e outros.

Para a autora, pelas formas como a mulher negra é superexplorada e alienada, acaba desempenhando um papel altamente negativo na sociedade brasileira (Gonzalez, 2020, p.75) e pontua que a mulher negra é vista a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata (*ibid.*, p. 71). “A profissão de mulata é exercida por jovens negras que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema” (*ibid.*).

O processo de exclusão da mulher negra é patenteado, em termos de sociedade brasileira, pelos dois papéis sociais que lhe são atribuídos: “domésticas” ou “mulatas”. O termo “doméstica” abrange uma série de atividades que marcam seu “lugar natural”: empregada doméstica, merendeira na rede escolar, servente nos supermercados, na rede hospitalar etc. Já o termo “mulata” implica a forma mais sofisticada de reificação: ela é nomeada “produto de exportação”, ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais. Temos aqui a enganosa oferta de um pseudomercado de trabalho que funciona como um funil e que, em última instância, determina um alto grau de alienação. Esse tipo de exploração sexual da mulher negra se articula a todo um processo de distorção, folclorização e comercialização da cultura negra brasileira. Que se pense no processo de apropriação das escolas de samba por parte da indústria turística, por exemplo, e no quanto isso, além do lucro, se traduz em imagem internacional favorável para a “democracia racial brasileira” (*Ibidem*, p. 50-51).

Outro momento em que Lélia fala em alienação da mulher negra é no texto *O Movimento Negro Unificado: Um novo estágio na mobilização política negra*. Nele, ela fala sobre a “dupla militância” (*ibid.*, p. 165), onde as mulheres precisam lutar contra a discriminação racial e, internamente, lutar contra o machismo. E isso é necessário “se realmente quisermos provocar o nascimento de uma nova sociedade, isso só pode ocorrer na medida em que nós próprias nos tornemos novos seres humanos; ou seja, apenas se resolvermos nossa alienação seremos capazes de transformar a sociedade que estamos denunciando” (*ibid.*).

Segundo Lélia Gonzalez, o eurocentrismo e seu efeito neocolonialista também são formas alienadas de uma teoria e prática que são percebidas como libertadoras (*ibid.*, p. 192). “No caso da sociedade brasileira, apesar da contribuição extraordinária que o negro trouxe, vamos perceber que a cultura, a classe e a raça dominante impõem ao todo desta sociedade uma visão alienada de si” (*ibid.*, p. 333-334), como ela respondeu ao Patrulhas Ideológicas:

Aí a gente cai diretamente na questão do eurocentrismo; se percebe que a sociedade brasileira como um todo é uma sociedade culturalmente alienada, culturalmente colonizada, na medida em que todos os valores de um pensamento, de uma arte, enfim, de tudo que vem da Europa, do mundo ocidental, é o grande barato. E é por aí que dá pra gente entender, inclusive, a impostação do próprio discurso da esquerda, que é um

discurso que se articula dentro dos valores de uma civilização ocidental; ora, o nosso propósito, o nosso objetivo – o que é uma dureza – é exatamente tentar subverter a ordem desse discurso, no sentido do povo mesmo (*Ibidem*, p. 400).

Lélia também fala em alienação com relação ao Black Rio. Ela mesma achou que era alienação a crioula daqui querendo imitar os criolos americanos. Ela fala sobre o tema em um texto (*ibid.*, p. 57) e o assunto é retomado na entrevista citada acima (*ibid.*, p. 402). Outro tema importante em que a alienação também aparece é quando a autora fala sobre racismo. Como, por exemplo, quando ela diz que o racismo por denegação pode se desenvolver para se constituir numa forma mais eficaz de alienação dos discriminados (*ibid.*, p.175) ou quando ela fala sobre o “racismo a brasileira”.

Ao mesmo tempo, e cada vez mais, ele fará tudo para que os outros se esqueçam de que ele é negro; em consequência, seu comportamento será no sentido de provar que ele é mais branco do que qualquer branco. Cada vez mais alienado de si e de sua raça, não se apercebe dos comentários, dos olhares, das formas invisíveis ou disfarçadas do “racismo à brasileira”. Finalmente, acaba por negar a existência do racismo e da discriminação racial porque nunca quis sentir ou perceber nada disso com ele (*Ibidem*, p. 289).

E para finalizar, voltamos a citar Fanon, porque, de acordo com Lélia Gonzalez, ele bota o dedo na ferida da alienação do negro (*ibid.*, p’373). Para ele, a desalienação do negro está diretamente vinculada à tomada de consciência das relações socioeconômicas. Não trouxemos todas as citações da autora quanto à palavra alienação, elegemos as mais importantes para essa pesquisa. Da mesma forma que não traremos todas de Paulo Freire.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire fala em alienação quando trata da questão do oprimido x opressor, da cultura e da educação bancária.

Jerônimo Sartori escreveu sobre a educação bancária:

De acordo com Freire (1987), os pressupostos da educação bancária se assentam na narração alienada e alienante. Ou seja, há a perspectiva de educar para a submissão, para a crença de uma realidade estática, bem-comportada, compartimentada, para a visão de um sujeito acabado, conclusivo. A educação bancária, nesse sentido, repercute como um anestésico, que inibe o poder de criar próprio dos educandos, camuflando qualquer possibilidade de refletir acerca das contradições e dos conflitos emergentes do cotidiano em que se insere a escola, o aluno. Na perspectiva freiriana, a educação bancária tem o propósito de manter a imersão, a reprodução da consciência ingênua, da acriticidade. A prática bancária subordina o educando, sufocando o gosto pela rebeldia, reprimindo a curiosidade, desestimulando a capacidade de desafiar-se, de arriscar-se, tornando-o um sujeito passivo (Sartori, 2019, p. 161).

Em contraponto a essa educação bancária, o autor fala da educação problematizadora (2013) para desalienar e libertar as pessoas através da ação e reflexão¹⁷:

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (Freire, 2013, p. 93).

¹⁷ Escolhemos usar a palavra pessoas no lugar da palavra homens, usada pelo autor, para reforçar a ideia que Freire reconheceu a linguagem machista em sua obra (2018a) e disse que iria solicitar à editora que mudasse.

Paulo Freire também escreveu sobre a situação dos oprimidos que, alienados, ‘querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo. Isto se verifica, sobretudo, nos oprimidos de “classe média”, cujo anseio é serem iguais ao “homem ilustre” da chamada classe “superior”’ (Ibid, p. 68).

Essa passagem lembra a frase “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor” que é muito atribuída a esse livro, entretanto pesquisamos em duas edições digitais e não achamos. Para nossa surpresa não encontramos essa frase em nenhum dos livros do autor. Com o auxílio de Aristóteles Berino, chegamos ao livro *Começando Bem, Frases e Pensamentos*, de Carlos H. Biagolini, volume V. Nele, encontramos a frase como sendo de Paulo Freire, sem nenhuma outra referência.

Nossa estranheza foi tamanha que enviamos um e-mail para a viúva de Paulo Freire. Como assim, essa frase tão disseminada pela negadilha¹⁸ na internet e com diversos produtos comerciais, como blusas, bolsas, quadros, canecas, entre outros, é, na verdade, *fake news*?! Seguindo o dia de surpresas, a Nita Freire respondeu poucas horas depois afirmando que realmente não era uma frase de seu marido Paulo. Que mesmo achando que não era, teria ido confirmar no livro.

Figura 6. Camisa do Paulo Freire.



Fonte: Site Chico Rei¹⁹.

¹⁸ Gíria muito usada por Lélia Gonzalez em seus textos.

¹⁹ Disponível em: https://chicorei.com/camiseta/camiseta-paulo-freire-14063.html?gclid=CjwKCAjw5_GmBhBIEiwA5QSMxASr1-VGYU3r18z3hDMkAv2mZc-Wl-dh9q6vGm_fOvDLhFRYG8fIcRoCG9EQAvD_BwE. Acesso em: 16 ago. 2023.

Na verdade, não é a única frase que a internet atribui a Paulo Freire erroneamente. A frase “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” atribuída ao livro *Educação e Mudança*, também não está presente no livro. A frase “a educação não muda o mundo, a educação muda as pessoas, as pessoas mudam o mundo” é de Carlos Rodrigues Brandão. Segundo o Instituto Paulo Freire (IPF), a referência correta é: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Minha Casa o Mundo*. Aparecida-SP: Ideias & Letras. 2008. p. 164.

Retomando o tema desse cruzo, em *Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo*, o autor não fala em alienação muitas vezes como no livro citado anteriormente, mas há duas passagens que interessam a essa pesquisa. Nessa primeira, Paulo Freire critica o consumismo da sociedade capitalista e o papel da mídia:

“Compre o que você já tem” seria uma forma caricatural de perfilar a sociedade capitalista, chamada de consumo. O papel que a propaganda joga nesta sociedade, em que a alienação da consciência é cada vez maior, teria de ser fundamental. Não necessitamos de propaganda para convencer-nos de comprar feijão, pão, arroz, mas precisamos de propaganda para comprar este ou aquele tipo de perfume e até mesmo para comparar este ou aquele tipo de arroz, apenas com embalagem diferente (Freire, 2011b, p. 192-193).

Essa passagem vai ao encontro de um trecho em que Lélia Gonzalez também critica a mídia por conta da alienação estética colonizadora:

O que ocorre na escolha de uma Negra Ilê, por exemplo, não tem nada a ver com uma estética europeia tão difundida e exaltada pelos meios de comunicação de massa (sobretudo por revistas tipo “pleibói” ou de “moda”, assim como pela televisão). Na verdade, ignoram-se tranquilamente essas alienações colonizadas, complexadas, não só das classes “brancas” dominantes como também dos “jabuticabas” e/ou dos “negros recentes” (né, João Jorge?) (Gonzalez, 2020, p. 293-294).

A segunda passagem foi escolhida por nos parecer ter um sentido muito gonzaleano ao falar de alienação cultural o que o autor chama de “biculturalismo” estranho. A desafricanização das minorias urbanas que são obrigadas a aprender a língua do colonizador, “tanto mais alienadas essas minorias urbanas quanto mais se esforçam por negar suas raízes, para esquecer ou jamais aprender a língua de seu povo, definida pelo colonizador como dialeto, como algo pobre e inferior” (Freire, 2011b, p. 218).

A este “biculturalismo” estranho, as populações rurais conseguem ficar imunes e, acasteladas em sua riqueza cultural, de que até mesmo o que Amílcar Cabral costumava chamar de “debilidades” da cultura fazia parte, preservaram sua língua. Língua com que não apenas se comunicavam, mas também se defendiam da alienante agressão colonial (*Ibidem*, p. 219).

E por falar em alienação cultural, a próxima encruzilhada será o cruzo entre esses dois autores e a cultura.

2.5 A Cultura

Para iniciarmos essa encruzilhada, é preciso estabelecer um conceito. Novamente, recorreremos ao *Aulete Digital* (2023) para trazer alguns significados da palavra cultura:

5. Soma das informações e conhecimentos de uma pessoa, ou de um grupo social: Era homem de grande cultura. Aquela gente lia muito, tinha cultura. 6. Conjunto de costumes predominantes num grupo ou classe social [Cf.: contracultura.] 7. Antr. Tudo o que caracteriza uma sociedade qualquer, compreendendo sua linguagem, suas técnicas, artefatos, alimentos, costumes, mitos, padrões estéticos e éticos (cultura ianomâni/neolítica). 8. Panorama de um país no que se refere ao movimento da criação e divulgação das artes, da ciência e das instituições a elas concernentes: Naquelas décadas, a cultura decaiu. 9. Antr. Conjunto dos valores intelectuais e morais, das tradições e costumes de um povo, nação, lugar ou período específico (cultura asteca/celta/mediterrânea); Civilização. (Cultura, 2023).

Contudo, usaremos o conceito definido por Rodney William (2019, p. 18), para esta pesquisa:

Um conjunto de características humanas que não são inatas e abarcam muito mais do que aspectos visíveis, concretos. O jeito de andar, falar e pensar; de se vestir, se portar e sentir; a fé, a visão de mundo, as relações; as criações, as instituições e os valores de um grupo; a arte e o saber. Em síntese, cultura pode ser compreendida sob vários ângulos: ideias, crenças, valores, normas, atitudes, padrões, abstrações, instituições, técnicas etc.

Ao pesquisar as obras Lélia Gonzalez e de Paulo Freire, percebemos que cultura sempre aparecia nos seus textos. Para Paulo Freire (2011b), língua é cultura e para Lélia Gonzalez a “cultura brasileira é eminentemente negra” (Gonzalez, 2020, p. 65).

De início, nossa pesquisa sobre cultura em Paulo Freire ficaria restrita ao livro *Pedagogia do Oprimido*, por ser a obra principal, e *Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo*, por acharmos um livro importante para o cruzo Lélia/ Paulo/cultura, porém, com o andamento da pesquisa, foi necessário buscar outros livros.

Do livro *Conscientização*, vem o conceito de cultura de Paulo:

À medida que o homem, ao integrar-se às condições de seu contexto de vida, reflete sobre elas e encontra respostas aos desafios que elas lhe apresentam, ele cria sua cultura. A partir das relações que estabelece com seu mundo, ao criar, recriar, decidir, o homem dinamiza esse mundo, acrescentando-lhe algo do qual é o autor. Por conseguinte, ele faz sua cultura. De fato, a cultura tem em Paulo Freire um sentido completamente diferente e muito mais rico que o sentido habitualmente aceito. A cultura - ao contrário da natureza, que não é uma criação do homem - é a contribuição dada por ele à natureza. A cultura é tudo o que resulta da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho para transformar e firmar relações de diálogo com os outros homens. Constitui também a aquisição sistemática da experiência humana, mas uma aquisição crítica e criadora - e não uma justaposição de informações que seriam apenas armazenadas na inteligência ou na memória, e não "incorporadas" em todo o ser e em toda a vida do homem. (Freire, 2016, p. 72-73).

No livro *Por uma pedagogia da pergunta*, Paulo Freire e Antonio Faundez (2013) falam muito em cultura, que, para ele, são todas as manifestações humanas, não somente as artísticas

ou intelectuais. A cultura não pode ser ajuizada em melhor ou pior, aplicando juízo de valor ao que é estranho. Para o autor, “é impossível pensar esta questão, a da cultura, muito menos equacioná-la, fora de uma perspectiva de classe, sem referência ao poder de classe” (*ibid.*, p. 76), isso porque a cultura que prevalece é a cultura da classe dominante.

Muitos conhecem a frase “O mundo não é. O mundo está sendo” (*idem*, 1996 p. 76), mas Paulo também tem a frase “a cultura não é, está sendo” (Freire; Faundez, 2013, p. 22), que usou quando narrou que uma das primeiras lições que aprendeu no exílio foi a de que as culturas são diferentes e não melhores nem piores. Deu um excelente exemplo de como em outras culturas é difícil nos dirigirmos à pessoa que serve, porque em cada cultura há uma forma especial, um código.

Aristóteles Berino publicou um artigo na *Revista Estudos Culturais* sobre a cantora Valesca Popozuda. O trecho a seguir está relacionado com o que estamos tratando, tendo em vista que Berino (2014, p. 10) vai ao encontro da ideia freireana de não hierarquização da cultura:

Cultura é uma palavra que nos dá alguma esperança para entender um mundo que mostra cenários transformados com velocidade, que tumultuam nossas crenças, valores e expectativa de algum sossego ao longo da vida. Através da palavra “cultura” procuramos alguma calma para entender o que se passa. É como usar um guarda-chuva quando o tempo fica ruim. Mas, contraditoriamente, trata-se de uma palavra descontrolada. É também com esse guarda-chuva nas mãos que tomamos os maiores sustos. Quando a chuva aperta, tentamos não nos molhar, procuramos um abrigo maior que o nosso guarda-chuva. É o que acontece quando tentamos dizer que algumas coisas são mais culturais que outras. Mas, nas cidades, as chuvas têm aumentado, piorando muito o tempo. Ouvi dizer que precisamos é de outra ecologia, para uma vida melhor.

Com pensamento democrático e libertador que atende aos interesses do povo, Freire destaca em seu pensamento educacional a cultura, anunciando os pressupostos pedagógicos de sua educação tendo a cultura como eixo central.

Ele e sua equipe no Serviço de Extensão Cultural da então Universidade do Recife, com base no conceito antropológico de cultura, criaram as famosas “fichas de cultura” que inauguraram o sistema de alfabetização de adultos, elaborando, nos anos 1960, uma nova concepção de educação de adultos, com ampla aceitação pela maioria dos movimentos de educação e cultura popular.

Cultura é o eixo em torno do qual instituiu os Círculos de Cultura, lugar onde uma educação libertadora, mesclada a uma cultura popular, encontravam-se como “ação cultural para a liberdade”, título até de uma obra sua (1979). Vivenciando “a cultura como aquisição sistemática da experiência humana” (FREIRE, 1980, p.109), todos, letrados ou iletrados, são fazedores de cultura, criam e recriam condições que os tornam sujeitos críticos, respondendo pela reflexão-ação-reflexão à curiosidade epistemológica. É assim que a vida vai sendo criada e recriada por homens e mulheres que aceitam e respondem aos desafios, alterando e dominando continuamente a natureza, dinamizando e humanizando sua realidade, enfim “acrescentando algo a ela

de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura” (p. 43) (Osowski, 2019, p. 121).

Para Paulo Freire, a cultura está ligada à liberdade, à alfabetização, à conscientização e à política, como veremos a seguir.

Está ligada à liberdade porque “uma cultura tecida com a trama da dominação, por mais generosos que sejam os propósitos de seus educadores, é barreira cerrada às possibilidades educacionais dos que se situam nas subculturas dos proletários e marginais” (FIORI, 2013, p. 11), e à alfabetização, pois usou a cultura como base através dos círculos de cultura.

O círculo é o símbolo mais adequado à lembrança das experiências de cultura e de educação popular realizados no Brasil e na América Latina a partir dos anos 1960. [...]. O círculo de cultura traz para o campo de uma educação popular de vocação transformadora de pessoas e de sociedades algo das iniciativas práticas grupais de uso comunitário, escolar ou pedagógico. A partir da crítica formulada por Paulo Freire a respeito do que ele denominou de “educação bancária”, o círculo de cultura dispõe as pessoas ao redor de uma “roda de pessoas”, em que visivelmente ninguém ocupa um lugar proeminente. O professor que sabe e ensina quem não sabe e aprende aparece como o monitor, o coordenador de um diálogo entre pessoas a quem se propõe construir juntas o saber solidário a partir do qual cada um ensina-e-aprende. [...]. No círculo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a “dizer a sua palavra” (Brandão, 2019, p. 80-81).

Ainda, de acordo com Brandão (*ibid*), no círculo de cultura, cada pessoa é única, é uma fonte de uma forma própria de saber. E por cada um ter uma forma original de ser e de viver, cada cultura representa um modo de vida e todas devem ser valorizadas. Nele, a pessoa alfabetizar-se, educar-se e nunca “ser alfabetizado”, “ser educado”, para Freire (2013, p. 96) “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Para finalizar a ideia das fichas de cultura, recorreremos a Aristóteles Berino:

As fichas de cultura deveriam servir exatamente a uma discussão sobre o significado da “cultura” na elaboração da existência humana. Atuamos (vivemos) modificando a natureza e transformando também a nós mesmos, através da vida social. As fichas de cultura deveriam desafiar a compreensão da nossa condição humana, social e transformativa, através das situações existenciais que figuram nas fichas (Berino, 2021, p. 206).

A cultura para Paulo Freire também é ligada à conscientização e à política. Ao povo cabe dizer a palavra de comando no processo histórico-cultural. Se a direção racional de tal processo já é política, então conscientizar é politizar. E a cultura popular se traduz por política popular; não há cultura do povo sem política do povo. “O método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza” (Freire, 2013, p. 23).

Do livro *Educação como Prática da Liberdade*, extraímos uma passagem que muito nos tocou, mostrando a *boniteza* do trabalho de Paulo Freire quando descobrem que “tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de

um grande escultor, de um grande pintor, de um grande místico, ou de um pensador” (Freire, 1967, p. 109).

Muitos deles, durante os debates das situações de onde tiram o conceito antropológico de cultura, afirmam felizes e autoconfiantes, que não se lhes está mostrando “nada de novo, e sim refrescando a memória”. “Faço sapatos”, disse outro, “e descobro agora que tenho o mesmo valor do doutor que faz livros”. “Amanhã”, disse certa vez um gari da Prefeitura de Brasília, ao discutir o conceito de cultura “vou entrar no meu trabalho de cabeça para cima”. É que descobrira o valor de sua pessoa. Afirmava-se. “Sei agora que sou culto”, afirmou enfaticamente um idoso camponês. E ao se lhe perguntar por que se sabia, agora, culto, respondeu com a mesma ênfase: “Porque trabalho e trabalhando transformo o mundo” (*Ibidem*, p. 109-110).

Em *Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo*, o cruzo de Freire com a cultura fica mais *gonzaleano* por tratar da questão racial. Na segunda metade da década dos anos 1970, Paulo Freire foi convidado para remodelar o sistema educacional de Guiné-Bissau e, no primeiro momento, ele e sua equipe, foram conhecer os problemas centrais e constataram que um dos principais objetivos da educação colonial herdada era a “desafricanização”.

Reproduzindo, como não podia deixar de ser, a ideologia colonialista, procurava incutir nas crianças e nos jovens o perfil que deles fazia aquela ideologia. O de seres inferiores, incapazes, cuja única salvação estaria em tornar-se “brancos” ou “pretos de alma branca”. Daí o descaso que essa escola necessariamente teria de ter por tudo o que dissesse de perto aos nacionais, chamados de “nativos”. Mais do que descaso, a negação de tudo o que fosse representação mais autêntica da forma de ser dos nacionais: sua história, sua cultura, sua língua. A história dos colonizados “começava” com a chegada dos colonizadores, com sua presença “civilizatória”; a cultura dos colonizados, expressão de sua forma bárbara de compreender o mundo. Cultura, só a dos colonizadores. A música dos colonizados, seu ritmo, sua dança, seus bailes, a ligeireza de movimentos de seu corpo, sua criatividade em geral, nada disto tinha valor (Freire, 2011b, p. 25).

Note que o autor usou “preto de alma branca”, termo que Lélia usou algumas vezes em seus textos, de cunho pejorativo, para dizer que uma pessoa é negra, mas possui comportamentos e pensamentos de uma pessoa branca, efeitos da ideologia do branqueamento articulada com o mito da democracia racial. Esse é um termo racista.

Além da ideologia do branqueamento, nesse livro, Paulo Freire cruza com Lélia Gonzalez ao falar de língua e cultura. Como já falamos anteriormente, para o autor, língua é cultura e o colonizador impõem a sua língua ao colonizado. O processo de libertação de um povo não se dá se esse povo não reconquista a sua palavra: “dizer a palavra enquanto libertar consigo sua língua da supremacia da língua dominante do colonizador” (*Ibidem*, p. 217).

Para os colonizadores, só eles “têm” história, pois que a dos colonizados “começa” com a chegada ou com a presença “civilizatória” daqueles. Só os colonizadores “têm” cultura, arte, língua e são civilizados cidadãos nacionais do mundo “salvador” (*Ibidem*, p. 217-218). São passagens como essa que faz o trecho em que Freire conta sobre o gari da prefeitura e o idoso

camponês tão especial e sensível, provando não só a boniteza, mas a práxis e o esperançar freireano.

Desse modo, concordamos e concluímos com Paulo Freire “que cultura é toda criação humana” (Freire, 1967, p. 109). Lélia Gonzalez esteve fortemente envolvida com a cultura, principalmente a cultura negra, haja vista que foi professora de Cultura Popular Brasileira e de Proxemia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), coordenadora do Departamento de Estudos e Pesquisas do Centro Cultural nas Faculdades Integradas Estácio de Sá (1973-1974), Vice-Presidente Cultural do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN) e teve o nome cogitado, por Ruth Escobar, para o Ministério da Cultura durante o governo Sarney.

Ela inaugurou, em 1976, o primeiro curso de Cultura Negra no Brasil, na Escola de Artes Visuais (no Parque Lage do Rio de Janeiro). “Reunindo artistas e intelectuais progressistas, cuja produção implicava numa visão crítica da realidade brasileira, a EAV tornou-se o maior espaço cultural do Rio de Janeiro naquele período” (Gonzalez *apud* Ratts; Rios, 2010, p. 65). Lá ela “propunha uma análise da contribuição africana na formação cultural brasileira” (Barbosa, 2015, p. 60), introduzindo diversas iniciativas para a escola como capoeira, dança afro-brasileira e apresentações de candomblé (Memorialage, 2023), preocupada em romper com uma formação unicamente acadêmica, “defendendo que o conceito de cultura deveria ser analisado e pensado em sua pluralidade e servir como elemento de conscientização política” (Barbosa, 2015, p. 60). Em entrevista dada à *Revista Raça Brasil*, a consagrada artista Zezé Mota relata:

Eu não sabia nada sobre Candomblé, tinha medo até de passar na entrada de um terreiro. Quando saí pelo mundo para divulgar Xica da Silva, as pessoas me perguntavam sobre cultura negra e eu não sabia nada. Então fiz um curso com a antropóloga Lélia Gonzalez e dele fazia parte assistir a um ritual de Candomblé (Mota *apud* *Ibidem*).

Além de lecionar cultura, Lélia também participou de eventos ligados à música. Em 1979, foi coautora do enredo “Noventa anos de Abolição” juntamente com Candeia no Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo (Granes Quilombo), escola de samba do carnaval do Rio de Janeiro (RJ). O Enredo era por ocasião dos 90 anos da Lei Áurea (*Ibidem*). O samba é de Nei Lopes e Wilson Moreira:

NOVENTA ANOS DE ABOLIÇÃO
 Hoje a festa é nossa
 Não temos muito para oferecer
 Mas os atabaques vão dobrando
 Com toda alegria de viver.
 Festa no Quilombo
 Noventa anos de abolição
 Todo mundo unido pelo amor
 Não importa a cor, vale o coração.
 Nossa festa hoje é homenagem

À luta contra as injustiças raciais
 Que vêm de séculos passados
 E chega até os dias atuais
 Que vêm de séculos passados
 E chega até os dias atuais.
 E então
 Reverenciamos a memória
 Desses bravos que fizeram nossa história
 Zumbis, Licutã e Aluma
 Zundu, Loei, Sanin e Dandarã
 E os quilombolas de hoje em dia
 São candeia que nos alumia
 E hoje nesta festa
 Noventa anos de abolição
 Quilombo vem mostrar que a igualdade
 O negro vai moldar com a própria mão
 Quem luta pelo seu lugar ao Sol
 Não é só bom de samba e futebol.
 (Barbosa, 2015, p. 63).

Foi membra do conselho consultivo e da diretoria do departamento feminino dessa escola, de 1979 até 1981, mas a *peçoinha*, como a própria falava, não parou por aí. Em 1982, foi autora do enredo de outra escola de samba do Rio de Janeiro, o Grêmio Recreativo e Bloco Carnavalesco Mocidade dos Guararapes, com o título “A Revolta dos Malês” (Ratts; Rios, 2010).

Alex Ratts e Flávia Rios listaram as atividades culturais que ela participou, que passam por samba, axé e até cinema:

- 1977: membro da equipe de entrevistadores do programa 1977. TV Educativa. Rio de Janeiro (RJ).
- 1979: Coautora, com Candeia, do enredo “Noventa anos de Abolição”. Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo. Carnaval do Rio de Janeiro (RJ).
- 1979-1981: membro do conselho consultivo e da diretoria do departamento feminino do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo. Rio de Janeiro (RJ).
- 1982: membro do conselho deliberativo do Memorial Zumbi (Serra da Barriga, AL). Atuação em Brasília (DF).
- 1982: autora do enredo “A Revolta dos Malês”, para o Grêmio Recreativo e Bloco Carnavalesco Mocidade dos Guararapes. Carnaval do Rio de Janeiro (RJ).
- 1982: membro da Comissão Julgadora do Desfile Oficial das Escolas de Samba. Grupo 1-B. Rio de Janeiro (RJ).
- 1982: membro da Comissão Julgadora da I Noite da Beleza Negra. Grupo Afro Agbara Dudu. Rio de Janeiro (RJ), 30 de julho.
- 1983: membro da comissão julgadora da IV Noite da Beleza Negra, promoção Bloco Afro Ylê Ayiê. Salvador (BA), 29 de janeiro
- 1984: membro da equipe do filme Quilombo, de Cacá Diegues.

Em 1987, lança o livro *Festas Populares no Brasil*, patrocinado pela Coca-Cola, que resume os principais aspectos das festas populares, estas são apresentadas por blocos: carnaval, quaresma, festas juninas, bumba-meu-boi, cavalhadas, festas afro-brasileiras, festas de igrejas e festas natalinas.

Na apresentação do livro, Jorge D. Giganti (Gonzalez, 1989, p. 8) chama Lélia Gonzalez de antropóloga especialista em folclore e diz ter certeza de que o livro irá contribuir para a “valorização das raízes da cultura brasileira”. Além dela, o livro conta com a belíssima contribuição de 30 fotógrafos, incluindo o premiado Walter Firmo.

Na introdução, Lélia explica que as festas populares ocorrem dentro do calendário fixado pela Igreja, como São João, Carnaval e Natal, porque a formação da cultura brasileira se fez “a partir de um modelo que poderíamos chamar de eurocatólico” (*Ibid.*, p.15), porém há uma ruptura com a intervenção da cultura africana e indígena.

O que estamos querendo significar é que na verdade, a dinâmica cultural é a grande responsável pelo estilhaçamento de classificações impostas de cima para baixo, essa dinâmica que tem por sujeito os anônimos representantes das chamadas classes populares. Portanto, se o espaço da festa é eurocatólico, sua manifestação é muito mais ampla, muito mais abrangente. E é isto o que nos ensinam Pastoris, Congadas, Bumba-Meu-Boi, Afoxés, Malhação do Judas, Caboclinhos, Falias, Blocos de sujo, Fogueiras e balões, Maracatus e tantas outras manifestações (*Ibidem*, p. 16).

Essa mulher forte e potente que esteve envolvida em muitos aspectos da cultura negra, não foi sempre assim. Como já citado em outro capítulo, Lélia teve o seu período de *cuca embranquecida* e quando se deparou com a “realidade de uma ideologia preconceituosa e discriminadora” (Gonzalez, 2020, p. 393-394) a cabeça deu uma dançada (*Ibidem*).

A partir daí fui transar o meu povo mesmo, ou seja, fui transar candomblé, macumba, essas coisas que eu achava que eram primitivas. Manifestações culturais que eu, afinal de contas, com uma formação em filosofia, transando uma forma cultural ocidental tão sofisticada, claro que não podia olhar como coisas importantes. Mas enfim: voltei às origens, busquei as minhas raízes e passei a perceber, por exemplo, o papel importantíssimo que a minha mãe teve na minha formação. Embora índia e analfabeta, ela tinha uma sacação assim incrível a respeito da realidade em que nós vivíamos e, sobretudo, em termos de realidade política. (*Ibidem*, p. 394).

De *cuca embranquecida* para mulher de opinião formada, *cabeça feita* e sempre muito incisiva em suas falas, Lélia Gonzalez sabe fazer o rolê cultural cruzando o popular e o acadêmico, o samba e o artigo, o axé e a aula. A mesma mulher que fez parte da diretoria de uma escola de samba também escreveu textos complexos e importantíssimos onde fala sobre cultura, principalmente cultura negra e o papel da mulher na cultura brasileira.

Escreveu sobre exploração, comercialização, distorção e folclorização da cultura negra, mostrando que nós (os negros) é que somos o povo. “O movimento negro cultural está cansado de mostrar que nós somos o povo, já provou isso tranquilamente pra todo mundo, só não vê quem é cego ou quem quer permanecer cego” (*Ibidem*, p. 452). E como sempre ele coloca os *pingos nos is*:

Eu gostaria de colocar uma coisa: minoria cultural a gente não é não, tá? A cultura brasileira é uma cultura negra por excelência, até o português que falamos aqui é diferente do português de Portugal. Nosso português não é português, é “pretuguês”

(*Ibidem*, p. 397). O Brasil é um país culturalmente negro. Quem afirmar no Brasil – quase todo – que não tem negro entre seus antepassados, ou que não tem sangue de negro, está equivocado, ou desconhece a nossa história e o nosso crescimento como nação e como gente (*Ibidem*, p. 415).

Para Lélia Gonzalez, a mulher negra tem um papel importantíssimo na sociedade, pois ela foi a responsável pela formação de um inconsciente cultural negro brasileiro (Gonzalez, 2020). A mãe preta perpetuou os valores culturais afro-brasileiros ensinando as mulheres e homens brancos:

Graças a elas, apesar de todo o racismo vigente, os brasileiros falam “pretuguês” (o português africanizado) e só conseguem afirmar como nacional justamente aquilo que o negro produziu em termos de cultura: o samba, a feijoada, a descontração, a ginga ou jogo de cintura etc. É por essa razão que as “mães” e as “tias” são tão respeitadas dentro da comunidade negra, apesar de todos os pesares (*Ibidem*, p. 276).

Além da mãe preta, outra personagem importante para cultura brasileira é a mulata. Mas para falar desse assunto num subcapítulo de cultura, recorreremos às artes. No lugar do dicionário, buscamos a literatura de cordel para refletirmos sobre o significado da palavra mulata:

NÃO ME CHAME DE MULATA

Eu começo este cordel
Recorrendo ao dicionário
Pois o tal livro reflete
Um saber reacionário
Já que o significado
Do verbete ali mostrado
É antigo e ordinário.

Tomarei como um exemplo
A palavra de “mulata”
Revelada a sua origem
Que me fez estupefata
Pois compara com jumento
Com racista entendimento
A gente miscigenada.

Se você não conhecia
Eu lhe posso explicar
Que mulata se dizia
Com o fim de debochar
O termo pejorativo
Era depreciativo
Sem noção de respeitar.

É chamado de mulato
Aquele que é misturado
Um dos pais é de cor negra
Sendo o outro branqueado
Mas a miscigenação
No início da nação
Foi um mal desnaturado.

Nunca foi caso de amor
Como se pode alegar
Era caso de estupro
Que à negra ia abusar

O senhor da Casa Grande
Mui cruel e dominante
Pronto pra violentar.

E além dessa faceta
Existiu branqueamento
Como oficial medida
Para o tal clareamento
Com o fim de exterminar
De pra sempre eliminar
O negro do pensamento.

Essa torpe intenção
Que visava misturar
A cor negra e a branca
Até por fim conquistar
Um final clareamento
Jogando no esquecimento
A cor preta a incomodar.

É verdade que hoje em dia
No Brasil é proibido
O racismo já é crime
Mas não é nada escondido
Pois a imagem da mulata
Hoje ainda nos relata
Tal racismo aludido.

É possível ainda hoje
Um ditado se escutar
Se o pai é homem preto
E com branca se casar
Todos rezam pra nascer
Um bebê pra condizer
Que à mãe deve puxar.

Se tiver a pele clara
Mas cabelo encrespado
Sendo meio “moreninho”
E com nariz achatado
Vai sofrer com o racismo
Desse mundo de cinismo
Porcamente enquadrado.

E aí ninguém mais pensa
Que a mistura o clareou
Se o cabelo não é liso
Se o nariz não afilou
É tratado como preto
Com racismo obsoleto
Que jamais se acabou.

O problema, realmente
Na mistura não consiste
Mas é na mentalidade
Que o racismo ainda existe
Julgando que é um problema
E fazendo de um dilema
Essa cor que a pele exhibe.

O problema é a tentativa
De impor branqueação
Destruindo a identidade
Para o povo da nação
Impedindo de enxergar
O racismo a clarear
Nessa padronização.

No passado se queria
O final da negritude
Que incomodava o branco
Por ter forte atitude
Pois a preta identidade
É dotada de verdade
De beleza e plenitude.

Os racistas do passado
Inda vivem no presente
Têm um discurso furado
Ensinado para a gente
De que negro não existe
E no termo vil insiste
Com postura insolente.

Vão chamando de mulato
Ou de pardo e bronzeado
Dizem que é cor de jambo
Tom moreno e amarronzado
Chama até de chocolate
Nesse torpe disparate
De racismo nomeado.

Só não chama pelo nome
Que lhe é fortalecido
Pois racista não tolera
O negro que é entendido
Que bem sabe de sua cor
E por ela tem amor
Com orgulho agradecido.

Quando digo que sou negra
Corre um monte pra falar
Que não sou suficiente
Para me identificar
Se não fosse irritante
Ia ser hilariante
Mas é de se preocupar.

Pois na hora do racismo
Quando querem desprezar
Todo o tipo de exclusão
Contra mim querem jogar
Já negaram até trabalho
Me queriam de cangalho
Para em mim poder pisar.

Mas a partir do momento
Que de tudo me toquei
Entendi o meu contexto
E enfim me empoderei

Tenho uma identidade
Forte essa integridade
E de negra me enxerguei.

Essa palavra “mulata”
Ela não me representa
Não sou cria de jumento
Nem de burro sou rebenta
Eu sou filha duma gente
Corajosa e imponente
Com história opulenta.

Não aceito esse carimbo
De “mulata” Globeleza
O meu corpo não é coisa
Pra racista nojenteza
Sei bem mais do que sambar
Pro machismo se acabar
Eu te passo essa certeza.

A beleza das pessoas
Está na diversidade
É por isso que acredito
Com muita sinceridade
Que ser negra é alegria
Com destreza e ousadia
É minha prioridade.

Não me chame de morena
Pois a minha aparência
Contém a ideologia
Da mais pura sapiência
É dotada de intenção
Com fim de libertação
Cheia de resiliência.

Eu mantenho sempre viva
Essa herança ancestral
Que por mim se perpetua
E que em mim é maior
Negritude é baluarte
Resistente contraparte
Ao racismo imoral.

É por isso que eu exijo
O respeito que é devido
Que aceite a minha fala
E não venha de atrevido
Venha enfim compreender
Bem-disposto para ver
O que tenho promovido.

Não me chame de mulata
Eu sou negra orgulhosa
Não me chame de morena
Eu sou preta vigorosa
Tenho garra pra lutar
Para a todos ensinar
Sempre bem esperançosa.

Essa minha identidade
 Possui força exemplar
 É firmada na coragem
 De unir e conquistar
 Resgatei minha raiz
 E agora eu sou feliz
 Pelo que posso contar.
 (Arraes²⁰ *Apud* Geledés, 2015).

Jarid nos esclareceu, ou melhor, enegreceu, que mulata é um termo pejorativo, racista que não deve ser usado mais, porém, no samba o termo é usado ainda hoje e foi muito criticado por Lélia Gonzalez (2020) por ser uma forma de coisificação e exploração sexual da mulher negra. O que ela chamou de pseudomercado de trabalho que nada mais é do que alienação, assunto que tratamos há pouco. Tudo isso está ligado ao carnaval que é um símbolo importante da nossa cultura, porém é nesta festa que se exalta o mito da democracia racial, de onde podemos concluir que, assim como para Paulo Freire, a cultura também está ligada à política para Lélia Gonzalez:

É nesse momento que a exaltação da cultura amefricana se dá através da mulata, desse “produto de exportação” (o que nos remete a reconhecimento internacional, a um assentimento que está para além dos interesses econômicos, sociais etc., embora com eles se articule). Não é por acaso que a mulher negra, enquanto mulata, como que sabendo, posto que conhece, bota pra quebrar com seu rebolado. Quando se diz que o português inventou a mulata, isso nos remete exatamente ao fato de ele ter instituído a raça negra como objeto a; e mulata é crioula, ou seja, negra nascida no Brasil, não importando as construções baseadas nos diferentes tons de pele. Isso aí tem mais a ver com as explicações do saber constituído do que com o conhecimento. É também no Carnaval que se tem a exaltação do mito da democracia racial, exatamente porque nesse curto período de manifestação do seu reinado o Senhor Escravo mostra que ele, sim, transa e conhece a democracia racial. Exatamente por isso que no resto do ano há reforço do mito enquanto tal, justamente por aqueles que não querem olhar para onde ele aponta (Gonzalez, 2020, p. 119-120).

Em um outro texto (Gonzalez, 2020) a autora afirma isso quando fala da importância dos blocos afros. O Ilê Aiyê que iniciou o processo de subversão cultural em Salvador, resgatando os valores estéticos afro-brasileiros e, no Rio de Janeiro, o Agbara Dudu:

Pessoalmente, tive a honra de pertencer ao corpo de jurados da Noite da Beleza Negra tanto do Ilê Aiyê quanto do Agbara Dudu, essas duas entidades pioneiras. Pioneiras no sentido de demonstrarem que cultura é política com P maiúsculo, na medida em que, da maneira mais didática e prazerosa, fazem com que a nossa etnia tome consciência do seu papel de sujeito de sua própria história e de sua importância na construção não só deste país como na de muitos outros das Américas (*Ibidem*, p. 331).

Paulo Freire e Lélia Gonzalez se encontram na encruzilhada da cultura, mas, dentro dela há outros cruzos. Para ambos, a cultura é política e os dois criticam a hierarquização da cultura

²⁰ Jarid Arraes é uma cearense que nasceu no ano de 1991 em Juazeiro do Norte. É poeta, cordelista e escritora. Tem mais de setenta títulos publicados em literatura de cordel, incluindo o livro *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*.

onde as línguas dos países africanos não são consideradas línguas, mas sim dialetos. Em uma entrevista, ao ser questionada sobre a proibição do filme *Je Vous Value*²¹, Lélia responde:

É o problema do conflito entre a cultura dominante e a cultura dominada. Tudo que vem da cultura dominada é universal, racional, brilhante etc. e tal. As religiões negras e indígenas são chamadas de “cultos”. As línguas africanas não são consideradas línguas, mas sim “dialetos”; é óbvia a postura etnocêntrica, racista, que se apoia num evolucionismo linear e idiota que se entranhou no pensamento das classes dominantes brasileiras. É uma hipocrisia o que estão fazendo com esse filme. Muitos filmes que valorizam a violência são assistidos pelos nossos filhos e nada se faz a respeito (*Ibidem*, p. 436-437).

Através ou juntamente com a cultura, Lélia discute o quanto a nossa sociedade é manipulada pelo racismo cultural, a superioridade europeia, a resistência cultural, a classe dominante e a apropriação cultural. Este último é um tema que está em voga e, de acordo com Rodney William (2019, p. 32):

Apropriação cultural é um mecanismo de opressão por meio do qual um grupo dominante se apodera de uma cultura inferiorizada, esvaziando de significados suas produções, costumes, tradições e demais elementos. Tomando como exemplo a sociedade de consumo, onde tudo se transforma em produto, e mais especificamente a realidade brasileira, percebe-se que há muito tempo se usa uma estratégia para tornar palatável a cultura afro: apagar os traços negros, a origem ou qualquer outro elemento passível de rejeição, sobretudo aqueles que de alguma forma remetem à herança religiosa.

Entre os momentos que Lélia Gonzalez (2020) trata do tema apropriação cultural, há, por exemplo, um texto em que a autora se preocupa com o processo de apropriação das escolas de samba por parte da indústria turística, não só pelo lucro, mas também pelo reforço à imagem da falsa democracia racial.

A cultura é, sem dúvidas, uma encruzilhada com muitos caminhos que podem ser percorridos e, talvez, outros a serem descobertos. E depois de pesquisar sobre, fica quase óbvio esse cruzamento, afinal ambos são autores politizados e apaixonados pelo Brasil.

2.6 Bell Hooks ou Educação e Amor

No primeiro capítulo, ao falar sobre o feminismo negro, falamos sobre a autora/professora/teórica/feminista/artista/ativista/antirracista bell hooks, mas sua importância, não só para esta pesquisa, é tamanha que se faz necessário ter um subcapítulo, por homenagem ou justiça.

Batizada com o nome de Gloria Jean Watkins (1952-2021), bell hooks nasceu em 1952 em uma família da classe trabalhadora dos Estados Unidos. Seu pseudônimo foi uma

²¹ Filme do diretor francês Jean-Luc Godard provocou críticas dos conservadores e foi proibido de ser exibido no Brasil por ser uma adaptação da história da Virgem Maria. A igreja católica condenou o filme e o presidente José Sarney proibiu, sendo o último filme vetado no Brasil.

homenagem a sua avó Bell Blair Hooks (como uma reverência, respeito, ancestralidade), escrito em letras minúsculas propositalmente para que o foco seja no conteúdo de seus escritos e ideias e não em sua identidade. Sua família era numerosa, tinha cinco irmãs e um irmão.

Viveu a sua infância durante o período de segregação racial, estudando em escolas para negros, porém, na adolescência, sofreu todo o racismo de ser minoria negra numa escola não segregada.

Escreveu seu primeiro livro quando ainda estava na faculdade e sua trajetória acadêmica é longa, escreveu e publicou mais de 30 livros, dentre os temas de suas obras está luta contra o racismo, a importância do amor, a desigualdade social e de gênero e a crítica ao sistema capitalista. Ela se preocupa em dialogar especialmente com as mulheres negras que, atravessadas pelos múltiplos sistemas de dominação, precisam se fortalecer, além de denunciar o sexismo dos homens negros e o racismo das mulheres brancas, pois ambos os grupos agem como opressores das mulheres negras.

De acordo com Halina Leal (2022, p. 3), Amanda Castro e Raylene Moreira, “as opressões de gênero, de raça e de classe, presentes em todos os momentos ao longo das discussões trazidas por hooks, distribuem-se em, pelo menos, quatro eixos de análise: o feminismo negro, a crítica cultural, o amor e a educação. Como tratamos do feminismo negro anteriormente, para essa encruzilhada interessa-nos o amor e a educação.

Sobre educação, bell escreveu uma trilogia: *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017), *Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança* (2021) e *Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática* (2020).

No primeiro livro da trilogia, já se percebe a influência de Paulo Freire através do subtítulo, mas vai além, bell hooks dedicou um capítulo inteiro àquele que se tornou seu mentor e guia (HOOKS, 2017, p. 15). É muito interessante a forma como escolheu para escrever esse capítulo, um diálogo lúdico entre ela e sua voz de escritora, pois em um ensaio não lhe pareceria possível alcançar a intimidade desejada:

Este é um diálogo lúdico em que eu, Gloria Watkins, converso com bell hooks, minha voz de escritora. Quis falar sobre Paulo e sua obra deste jeito porque ele me proporciona uma intimidade - uma familiaridade que não me parece possível alcançar na forma de ensaio. E aqui encontrei um modo de partilhar a doçura, a solidariedade sobre a qual falo (*Ibidem*, p. 65).

Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança (2021) é o segundo livro da trilogia. Lançado nos Estados Unidos em 2003, foi o terceiro a ser publicado no Brasil. No seu prefácio à edição brasileira, Ednéia Gonçalves fala que o livro “reensina o esperançar” (HOOKS, 2021, p. 14) de Paulo Freire nos convocando a uma pedagogia desassossegada, fala também do esperançar para bell e Paulo:

Esperançar, para bell e Freire, é condição para o estabelecimento de comunidades educativas dispostas a reagir à violência das opressões vigentes em ambientes estruturalmente hostis à liberdade de expressão e a questionamentos das relações verticalizadas que as sustentam (*Ibidem*, p. 15).

Esperançar é um dos temas centrais na obra de Paulo Freire. Esperança é uma necessidade ontológica, é ir atrás, não ficar esperando, é não desistir, é ser capaz de buscar o que é viável para fazer o inédito. É uma esperança crítica que não se acomoda com o que incomoda.

De uma forma muito simples, a autora resume o tema do livro e sua ligação com Paulo Freire. Ousamos dizer que esta também seja uma justificativa de muitos educadores que se identificam com os ideais freireanos:

Nos últimos vinte anos, educadores que ousaram estudar e aprender novos jeitos de pensar e de ensinar, a fim de que nosso trabalho não reforce sistemas de dominação, imperialismo, racismo, sexismo ou elitismo, criaram uma pedagogia da esperança. Falando sobre a necessidade de cultivar esperança, o educador brasileiro Paulo Freire nos lembra: “A luta pela esperança significa a denúncia franca, sem meias-palavras, dos desmandos, das falcatruas, das omissões. Denunciando-os, despertamos nos outros e em nós a necessidade, mas o gosto também, da esperança” (*Ibidem*, p. 27).

É nesse livro que ela toma Freire como exemplo para defender pessoas brancas antirracistas. O mesmo Freire que ela criticou pela linguagem sexista no primeiro livro, tema que tratamos no primeiro capítulo.

E somos provocados a considerar de novo e de novo nosso posicionamento em relação à questão do racismo, em diferentes momentos da vida. Esse tem sido o caso, sobretudo, para pessoas brancas. Poucas delas tomam a decisão de ser fundamentalmente antirracistas e de viver o significado dessa decisão de maneira consistente. Essas são as pessoas brancas que sabem intimamente e muito bem que o racismo não está no sangue, que ele está sempre relacionado à consciência. E onde há consciência, há escolha. Em À sombra desta mangueira, Paulo Freire nos lembra que o racismo não é inerente à condição humana, afirmando: “Não somos racistas, tornamo-nos racistas assim como podemos deixar de estar sendo racistas” (*Ibidem*, p. 110).

No livro *Paulo Freire, uma história de vida*, Ana Maria Araújo Freire, a viúva de Freire, conta que o autor tinha em mente fazer dois “livros falados” com feministas e uma delas seria bell hooks (FREIRE, 2017). Não sabemos o motivo de o livro não ter virado realidade, mas acreditamos ser devido ao falecimento de Freire.

A edição brasileira do último livro dessa trilogia, conta com riquíssimo prefácio de Sérgio Haddad (2019), professor, pesquisador, ativista social e autor do livro *O educador: um perfil de Paulo Freire*. Haddad conta (HOOKS, 2020, p. 16) que, como o foco de Freire era descolonizar as mentes, a educação e os sistemas políticos, a experiência de Paulo Freire em Guiné-Bissau foi fundamental para orientar a maneira que bell hooks pensava como a vida da população era conduzida.

Afirmamos que é uma rica contribuição pois o prefácio não se detém ao último livro, o autor faz um apanhado de toda relação hooks / Freire, desde o primeiro livro da trilogia onde

bell hooks relaciona a vivência de Paulo Freire com os camponeses do Nordeste do Brasil à sua, com mulheres negras e pobres:

Freire deu a ela a chave da leitura de mundo baseada na experiência das mulheres negras como processo de educação libertadora. Mirando seus escritos pedagógicos sobre os camponeses no Nordeste do Brasil e a forma como o reconhecimento da sua cultura fazia parte do processo de aprender e ensinar (*Ibidem*, p. 20).

Esse livro é separado por ensinamentos, que são reflexões destinadas a professores e estudantes, e Freire está presente em cinco deles:

Ensino 3: pedagogia engajada;
 Ensino 4: descolonização;
 Ensino 7: colaboração;
 Ensino 8: conversação;
 Ensino 32: sabedoria prática (*Ibidem*, p. 20).

A descolonização é um ensinamento muito caro para essa encruzilhada. Nesse capítulo, bell hooks usa a pedagogia crítica de Paulo Freire para falar da descolonização, como, por exemplo, quando fala do movimento dos ativistas *black power*, que chamaram atenção para a forma que a estrutura educacional estava formada:

Por exemplo, criticavam o fato de as crianças aprenderem na escola que “Colombo descobriu a América” (um preconceito que negava a presença de povos originários neste continente antes de brancos colonizadores chegarem ao chamado novo mundo) e revelavam o conhecimento de que exploradores africanos viajaram para esta terra antes dos europeus. (Hooks, 2020, p. 53).

Esse trecho se relaciona a uma fala de Lélia Gonzalez num texto muito potente que se chama “Cultura, etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher”. Nele, após a autora apontar a escola como aparelho ideológico, ela identifica o mesmo mecanismo colonizador narrado por bell hooks.

O sistema educacional é usado como aparelhamento de controle nessa estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro – elementar, secundário, universitário – o elenco das matérias ensinadas [...] constitui um ritual da formalidade e da ostentação da Europa e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo foram ou são ensinados nas escolas brasileiras? Quando há alguma referência ao africano ou ao negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra (Gonzalez, 2020, p. 43).

No trecho acima, Lélia se referiu à situação como racismo, mas poderíamos chamar de epistemicídio que, de acordo com o Geledés (2014, *apud* Carneiro, 2005), é um processo que ocorre por diversos motivos, como a negação da condição de sujeito que os negros sofrem, pela baixa autoestima, pela desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e sua diáspora.

Em se tratando de educação, bell e Lélia possuem outro cruzo, a relação com os professores. Como já vimos, não foi um “mar de rosas” a vida estudantil de bell hook depois que deixou de estudar em escolas só para negros. Ela relatou (HOOKS, 2017) que no ensino médio, a maioria dos professores não estavam interessados em explicar, “mais que qualquer outra coisa, pareciam fascinados pelo exercício do poder e da autoridade dentro do seu reininho - a sala de aula” (*ibidem*, p. 30). Vindo de encontro trazemos o relato de uma entrevista que Lélia Gonzalez fez:

Uma das mulheres que entrevistei, Maria, relatou as dificuldades de uma menina negra pobre, de pai desconhecido, confrontada com o sistema de ensino unidimensional (isto é, eurocêntrico), centrado em valores que não os dela. Quando falou das dificuldades no aprendizado, Maria também criticou a atitude dos professores (autoritários e colonialistas), que já de saída desprezavam a pobreza e a negritude em favor das práticas e métodos de “conhecimento par excellence”: aqueles da classe, raça e sexo dominantes (Gonzalez, 2020, p. 218-219).

Ivanilde Oliveira (2015, p. 220) aponta que Paulo Freire influenciou bell hooks pois sua obra “permitiu-lhe compreender as limitações do ato pedagógico que ela mesma havia tido como aluna”. Ela “acolheu a pedagogia crítica de Paulo Freire, promovendo a sua aproximação ao feminismo e, assim, consequentemente contribuindo para a sua irradiação entre os círculos acadêmicos e populares feministas” (Mariz, 2021, p. 55).

Para finalizar o cruzo com a educação, trazemos uma passagem simbolizante para o tema que está sendo tratado, quando a autora relata o quão duro foi lidar com o modelo de aprendizagem responsável por introduzir uma perspectiva hierárquica entre teoria e prática e que também valorizava a separação radical entre aluno e professor:

O compromisso com a busca de conhecimento me deu força para continuar assistindo as aulas. Mas mesmo assim, como eu não era conformista – não era uma aluna passiva, que não questiona - alguns professores me tratavam com desprezo. Eu estava aos poucos me distanciando da educação. Em meio a esse distanciamento, encontrar Freire foi fundamental para minha sobrevivência como estudante. A obra dele me mostrou um caminho para compreender as limitações do tipo de educação que eu estava recebendo e ao mesmo tempo, para descobrir estratégias alternativas de aprender e ensinar. (Hooks, 2017, p. 30).

Além da educação, bell hooks também escreveu sobre o amor. Em 2021, a editora Elefante publicou *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Nele, a autora fala do amor rompendo com a ideia do amor romântico, semelhante a uma fantasia. Poderíamos dizer que é um texto *gonzaleano*, pois se apoderou da interseccionalidade usando o racismo, o sexismo e o classismo para teorizar o amor.

Além de fazer uma revisão bibliográfica sobre o tema, a autora destaca como precisamos combater o patriarcado e defende que amar é um ato político revolucionário (Noguera, 2021).

Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire fala sobre o amor:

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de

dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (Freire, 2013, p. 100-111).

Ele nos diz que o amor é fundamento do diálogo e também diz que “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (*ibid.*). Para Paulo Freire, assim como para bell hooks, o amor não pode ser piegas e, como um ato de liberdade, não deve ser um pretexto para a manipulação (*ibid.*).

Cleoni Fernandes escreveu que “Freire ensinou que quem ama não desiste. Sua vida mostrou que não desistiu” (FERNANDES, 2019, p. 40) E Balduino Andreola deixou uma linda mensagem sobre e com amor: “Teu olhar continuará nos desafiando, para dizer-nos que a luta não acabou, até que o sonho coletivo ceda lugar à realidade nova de uma terra sem exclusões, onde não se tenha vergonha de proferir a palavra amor” (Andreola, 1997, p. 47).

Mas e quanto à Lélia Gonzalez? Laysi Zacarias diz que “bell hooks e Lélia Gonzalez não falaram as mesmas coisas sobre o amor, mas elas se completam, elas são as companheiras de dança para embalar a procura por estalos” (Zacarias, 2021, p. 134). E mais: “O amor, nas perspectivas estudadas, quase consenso foi convite para a mudança bem como a ação também em direção a justiça: Não há justiça sem amor, bem como sua ética/política” (*ibid.*).

Ao contrário de bell, Lélia não tinha o amor como tema, mas em *A categoria político-cultural de amefricanidade* ela usa a categoria freudiana de objeto parcial, onde sugere que o amor sendo “a relação entre sujeito e objeto amado, alguns objetos que se tornaram foco de pulsões parciais faz com que partes do corpo, reais ou fantasmadas se tornem objeto de amor que não a pessoa por completo” (*Ibidem*, p. 69).

Um ponto em comum nesse cruzo é a “busca por si mesma” que aparece tanto na produção intelectual, quanto na vida pessoal de ambas. bell hooks deixou uma relação, pois o companheiro não estava aberto ao crescimento pessoal e abertura emocional a qual ela desejava se dedicar (Zacarias, 2021 *apud* Hooks, 2003), e Lélia Gonzalez também pôs fim a um relacionamento, mas porque buscava se conhecer, buscava sua negritude, enquanto seu companheiro, era um negro embranquecido. E mais:

Ainda que bell hooks e Lélia estejam em contextos e temporalidades diferentes, as duas nos dão notícias do amor enquanto relação entre sujeito-objeto (Yancy, Davidson, 2009; Gonzalez, 2020 - 1988) e ainda desafiam as definições de amor que mais se sedimentaram no imaginário ocidental. É aqui que encontramos uma importante contribuição do diálogo entre as duas. Enquanto bell hooks fala a partir da realidade estadunidense e nesse sentido por diversas vezes mobilizar ao falar de amor e pessoas negras o lugar de “african american”, os deslocamentos propostos por Lélia Gonzalez são extremamente amefricanos, tendo por base principalmente a experiências de mulheres negras e indígenas (*Ibidem*, p. 68).

São duas mulheres feministas negras interseccionais que denunciam os diversos tipos de preconceito e desigualdades, como, por exemplo, o machismo, porém, não advogam pela exclusão dos homens negros e identificam a necessidade da luta conjunta contra o racismo, afastando o pensamento binário. Essa *boniteza*²² de lidar com os irmãos negros nos parece bastante freireana.

Lélia Gonzalez, Paulo Freire, bell hooks, educação e amor, que encruzilhada potente!

²² Boniteza tem dimensão poética, já que é palavra ressignificada – no dicionário, é sinônimo de bonito. Mas o termo freireano não tem a ver exclusivamente com a aparência. É intrínseco ao que é bom, verdadeiro, ecoa a definição platônica de belo. Boniteza é conceito que tem a ver com a crença em um mundo mais justo. É posicionamento político. Tem a ver com direitos civis e humanos. Fala do trabalho justamente remunerado, da comida na mesa, da escola popular e democrática de qualidade. É uma síntese do amor revolucionário. Faz referência à luta antirracista e a feminista. À amorosidade e à gentileza nas relações (FREIRE, 2021, p. 11-12).

3 EBÓ EPISTEMOLÓGICO

Depois das encruzilhadas, o ebó.

O ebó é um ritual africano de limpeza, descarrego e reposição espiritual, corporal, energética, mental ou epistêmica. Como dito no início da pesquisa, para Luiz Rufino, o ebó epistemológico compreende todas as operações teórico/metodológicas que vêm a produzir efeitos de encantamento nas esferas de saber (RUFINO, 2016, p. 6). E mais:

O ebó, se configura como o conhecimento praticado, os ritos de encante e as tecnologias codificadas nos cruzamentos de inúmeras sabedorias negro-africanas transladadas e ressignificadas na diáspora, tem como efeito operar na positivação dos caminhos. Ao incidir sobre seu alvo o afeta, conferindo a ele mobilidade, dinamismo e transformação (Rufino, 2016, p. 6).

Para tomar esse ebó, passo, a partir desse momento, a fazer uso da escrevivência como um princípio conceitual-metodológico da escrita de si e/ ou narrativa do eu.

3.1 Escrevivência

Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles.

Gloria Anzaldúa

Essa palavra foi falada pela primeira vez por Conceição Evaristo, no VI Seminário Mulher e Literatura realizado em 1996, na UFRJ (Duarte; Nunes, 2020).

Conceição nasceu em 29 de novembro de 1946 na favela do Pindura Saia na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Com 8 anos, já fazia serviços domésticos (Nilha, 2022) e sempre gostou muito de estudar. Fez o Curso Normal e, nos anos 1970, foi aprovada no concurso do Rio de Janeiro.

Já morando aqui no Rio, ela se casou e, em 1980, nasceu Ainá. Infelizmente, 9 anos depois, Conceição fica viúva, porém, na década de 1990 ela termina o curso de Letras e se torna mestra em Literatura Brasileira (Nilha, 2022).

Seu primeiro livro, *Ponciá Vicêncio*, foi publicado em 2003, 3 anos depois foi lançado *Becos da Memória* e, em 2008, *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*. Conceição Evaristo também publicou *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), *Olhos d'Água* (2014), *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (2016), e *Canção de Ninar Menino Grande* (2018).

Ela, que já ganhou prêmios como o Jabuti, ganhará mais um. Acabou de ser anunciado que receberá o Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano. Este, que ano passado teve o Padre Júlio

Lancellotti como ganhador, é concedido pela União Brasileira dos Escritores (Portal Geledés, 2023).

Confesso que não era uma leitora ávida de Conceição Evaristo. Li alguns contos e poemas, contudo, estou “correndo atrás do prejuízo” e comprei *Ponciá Vicêncio*, *Olhos D'Água* e *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*.

Tive oportunidades de assisti-la. A primeira vez foi em 2018, na 2ª edição da Ler – Salão Carioca do Livro, que aconteceu na encantadora Biblioteca Parque Estadual. Lembro que fiquei impressionada com a forma calma dela falar com o público, majoritariamente negro, que estava praticamente hipnotizado e apaixonado por ela.

Figura 7. 2ª edição da Ler - Salão Carioca do Livro.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nosso segundo encontro foi *on-line*. Durante a pandemia, fui ouvinte da disciplina Pensamento Intelectual/ Militante Negra da Professora Fátima Lima que é do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais da CEFET-RJ. A segunda aula do curso foi uma sessão dedicada à Conceição Evaristo, com o tema “A escrevivência como ferramenta de vida e trajetórias acadêmicas”. Para a minha surpresa e de todas as pessoas presentes, quem falou

sobre a escrevivência foi a própria. Considero que essa aula foi um marco, pois ali uma semente foi plantada.

Figura 8. Bordado Conceição Evaristo.



Fonte: Arquivo pessoal.

A figura acima é um bordado que fiz e dei de presente para a professora Fátima Lima no final do curso, professora que tenho grande admiração pela sua potência, inteligência e capacidade de ajuntar. Durante a pandemia, experimentei muitas coisas novas, o bordado foi uma delas e aprendi vendo vídeos no YouTube. Relutei trazer essa imagem, porque eu bordei a famosa frase da Conceição Evaristo, porém “consertei”.

A frase correta é “Eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer” e faz parte do livro *Olhos D'Água*. Não lembro ao certo o porquê fiz isso, mas acredito que deva ser somente por preconceito linguístico. Daí que eu não queria trazer essa imagem, logo eu, uma mestrandia pesquisadora do pretuguês!? Depois pensando melhor, mudei de ideia. Se um dia tive esse preconceito e hoje penso diferente, é mais uma prova de que esse mestrado acadêmico-vida está me ensinando muito. Desculpa, Dona Conceição! Desculpa professora/deusa, Fátima!

O terceiro momento foi no Museu do Amanhã, localizado aqui no Rio de Janeiro, em julho de 2023, durante o Festival Latinidades. Assisti ao lindo encontro da Conceição Evaristo com Epsy Campbell (ex-vice-presidente da Costa Rica (2018-2022)) e presidente do Fórum Permanente de Pessoas Afrodescendentes da ONU), Tonika Sealy Thompson (embaixadora de Barbados) e Susana Harp (senadora do México). E para fechar com chave de ouro, ainda havia a mediação de Carla Akotirene.

Figura 9. Festival Latinidades.



Fonte: Arquivo pessoal.

Quando eu pensava que esse texto estava finalizado, precisei voltar para acrescentar os outros encontros que tive com Dona Conceição Evaristo. De volta ao Museu do Amanhã, dessa vez para participar do Festival Mulheres do Mundo, tive o prazer de assisti-la na mesa “Escrever o Amor e o Afeto”, juntamente com Analis Assumpção, mediadas pela Obirin Odara.

Figura 10. Festival Mulheres do Mundo.



Fonte: Arquivo pessoal.

Escrevivência é a junção de escrever e vivência, que, de acordo com Conceição Evaristo (2020), é um ato de escrita de mulheres negras e é uma ferramenta de luta das mulheres negras (Oliveira, 2009). Cabe ressaltar que o ponto nuclear não pode ser esquecido, a força da ideia não está somente na aglutinação das palavras, mas na genealogia da ideia que é a força motriz de mulheres negras escravizadas que nos antecederam (Evaristo, Youtube, 2022).

A escrevivência é a denúncia que se expressa de diversas maneiras, um marido violento, uma patroa abusiva... é um ato de descolonização à medida que estamos subvertendo regras. Isso me inquieta muito e voltarei a falar desse assunto.

Para Isabella Rosado Nunes, pesquisar e estudar a escrevivência de Conceição é urgente porque:

Compreende uma complexidade que se expressa nos espaços literário, político, histórico; não necessariamente nessa ordem. Escreve o protagonismo das mulheres negras, colocando em questão as desigualdades e preconceitos raciais e de gênero. É ato de defesa de direitos, de formação. É acreditar que toda pessoa tem algo para compartilhar; e que, ao registrar ou publicar, promove sentidos, reconhecimentos e uma compreensão de vida livre e ampla, essencial para que se conheça e se respeite uma sociedade tão diversa (Nunes, 2020, p. 14-15).

Durante a pesquisa, achei duas frases importantes para citar. A primeira quando ela “conserta” a frase dita por Clarice Lispector que diz que a aprendizagem da escrita está no mundo. Para Conceição “a aprendizagem da escrita está na vida” (Evaristo, 2020, p. 34), pois

não possuindo domínio sobre o mundo, principalmente, o material, foi procurar na escrita algum bem.

Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha (Evaristo, 2020, p. 35).

A segunda aparece em quase todos os textos sobre o tema. É forte, simbólica e autoexplicativa: “A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30).

Adalberto Vitor Raiol Pinheiro, em seu artigo para a *Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem*, faz uma relação entre escrevivência e Paulo Freire:

Na concepção de Freire (2005) o procedimento da escrevivência seria um criar, recriar e integrar-se às condições do contexto, além de responder aos desafios e transcendê-los, dando ao homem um domínio que lhe é exclusivo, isto é, o da História e da Cultura. Em outras palavras, a escrevivência e seus elementos constituintes (dialogia, subjetividade e elementos culturais) convertem-se como multiplicidade de olhares e compreensões que, pouco a pouco, emergem das descobertas e das interações de ideias empíricas e teóricas (Raiol Pinheiro, 2020, p. 65).

Pesquisando sobre o tema, assisti a um vídeo excelente do Instituto de Estudos Avançados da USP e, para minha surpresa, a Conceição Evaristo (soa estranho não a chamar de Dona Conceição) falou sobre a Lélia, relacionando o pretuguês com a escrevivência:

Pensar a escrevivência dentro da Cátedra é também ampliar o pensamento de Lélia Gonzalez, quando Lélia Gonzalez pensa essa gramática do cotidiano, é pensar no que Lélia aponta: aqui no Brasil nós falamos pretuguês. E mais outros e outras pensadoras negras da África e da diáspora que nos ajudam a pensar no processo histórico da escravidão os modos renovados de dominação sobre as mulheres, notadamente sobre as mulheres negras, e o modo de enfrentamento dessas mulheres diante da dominação dessas vivências escritas, que é justamente a escrevivência. (Evaristo, 2022, YouTube).

Peço licença à Dona Conceição, pois estou usando a escrevivência como metodologia nesse capítulo. Com o seu auxílio, o pretuguês de Lélia e o poder da narrativa do eu de Paulo Freire, acho que vai dar bom!

3.2 Escrevivência como Princípio Conceitual-Methodológico

O primeiro sentimento que tive ao decidir escrever nesse formato foi medo. Ao mesmo tempo em que queria muito fazer, tive, e ainda tenho, receio de não saber o que estava fazendo, por isso tratei logo de conversar com meu orientador e estudar sobre o tema, porque não quero desapontar a criadora e também penso na minha banca, tendo em vista que o terceiro capítulo foi alterado após a qualificação e isso causa certa insegurança.

Se já não fosse o bastante, o universo resolveu me presentear com uma oportunidade única, um dia inesquecível, mas que aumentou a minha responsabilidade com essa pesquisa. Já

havia contado que fui ao Festival Mulheres do Mundo para assistir à Conceição Evaristo, contudo, no dia seguinte, voltei para assistir à Fátima Lima. E nesse dia tudo estava conspirando ao meu favor.

Na chegada, encontrei Conceição Evaristo do lado de fora e consegui tirar uma foto com ela, e, para ficar ainda melhor, Fátima, com toda a sua maravilhosidade, me levou até a Casa Escrevivência, na Gamboa, bairro do Rio de Janeiro, onde aconteceu uma reunião privada entre Conceição Evaristo, Fátima Lima, Fernanda Felisberto, Denise Carrascosa e Jurema Werneck. Sinceramente, fica difícil colocar em palavras tudo o que vi, vivi e ouvi nesse dia. Necessitaria de espaço para um novo capítulo. Fiquei quieta, calada, tentando absorver toda a sabedoria possível daquele momento. Confesso que sou apaixonada pelo olhar atento e reflexivo com que Dona Ceiça olha para as pessoas. Esse “Dona Ceiça” é só uma brincadeira para descontrair a leitura e não ficar repetitivo. Porque com ela, não ousaria chamá-la só pelo nome como fiz com outras autoras.

Figura 11. Andréa Mendonça e Fátima Lima.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 12. Andréa Mendonça e Conceição Evaristo.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 13. Reunião na Casa Escrevivência



Fonte: Arquivo Pessoal.

É uma grande responsabilidade querer me apropriar de algo da Conceição Evaristo. Apropriar parece algo errado, estou pegando emprestado. De certo modo, me sinto insegura, porém, com muita vontade de fazer com que o texto tenha a minha voz. Não me sinto à vontade de escrever na 3ª pessoa, acho muito formal para algo que estou fazendo com tanta proximidade.

Primeiro, precisei refletir sobre o que eu gostaria. A ideia original seria eu contar, nesse capítulo, as contribuições de Lélia Gonzalez e Paulo Freire para uma educação popular feminista negra, porém, me dei conta de que seria algo grandioso, necessitando de outra pesquisa para suprir as demandas.

Resolvi, então, contar o que eles mudaram em mim, como foi esse percurso, o que vi, vivi e senti, trazer o passado, o presente e pensar um pouco no futuro. Portanto, para tal, escolhi a escrevivência. Alguns quando lerem vão identificar como narrativa do eu, mas como a própria Conceição (2020) disse, a escrevivência extrapola, a minha história não é uma história de um eu sozinha, pois pretendo que outras pessoas se identifiquem e se vejam.

Concordo com Rosane Borges (2020, p. 189) quando defende que escrevivência é:

Um princípio conceitual-metodológico com potência para suportar as narrativas dos excluídos, uma vez que considera as várias matrizes de linguagem para tecer memória e construir história. Linguagem como ferramenta, como morada e como instituinte do humano.

Ao fazer um memorial, a escrevivência coloca em perspectiva a dicotomia entre pesquisadora e sujeito da pesquisa. E se pararmos para analisar, autoras como Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus já usavam essa metodologia antes mesmo de Conceição Evaristo conceituá-la.

Além de Rosane, tem outras duas pensadoras importantes para esse tema. A primeira e a mais importante para esse subcapítulo, é Fernanda Felisberto. Professora da área de letras da mesma universidade onde sou mestranda, além de publicar uma tese intitulada *Escrevivências na diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escritas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neal Hurston* (2011) no Programa de Literatura Comparada da UERJ, ela orientou trabalhos de conclusão da graduação onde muitas de suas alunas escolheram escrever memoriais, Fernanda comenta sobre como alguns desses memoriais “vem também acoplada para algumas estudantes da ideia de escrevivência, aqui entendida como uma possibilidade de interferência em primeira pessoa” (FELISBERTO, 2020, p. 171).

Separei um trecho muito interessante onde na primeira frase ela fala no aumento de corpos negros vivos dentro das universidades. Adoro esse tipo de escrita que diz mais com o que não é dito. Ela também fala em reparação epistemológica e em expurgar a dor:

O aumento da presença de corpos negros vivos dentro de espaços acadêmicos brasileiros, tanto na condição de docentes como de discentes, tem provocado fissuras estruturais nas relações de privilégio e compadrio, que sempre encontraram eco dentro das universidades do país. Construir novas latitudes teóricas tem sido uma reparação epistemológica e uma verdadeira revolução, e o percurso de trazer as escrituras para o mesmo pódio dos outros gêneros de textos acadêmicos concede a distinção de convocar a autoria a se fazer presente em primeira pessoa, sem modalizadores, fazendo com que essas novas produções sejam textuais, mas também sensoriais, pois têm som, têm cheiro, têm paladar, têm aconchego, mas também têm dor, e expurgar a dor é fazer as pazes com o presente (*Ibidem*, p. 173).

Da pensadora, Livia Natália, trago um trecho do mesmo livro, *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, um excelente livro para esse tema.

Portanto, um sujeito negro falar na primeira pessoa é afirmar-se enquanto corte, enquanto diferença inegociável, disparando, assim, a possibilidade de ser tornado inviável, uma vez que a afirmação positivada da negritude é algo não programado pelo pensamento colonial. Falar sobre si, em primeira pessoa, é um relevante gesto de desalienação e desrecalque de uma voz sistematicamente tornada inaudível. Por isso, defendo que os nossos textos acadêmicos sejam, sim, eivados de nossas escrituras, de nossas travessias e que estas possam nos servir como instrumento e análise (Natália, 2020, p. 211-212).

Esses dois trechos são potentes e chamaram a minha atenção por demonstrar força e transgressão, afinal pessoas negras estão na academia escrevendo em primeira pessoa. E como a Livia Natália falou em desrecalque, terminarei esse parágrafo usando a frase de outra pensadora, a Valesca Popozuda. Em homenagem àqueles que não estão felizes em ver gente negra chegando lá: “Beijinho no ombro pro recalque passar longe” (Vagalume, 2023, p. 3).

Com o tempo, o conceito e a metodologia da escritura foi amadurecendo e ampliando. O que inicialmente ficaria restrito somente às mulheres negras foi abrindo-se a inclusão.

Agora Conceição Evaristo expande a referida expressão de tal modo que esta não alcance tão somente mulheres negras de camadas sociais populares e exclua, consequentemente, os demais indivíduos; conservando, no entanto, o teor étnico como balizador das discussões presente desde as primeiras conceitualizações. Com isso, observa-se que a noção de escritura se amplia de maneira acumulativa, isto é, não se despreza totalmente a conceitualização anterior em detrimento das noções postas posteriormente, pelo contrário, soma-se e acrescenta-se novos elementos a ela. [...]. No entanto, nota-se que ainda se mantém em espaço de privilégio, no campo das escrituras, as experiências de mulheres negras e afrodescendentes, o que foi introduzido por Conceição Evaristo desde 1995, mas que só é mais bem fundamentado e/ou explorado no ano de 2017. Todavia, ainda que isto ocorra, a autora reconfigura a expressão de modo que nela caiba também as experiências dos africanos e seus descendentes, isso porque as experiências destes povos a marcam enquanto escritora. (De Oliveira *et al.*, 2021, p.181-182).

Além de homens negros, vi artigos de escrituras de pessoas trans. Em uma conversa informal com a professora Fátima Lima, ela disse que têm acontecido discussões sobre a escritura das pessoas LGBTQIAPN+ e também dos povos originários, ou seja, tenho a impressão que é um conceito amplo e flexível e que talvez escape das mãos da Conceição

Evaristo o poder de delimitá-lo, o que vai gerar boas discussões se levarmos em consideração todas as vidas subalternizadas e suas interseccionalidades.

3.3 Escrevivendo

Nesse subcapítulo, gostaria de apresentar uma experiência metodológica de se fazer pesquisa guiada pela memória e pelos afetos, inspirada na escrevivência de Conceição Evaristo. Gostaria de falar mais sobre minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica e relacionar com a pesquisa.

Na introdução desse texto falei sobre ser parda. Na minha infância não percebi o racismo nem comigo, nem com ninguém à minha volta. Fui selada por uma passabilidade²³ que me foi dada graças ao esforço de minha mãe em sempre embranquecer o meu cabelo, alisando e fazendo escova desde cedo. Não lembro a idade certa em que surgiu essa preocupação com o cabelo, mas sei que foi antes dos 10 anos de idade.

Acredito, também, que minha percepção com relação ao racismo foi ofuscada por um marcador que em mim estava muito mais evidente, o tamanho do meu corpo. Somos seres interseccionais, e, no meu caso, a obesidade é um marcador que sempre esteve em evidência, sou obesa desde bebê, então não sei bem dizer se passei por questões de racismo, gordofobia ou ambos.

Cabe dizer que meu pai não fez ensino superior e minha mãe não fez nem o Ensino Médio. Meu pai faleceu quando eu tinha 12 anos e minha mãe, que até então era uma dona de casa de classe média, ficou sozinha, sem estudo suficiente para arrumar um bom emprego e com duas filhas para criar, fazendo parte da estatística da mulher negra, a quem, de acordo Lélia Gonzalez, sobram poucas opções no mercado de trabalho formal. No censo de 1950 (GONZALEZ, 2018, p. 34-53), o trabalho de 90% das mulheres negras era na área de prestação de serviços pessoais.

Digo isso para, talvez, justificar a ausência de criticidade e a falta de posicionamento político em que fui criada. Minha mãe começou a trabalhar muito nova, desde criança já fazia serviço domésticos. Por exemplo, em conversas recentes com minha mãe, ela relatou que não sofreu com a ditadura, que isso era muito distante dela. Conversamos muito, com o intuito de

²³ Quanto ao termo passabilidade, Bianca Santana, em um texto para sua coluna Uol, explica: “Não ser branco nem preto, em uma sociedade racializada como a brasileira, permite a pessoas negras de pele clara negociarem benefícios o tempo todo. Para se aproveitarem das cotas raciais, soltam o black power; para conseguirem emprego, alisam o cabelo. A passabilidade – serem mais aceitas pelos brancos, quem realmente têm poder – oferece mais posições subalternas a essas pessoas.” Disponível em: [lnq.com/8LFqp](https://lq.com/8LFqp). Acesso em: 01 out. 2022.

enegrecê-la, o que nem sempre é uma tarefa exitosa, tendo em vista que o racismo estrutural é perspicaz e sempre se reinventa.

Gostaria de frisar que minha mãe é uma batalhadora e que nunca teve incentivo da família para estudar. Haja vista que, dos cinco filhos e onze netos de minha avó materna, sou a única que chegou numa universidade. É um abismo enorme que separa uma família nesses moldes de um mestrado numa universidade pública. Eu ainda me pego abismada pensando: Eu estou aqui!

E se estou aqui é porque tenho tido ajuda desse e de todos os planos possíveis. Para começar, não tenho uma religião, embora tenha usado termos de religiões afros, não sigo nenhuma, sou uma simpatizante, se assim posso dizer. Tenho muito respeito e uma boa dose de curiosidade sobre a mitologia africana., porém, acredito em tudo e em todos e agradeço a ajuda por conseguir chegar até aqui, agradeço ao universo e todos os caminhos incríveis, ou melhor, as encruzilhadas que foram feitas para que esse ebó desse certo.

Meu orientador é um desses presentes que o universo me deu. Nunca imaginei ser aluna da Rural. Se alguma vidente falasse isso para mim anos atrás, pediria meu dinheiro de volta. Mas eu gostei tanto do curso *on-line* que fiz, gostei tanto de ouvir as histórias, porque como um bom *freireano*, o Aristóteles Berino é um ótimo *conversante* e contador de causos. Mas além de freireano, Aristóteles é um budista muito ponderado, que se tornou um grande mestre. Somos pessoas diferentes, mas passei a ouvir seus intermináveis áudios de até mais de dez minutos no *WhatsApp* (nunca ouviria o de mais ninguém) e ele se tornou um mestre que vai além do acadêmico, é um orientador da vida.

De brinde, ganhei duas amigas do grupo de pesquisa, que também extrapolaram o acadêmico, Janáina Rodrigues e Talita Cabral. Elas organizaram um livro juntamente com o Aristóteles chamado *Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo*. Esse livro é do nosso grupo de pesquisa e eu participo duas vezes. Tenho um capítulo só meu, *Paulo Freire em Tempos de Distanciamentos Sociais*, e outro que foi uma composição coletiva.

Minha mãe, família e amigos também foram importantes nesse processo pois tive/ tenho dois problemas de saúde simultâneos e além de precisar de ajuda em casa necessitei pedir prorrogação do prazo de defesa. Por isso, minha gratidão a essas pessoas.

Já refleti muito sobre esse processo de ter me tornado negra e sim, acho que foi tardiamente. Tudo bem que tem aquele ditado “antes tarde do que nunca”. Ou poderia ser aquele outro, “antes tarde do que mais tarde”, mas eu me cobro principalmente por ser professora de crianças. Eu acho um absurdo a quantidade de professoras que não estão preparadas para

trabalhar com questões étnico-raciais. Como desenvolver a identidade de uma criança se nem a própria professora está ciente da dela? E quando está, muitas vezes age com preconceito.

Como disse na introdução, minha primeira consciência foi de classe e depois gênero e raça. Os dois últimos foram marcados no meu corpo por uma tatuagem que fiz em 2019, do espelho de Vênus em homenagem ao feminismo, que foi refeita dois anos depois quando tive consciência de que era o feminismo negro que me representava.

Figura 14. Tatuagem Feminista.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 15: Tatuagem reformada.



Fonte: Arquivo pessoal.

Outro assunto relevante desse meu corpo-pesquisa é o cabelo. Tanto eu, quanto Lélia não nascemos negras e, portanto, passamos por todo aquele processo de alisar, chegar o mais próximo possível da cultura dominante, como já dito no capítulo anterior. A próxima foto foi tirada quando comprei uma máquina para raspar a cabeça, quando decidi para de alisar o cabelo e conhecer o meu cabelo natural, por isso é uma foto com um grande simbolismo e representa a liberdade de me aceitar, como canta Caetano Veloso: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”.

Figura 16. Cabeça raspada.



Fonte: Arquivo pessoal.

De acordo com Alex Ratts e Flávia Rios (2010, p. 58), pode-se dizer que a vida de Lélia Gonzalez recomeçou por volta dos 40 anos. Foi quando se aproximou do movimento negro e nasceu intelectual ativista negra. Minha vida também mudou com a chegada dos 40 anos.

Eu já tinha feito 40 anos e não lembrava como era o meu cabelo natural porque alisava desde pequena. Eu tive uma espécie de crise dos 40, só que positiva, foi uma virada de chave. Raspei a cabeça e cada semana pintava de uma cor diferente. Senti uma liberdade impressionante! A mulher fica refém do cabelo e muitas vezes é angustiante, pois o cuidado que se precisa ter, pode limitar a mulher, impedi-la até de sair, de tomar um banho de mar, de se molhar na chuva.

Com isso, a cada ano que passa me sinto uma pessoa melhor e sendo uma pessoa melhor, serei uma professora melhor também. O meu corpo é político, sirvo de exemplo para cada criança que me vê num cargo tão importante para eles que é o da professora. Haja vista que,

por eu ser gorda, não vejo alunas ou alunos meus sofrendo gordofobia dentro da minha sala. Outro fato que as mães relatam é que quando comecei a colorir o cabelo, as alunas também quiseram cabelos coloridos. Concluo, então, que uma professora negra, gorda, de cabeça raspada, com consciência de raça, gênero, classe etc. pode ser um bom exemplo para a sua turma. Representatividade importa.

E por falar em representatividade, a banca da minha qualificação foi cuidadosamente escolhida pelo meu orientador. Duas mulheres com M maiúsculo: fortes, determinadas, inteligentes, pardas que me acolheram cuidadosamente, me deram dicas valiosas e ensinamentos preciosos. Gratidão, Amanda Motta Castro e Adilbênia Freire Machado!

Isso não é uma despedida, é só um reconhecimento de gratidão. Tenho ânsia em aprender, gosto de estudar, o mestrado ainda nem acabou e já estou pensando em no que vou estudar quando acabar, aliás, ficava estudando e fazendo cursos concomitantes ao mestrado, até que levei um puxão de orelha do meu orientador.

Não sei ainda se levarei essa encruzilhada adiante, se não seguir com eles juntos, confesso que hoje tendo muito mais para o lado do feminismo negro e as questões de raça do que para as questões de classe e a educação popular de Paulo Freire. Mesmo tendo lido tudo que Lélia Gonzalez escreveu, acredito que ainda tenha mais coisas a serem descobertas, porque sua obra não é extensa, mas é densa, complexa. Às vezes ela falava de diversos assuntos importantes em um mesmo parágrafo. Já Paulo (olha a intimidade!), tem uma obra tão extensa que mesmo eu tendo lido na graduação, especialização e mestrado, não consegui ler tudo.

A intenção dessa pesquisa são as encruzilhadas epistemológicas, contudo, elas foram além, extrapolando o acadêmico e se tornando uma encruzilhada-vida, e essa encruzilhada-vida mudou não só minha vida acadêmica, mas a pessoal e até a profissional. É como se fosse um portal, não sou mais aquela pessoa do início de 2021. O único problema é que no campo profissional, não sei se isso é muito bom, afinal sou professora da rede municipal já tem mais de 23 anos. O que eu posso dizer, é que no campo pessoal está sendo bom, estou cuidando de mim, da minha saúde e do meu bem-estar.

Em algum momento eu pensei que escrever em primeira pessoa seria mais fácil. Engano meu! Confesso que é muito empoderador, mas na ânsia de escrever e na liberdade da escrita, parece que ficou mais difícil. Uma coisa é certa, aprendi com Conceição que a escrita da escrevivência, “não é inocente, tem um propósito político em seu sentido mais amplo” (Evaristo, 2020, p. 41). Estou aqui num ato de descolonizar as mentes e quem sabe a academia. Mais que descolonizar, quero subverter.

Ao pesquisar sobre a escrevivência como metodologia, vi autoras falando em subversão da produção do conhecimento por trazer a voz de mulheres subalternas e isso ficou marcado em mim. Até então eu tinha um incômodo por escrever na terceira pessoa, tinha vontade de fazer algo diferente. Tentei pretuguesar mais o texto, trazer mais referências populares negras como Geledés, Emicida e Jarid. Também quis dar um toque pessoal ao texto na questão do nome dos autores.

Durante o decorrer de um texto, é comum nos referirmos ao autor pelo sobrenome. Acontece que na minha qualificação, a banca comentou sobre isso. Logo eu, que pesquiso sobre uma das maiores feministas negras de país, quiçá do mundo, chamando-a de Gonzalez. Se pararmos para refletir, Gonzalez mais parece um homem.

A banca deu como solução usar Lélia Gonzalez e Paulo Freire todas as vezes, mesmo que ficasse repetitivo. Depois de muito refletir, decidi não seguir essa orientação. Começo escrevendo Lélia Gonzalez e Paulo Freire, mas algumas vezes, tomo de intimidade e uso Paulo e Lélia. Não uso Gonzalez, mas quando vou falar só de Paulo, uso Freire. Espero que essa intimidade não soe como falta de respeito. São dois anos lidando diariamente com esses mestres, sem contar os outros anos em que Seu Paulinho já me acompanhava, desde a graduação.

Além da mudança na forma de me referir aos autores, há também uma mudança visível na construção do texto, como por exemplo, as notas de rodapé que aparecem mais no início, os recursos artísticos que aparecem mais no final e alguns subcapítulos que contêm mais citações diretas.

Quanto às citações eu gostaria de me justificar. Nesse trabalho pesquisei dois grandes autores, personalidades com ideias fortes. Às vezes, dizer o que cada um pensa de determinado assunto sem fazer a citação, é muito difícil. Eu acho até injusto tirar a voz deles. Não me sinto no direito de fazer isso e, na verdade, não me sinto capacitada para tal. Muitas vezes, um texto de Lélia é carregado de indignação, raiva. Quando a leio, chego a ouvir sua voz. Já Paulo tem aquela calma na voz, aquele jeito calmo, porém, certo. Ambos, com um jeito muito peculiar. A minha intenção é dar a chance de que meus leitores também tenham essa experiência.

Com relação aos recursos artísticos, isso aparece mais no texto a partir do momento em que percebo o quanto ambos os autores estão ligados à cultura e constato que eu também sou, assim como meu orientador. Muitas vezes converso com ele sobre coisas do cotidiano e filmes e séries. Eu adoro cinema e teatro, embora não esteja frequentando. Também gosto de ir a

exposições e museus, mas estou limitada por conta do meu problema na coluna. Amo música e livros. Veja bem, falei que amo livros porque gosto de ler, mas gosto mais ainda de comprar livros. Enfim, me considero uma pessoa que gosta de consumir cultura e conhecer outras culturas. Nunca saí do país, minha meta é conhecer as cidades do Nordeste primeiro.

Voltando a falar sobre as mudanças do texto, é impressionante como eu fui me refletindo no texto. Ainda agora falei sobre corpo-pesquisa e agora me veio à cabeça o termo texto-espelho, isso porque durante o mestrado eu tive que conviver com dois problemas de saúde, física e mental, que me desestabilizaram a ponto de eu pensar em desistir.

A minha saúde mental já não era boa, contudo, estava estabilizada. Mas precisei entrar de licença médica por conta de fortes dores na lombar. Essas dores me impediram de tudo: trabalhar, estudar e me divertir. Obviamente, abalou a minha saúde mental. Eu não podia sair e fazer nada, porque estava com a coluna ruim, mas para curar a coluna e a mente eu precisava sair, me movimentar e emagrecer. Por outro lado, emagrecer parada é difícil, mais difícil ainda quando a saúde mental não está boa, ou seja, um caos!

Faço tratamento para depressão e ansiedade e estou há mais de cinco meses em casa de licença, o que não é bom para a cabeça e nem para o processo de emagrecimento. Já consegui emagrecer mais de 20kgs, mas ainda falta muito mais. O processo é longo e, nele, há mudanças de remédios, de sono e de humor. Tudo isso se reflete no meu texto-espelho.

A Lélia foi para psicanálise, o Paulo gostava de recorrer aos psicólogos²⁴ e eu fui me tratar com tudo que pude: psiquiatra, psicóloga, reiki, terapia energética, umbanda etc. Agradeço muito por não ter desistido do mestrado porque mesmo com todos esses altos e baixos, tem sido um tempo de muito aprendizado. Talvez, o maior aprendizado seja o desencanto pelo mundo acadêmico. Aquela visão romantizada, sei lá criada por quem...

A gente entra numa pós-graduação e parece mais que eles querem que a gente desista. É um *Deusa nos acuda* pra lá, *Deusa nos acuda* pra cá! Ainda mais a minha turma que iniciou na pandemia, online, a maioria da turma só se conhece pelo grupo do *WhatsApp*. Não foram poucas as vezes que me senti sozinha e perdida. Quantos negros não ficaram para trás? Olha eu escrevendo no masculino! Quantas negras não ficaram para trás? Quantas pessoas não gostariam de conseguir chegar num mestrado? A *negadinha*, como falava a Lélia *tá fazendo o corre*. Com relação ao exposto tenho três coisas para falar que estão relacionadas a sabedoria freireana, a saúde mental das pessoas negras e a força da mulher negra.

²⁴ De acordo com o professor José Eustáquio Romão na live do Fórum Estadual de Educação Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ALqpb6SmI_g. Acesso em: 26 set. 2023.

Aquela frase que eu já citei de Freire sobre o mundo que não é... então, a frase é muito repetida, mas sem o contexto. O trecho tem tudo a ver com a minha dificuldade no mestrado. Com Paulo Freire aprendi que eu estava passando por problemas, mas que não eram inexoráveis (nunca tinha visto essa palavra antes), ou seja, as coisas não são inflexíveis.

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da história como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo, Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar (Freire, 1996, 76-77).

O final desse trecho, acho muito significativo, onde o autor fala que não é objeto da história e termina com uma frase muito boa, daquelas que poderia viralizar: “constato não para me adaptar, mas para mudar” (*Ibidem*, p. 77). E por falar em viralizar, trago outra frase de Freire muito boa para esse momento e que também poderia ser uma dessas frases famosas da internet: “é preciso compreender as manhas para entender também o medo” (Freire; Faundez, 2013, p. 48). Sigo tentando entender as manhas.

Com relação à saúde mental das pessoas negras, não sou o único caso nem na minha universidade, quem dirá em toda pós-graduação. Vi outros processos de adoecimentos de mulheres negras na universidade que faço parte. Não sei quantas das pessoas que pediram prorrogação do prazo para defender foram por motivo de saúde mental, mas sei que foram muitas pessoas. Ainda bem que, nesse sentido, a Rural nos acolheu. Vale lembrar que “o índice de suicídio entre adolescentes e jovens negros no Brasil é 45% maior do que entre brancos” (Geledés, 2022).

Para falar do terceiro ponto, vou contar uma historinha. Tenho uma amiga, vou chamar de Lu. Lu é uma mulher preta sinistra! Jovem, mais nova do que eu, fez o curso Normal, trabalha como professora o dia todo e ainda tem tempo para estudar, “macumbar”, namorar, ir à academia etc. Lu já acabou o mestrado. É essa força que Lu tem que me encanta na Lélia, a força que vem das mulheres negras, do feminismo negro, é essa força que me fez chegar não só ao final do mestrado, mas que está fazendo de mim uma pessoa melhor a cada dia.

Junto à essa força, a boniteza e o esperançar freireano. Não dá para viver nesse mundo sem o esperançar de Freire. Já disse no capítulo anterior que o esperançar freireano não é passivo, não fica esperando. E se a gente (me dá uma satisfação escrever a gente na minha dissertação! É uma felicidade quase infantil. Sinto-me uma Lélia Gonzalez dos anos 2020) parar

para pensar, juntar Lélia e Paulo é uma receita perfeita para os dias atuais, pois eles se completam.

Ela tem muita força e muita indignação, não que ele não tenha (tem sim! Dou como exemplo a carta que ele escreveu sobre o assassinato do indígena Galdino Jesus dos Santos), ela é de luta, de discursos, de gritar, ela tem ginga, ela me deixa sem fôlego! Ele é a voz calma, aquele que fala devagar porque pensa nas palavras antes, ele tem poesia, tem conforto, ele aconselha, ele me faz suspirar! Os dois juntos são como o mar, são perfeitos. Ela é a onda que vem grande e quebra. Ele é a onda que volta com intensidade.

Depois disso tudo, desse corpo-pesquisa, desse texto-espelho, se eu pudesse botaria nas considerações finais um pedaço de mim. Eu tinha vontade de fazer uma tatuagem depois que acabasse o mestrado, como um encerramento de ciclo, mas as leituras foram tomando conta de mim, muitas das vezes eu me empolgava, parava de ler para compartilhar nas redes sociais trechos do que lia na ânsia de que mais pessoas vissem. Tive vontade de virar “Testemunha de Lélia e Paulo” (tipo Testemunha de Jeová). Sair de casa com os livros deles debaixo do braço, bater na porta das casas e dizer: “Bom dia! Já ouvi a palavra de Paulo Freire hoje?”

Para evitar o linchamento público, eu direcionei a minha energia para a tatuagem, que foi uma ótima escolha, diga-se de passagem. Se eu pudesse, seria essa foto a única resposta das minhas considerações finais.

Figura 17. Tatuagem Paulo e Lélia.



Fonte: Arquivo pessoal.

Eu achava que não teria o que escrever, porém a todo momento lembro de algo e não consigo acabar. Já me desculpei algumas vezes e gostaria de pedir desculpas mais uma vez porque esse subcapítulo não segue uma linha do tempo linear, eu realmente deixei a escrita mais livre o possível na intenção de ser quase um diário, um momento terapêutico de reflexão. O que vou escrever? Como vou escrever? Para quem? Duas mulheres me ajudaram nessa reflexão, uma delas é Gloria Anzaldúa:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (Anzaldúa, 2000, p. 232).

Esse texto é sensacional! Quantas de nós, ao lermos, nos sentimos representadas, mais do que isso, eu sinto que esse texto é meu. Isso é escrevivência! E de mãos dadas com Gloria Anzaldúa e com bell hooks eu venho transformar a escrita em cura. No livro *Ensinando a Transgredir*, bell defende o uso da teoria como prática de cura e diz que chegou à teoria porque estava machucada e desesperada (Hooks, 2017). Voltando às minhas referências brasileiras, Conceição Evaristo fala que escrever, na maioria das vezes, dói, já Fernanda Felisberto fala em dor, mas também em recomeço e cura (Felisberto, 2020).

Em pensar que um dia tive dificuldade em me abrir, hoje estou me abrindo numa dissertação. O processo de escrita desse subcapítulo é diferente dos outros, como tem uma parte afetiva e intuitiva, algumas partes foram sendo montadas quase como uma quebra-cabeça, pois já estavam anotadas e outros trechos eu sentei e escrevi o que veio na mente. Às vezes eu estava fazendo uma atividade e pensava em algo para escrever nesse subcapítulo, largava o que estava fazendo e escrevia no bloco de notas do celular ou no rascunho do Word do notebook.

Por ironia do destino, ou não, sentei-me para escrever sobre o processo de cura através da escrita na no período que estou isolada no quarto com covid-19 e, infelizmente, por conta dessa doença, não pude estar no evento de lançamento do Circuito da Igualdade Racial promovido pela prefeitura do Rio de Janeiro e o Projeto Negro Muro. Nesse evento, eles instalaram uma placa de patrimônio onde a Lélia Gonzalez morou. O Circuito já tem outras três

placas confirmadas: Lima Barreto, Maestro Anacleto de Medeiros e GRANES Quilombo (O DIA, 2023).

Eu sou apaixonada pelo Projeto Negro Muro, criado pelo Pedro Rajão²⁵ e Fernando Cazé²⁶, eu conheci pelas redes sociais quando vi o muro que eles fizeram da Lélia, esse mesmo muro que recebeu a placa comemorativa. Muro também que esteve presente na série que o Negro Muro apresentou no GNT. Essa série, de 5 episódios, homenageia mulheres negras através da arte dos muros: Alcione, Zezé Motta, Beatriz Nascimento, Ruth de Souza e, é claro, Lélia Gonzalez. Já são mais de 50 muros pintados e essa série é somente um aperitivo, mas é um conteúdo riquíssimo!

Desde 2018 o Negro Muro atua no mapeamento da memória negra através da arte urbana. Numa cidade profundamente marcada pela herança indígena e africana que traz em seus monumentos, ruas, pontes e avenidas o legado colonizador, militar e católico branco que até hoje se perpetua no poder. Contra o apagamento, contra o esquecimento, o trabalho artístico desenvolvido pelo muralista Cazé e pelo produtor e pesquisador Pedro Rajão exibe retratos e biografias de personagens históricos negros em grandes muros públicos pela cidade. Além da rua, também pintamos patrimônios históricos como o Museu da Imagem e do Som (MIS-RJ), o prédio administrativo do Theatro Municipal, o Museu da Cultura e História Afro-Brasileira (MUHCAB), a última residência do Almirante Negro João Candido, o Estádio de São Januário, as quadras do Império Serrano, Caprichosos de Pilares e do Arranco do Engenho de Dentro, além de 7 escolas municipais. (Negro Muro, 2023).

Tive o prazer de conhecê-los pessoalmente enquanto pintavam o muro dos filósofos negros no Centro, bairro do Rio de Janeiro. Rajão foi muito atencioso e simpático, explicou todo o processo de pesquisa e também contou sobre o que estavam pintando. Ele falou e mostrou alguns adinkras que rapidamente me fez lembrar da Adilbênia Machado que esteve na banca da minha qualificação e falou dela também, as encruzilhadas da vida nos surpreendem a todo momento.

²⁵ Produtor cultural, curador musical, DJ, pesquisador de música africana e cineasta. Idealizador e produtor do Leão Etíope do Méier (projeto premiado com o Diploma da Com. de Cultura da ALERJ) que há 7 anos atua de forma gratuita em espaços públicos do subúrbio e já realizou aulas públicas com Marielle Franco, Carlos Moore, Nei Lopes, além de shows de artistas como Teresa Cristina, Carlos Malta, Hermeto Pascoal, Jards Macalé, Carlos Dafé, Hamilton de Holanda, além de lançamentos de livros de Luiz Antonio Simas. Diretor e produtor do documentário 'ANIKULAPO' que trata do músico nigeriano Fela Kuti, há 8 anos oficinas e palestras relacionadas em escolas, universidades e institutos de arte públicas e privadas. (NEGRO MURO, 2023, s/p).

²⁶ Artista urbano contemporâneo do Rio de Janeiro, utiliza a cidade como plataforma de comunicação. Tem como pesquisa o cotidiano que o rodeia, trazendo uma técnica única para a Arte Urbana Contemporânea. Já teve murais expostos no Peru, Inglaterra, França, Portugal e Guiné-Bissau. Atua também como curador e desempenhou esse papel no projeto Galeria Providência (2017 e 2018) e Babilônia (2017), pequenas galerias de arte urbana dentro de favelas no estado do Rio de Janeiro e criou a Ladeira do Castro, primeira Galeria de Arte Urbana na cidade do Rio de Janeiro que conecta os bairros da Lapa e Santa Teresa. (Negro Muro, 2023, s/p).

Figura 18. Muro Lélia Gonzalez.



Fonte: Instagram Negro Muro²⁷.

Figura 19. Placa do Circuito da Igualdade Racial.



Fonte: Instagram Negro Muro²⁸.

E não foram poucas as encruzilhadas da vida que esse mestrado me pôs ou seria encruzilhadas do mestrado que a vida me colocou? Não sei. Além dessa da Adilbênia Machado

²⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cp2dJr7rXX7/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>. Acesso em: 1 out. 2023.

²⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cx21yrOrxCC/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>. Acesso em: 1 out. 2023.

que também é Freire, tive o enorme prazer de encontrar com a Dona Léa Garcia poucos meses antes dela falecer. Entrei numa cafeteria e ela estava lá, rodeada de pessoas, muito arrumada, sorridente, lúcida e comunicativa.

Não perdi a oportunidade e fui falar com ela, pois havia visto a participação dela no episódio da série Negro Muro sobre a maravilhosa Ruth de Souza. Conte sobre minha pesquisa e ela contou que era muito amiga de Lélia, inclusive foi vizinha em Santa Teresa, onde foi pintado o muro. Dona Léa contou que ficou amiga de Lélia por ter sido casada com Abdias Nascimento, que por sua vez, era muito próximo de Lélia Gonzalez.

Foi uma conversa rápida porque ela tinha hora marcada para fisioterapia, ela estava de cadeira de rodas por conta de um tombo. Eu me arrependo muito de não ter tirado uma foto com ela, mas ficou registrado no meu coração a sua gentileza, o seu sorriso, a sua lucidez que aos 90 anos, me deixou impressionada. Ela faleceu no dia 15 de agosto de 2023, em Gramado.

A próxima encruzilhada da vida ou encruzilhada-vida está mais para “desencruzilhada” (estou adorando criar novas palavras), porque na verdade se trata mais de desencontro do que de encontros. Viajei para Recife e aproveitei para pesquisar sobre Paulo Freire. Que decepção! Eu, romanticamente, achei que chegaria lá e todos saberiam quem ele era. Que veriam lembrancinhas de Paulo Freire, camisas de Paulo Freire etc. Eu só achei uma estátua e ainda por cima com uma frase errada! Essa questão da frase errada já foi falada no outro capítulo.

Não é possível que se tenha um erro desses! Estou pensando seriamente em escrever para o artista que fez a estátua e para a universidade onde está localizada a homenagem para falar do erro. Será que ninguém até hoje não percebeu? E com relação as lojas que vendem produtos com frases *fakes*? Até agora descobri duas marcas grandes. Quero fazer algo, ainda não sei bem o quê. Um artigo, talvez. Conversando com uma amiga, ela disse que o Paulo Freire é a nova Clarice Lispector da internet. Ela tem razão, pegavam várias frases e botavam autoria da Clarice.

Como viajei sozinha, eu conversei com muitas pessoas, e sempre que tinha oportunidade eu falava de Freire. Um guia turístico confundiu Paulo Freire com Gilberto Freyre, que tristeza de dá dó! O guia indicou que eu visitasse uma casa rosa bonita e ainda falou que ele era de família rica. No fim, sabe na porta de quem eu fui parar? Na casa da Clarice Lispector. Uma casa abandonada, feia. Infelizmente, eles não estão cuidando.

Além da viagem para Recife, viajei para dentro de mim e para dentro da minha pesquisa através da escrevivência. Uma viagem turbulenta no início, com medo e insegurança, mas que no fim está sendo prazerosa.

Ao final desse processo, precisei rever o texto, pois algumas coisas que havia escrito no início não fazia mais sentido. Revi objetivos, reescrevi metodologia e resumo e até alterei o nome. A ideia inicial era pesquisar encontros e limites, mas concordei com a banca que não tinha muito sentido buscar limites, meu foco são os cruzos, as possibilidades. Estou satisfeita com o que escrevi, porém muito ansiosa em ouvir *feedbacks*.

Nossa, não sabia que eu seria capaz de escrever tanto! Tinha medo de não conseguir escrever e agora preciso me parar. Mesmo sem ter ouvido opinião da banca, eu já estou achando essa metodologia maravilhosa. É libertadora! Espero ter oportunidade de escrever outros textos assim. O meu desejo é que esse texto inspire outras pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início pode parecer conflitante querer encruzilhar Lélia Gonzalez e Paulo Freire, mas havia uma hipótese de uma aproximação inicial que foi confirmada através das diversas encruzilhadas que foram descritas em forma de subcapítulos.

Na questão de raça, ambos falam sobre o assunto, porém para Lélia Gonzalez é uma prioridade, até porque, em sua concepção raça vem primeiro. A autora fala da tríplice discriminação: raça, gênero e classe. E analisando as desigualdades, tratamos de outra encruzilhada, A Dialética do Senhor e do Escravo. Ambos cruzam com Hegel quando falam dos opressores e oprimidos. De todos os cruzos, esse foi o único que teve limites, tendo em vista a questão racista.

Além da luta pelas desigualdades, Paulo e Lélia possuem outras características em comum: são pensadores da práxis, pessoas muito ligadas à cultura. Acreditamos que a grande descoberta da pesquisa é a encruzilhada da cultura, porque ambos são muito culturais e não era um encontro provável e só apareceu com as leituras dos textos. A cultura é uma encruzilhada que pode abrir caminho para diversas outras subdivisões e pode ser mais explorado.

Paulo Freire e Lélia Gonzalez também encruzilharam com pessoas como, por exemplo, bell hooks e Amílcar Cabral. Lélia, bell e Paulo são autores interseccionais que denunciam os diversos tipos de preconceito e desigualdades. São interseccionais antes mesmo de conhecermos esse termo. Já o Pedagogo da Revolução, Amílcar Cabral, faz o cruzamento com esses dois autores com uma função quase que de professor, pois ambos aprenderam muito com ele.

Há uma encruzilhada intrínseca a esse trabalho, a encruzilhada mundo e vida. Paulo Freire está sempre falando em mundo, seja leitura de mundo, visão de mundo, homem-mundo, mundo da cultura, mundo da natureza e o próprio mundo. É o representante da categoria mundo, daqueles que como a pesquisadora desse trabalho sonhavam em salvar o mundo, daqueles que acima de tudo amam o mundo, como está muito bem exemplificado nessa frase de Paulo Freire, em que diz que não cria na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não os tornasse capazes de amar o mundo.

Já a categoria vida, aqui representada por Lélia Gonzalez, é desprovida do olhar romântico porque essa vida é feita de emergência e a emergência do povo negro é a vida, é sobreviver, não é o mundo. O repertório é outro, o território é outro. E para sobreviver é preciso

que a vida seja contada em histórias. Lélia entra na vida da pesquisadora equilibrando a vida com o mundo. O resultado do equilíbrio entre essas duas categorias chamamos de realidade.

A pesquisa teve um impacto positivo na vida da pesquisadora, não só no campo acadêmico e ela pretende usar a escrevivência em outras oportunidades, tendo em vista que é um método de descolonização das mentes, tendo a intenção de *pretuguesar* o mundo acadêmico.

O método de pesquisa digital através do *Kindle* foi muito produtivo, principalmente para determinados subcapítulos como “A Alienação” e “A Cultura”. E igualmente satisfatória foi a utilização da escrevivência como metodologia, usada no terceiro capítulo. Enfim, encontramos vários cruzos nas obras de Paulo Freire e Lélia Gonzalez que podem contribuir para uma educação popular feminista negra, esse é um cruzo que ficou para ser explorado, necessitando de outra pesquisa para suprir as demandas.

Não temos a intenção de esgotar o assunto, tendo em vista que ambos são autores de grandes contribuições e outros cruzos podem acontecer. Lélia Gonzalez é considerada uma intérprete do Brasil, uma mulher fora de lugar, a primeira mulher negra a sair do país para divulgar a verdadeira situação da mulher negra brasileira. Paulo Freire é autor de uma obra extensa, mais de 40 livros. *Pedagogia do Oprimido* foi um livro publicado em diversas línguas.

Gostaríamos de finalizar essa pesquisa com a mesma frase que iniciamos, porque, como diz Paulo Freire, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” e é por isso que repetimos, o lixo vai falar, e numa boa.

Para a conclusão deste estudo, que se aprofunda nas interseções teóricas e práticas entre Paulo Freire e Lélia Gonzalez, sugerimos que estudos futuros continuem a explorar e expandir o diálogo entre esses dois pensadores tão importantes, aprofundando a compreensão de como a educação popular pode ser enriquecida e transformada pela perspectiva feminista negra, incorporando as percepções de Lélia Gonzalez. Além disso, sugerimos que seja investigado o cruzamento das ideias de Freire e Gonzalez com as de outros pensadores globais, como Amílcar Cabral, para uma compreensão mais rica das dinâmicas de opressão e libertação. Avaliar o impacto global das obras de Paulo Freire e Lélia Gonzalez, considerando como suas ideias são interpretadas e aplicadas em diferentes contextos culturais e educacionais ao redor do mundo, também seria essencial.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019. 152p. E-book.
- ALTHUSSER, Louis. *Por Marx*. Tradução Maria Leonor F. R. Loureiro; revisão técnica: Márcio Bilharinho Naves, Celo Kashiura Jr. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2015.
- ANDREOLA, Balduino Antonio. Contribuição de Ernani Maria Fiori para uma pedagogia política de libertação. *Cadernos de Educação*, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, ano 6, n. 9, p. 41-72, 1997.
- ANDREOLA, Balduino Antonio. Paulo Freire e a condição da mulher. *Roteiro*, Joaçaba, v. 41, n. 3, p. 609-628, set./dez. 2016. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/10398>. Acesso em 27 fev. 2022.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 08, n. 01, p. 229-236, 2000. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2000000100017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 set. 2023.
- BARBOSA, Paulo Corrêa. *Lélia Gonzalez: o feminismo negro no palco da história*. Brasília: Abravídeo, 2015.
- BASSANI, Elizabete *et al.* *Entrevista: Questões para Dermeval Saviani*. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/prodiscente/article/view/5737/4185>. Acesso em: 17 jul. 2023.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Fatos e mitos. Volume I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BERINO, Aristóteles. *Centenário de Paulo Freire e outras conversas da pandemia*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. ISBN: 978-65-5869-583-7.
- BERINO, Aristóteles. Valesca Popozuda: ministra da Educação. *Revista Estudos Culturais*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-13, 2014. DOI: 10.11606/issn.2446-7693i1p1-13. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98370>. Acesso em: 25 set. 2023.
- BERINO, Aristóteles; MENDONÇA, Andrea Cavalcanti de. Intersecções entre Lélia Gonzalez e Paulo Freire: uma aproximação inicial. *Revista Vagalume*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 39-50, ago. 2021. ISSN 2763-9916. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/rv/article/view/2263>. Acesso em: 02 out. 2022.
- BIAGOLINI, Carlos. *Começando bem, frases e pensamentos*. São Paulo: Clube de Autores, 2013. 106. p. v. 5.
- BORGES, Rosane. Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Rosado Isabella (org.). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculo de Cultura. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 80-82.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BREDA, Tadeu. *Quem é bell hooks?*. Elefante Editora. 2019. Disponível em: <https://elefanteeditora.com.br/quem-e-bell-hooks/>. Acesso em: 11 out. 2022.

BUENO, Ana Lúcia. A Produção do Sexismo na Linguagem: gênero e poder em dicionários da língua portuguesa. Simpósio Internacional de Educação Sexual: feminismos, identidades de gênero e políticas públicas. Universidade Estadual de Maringá, 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/31745917-Palavras-chave-sexismo-linguagem-estudos-feministas.html>. Acesso em 27 fev. 2022.

CAMARGO, Maritania. *Paulo Freire, um comunista?* Esquerda Marxista. 2019. Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/paulo-freire-um-comunista/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

CAMILO, Caio. *Viva o Pretuguês!*. Laboratório Fantasma. 2021. Disponível em: <https://www.laboratoriofantasma.com/blog/viva-o-pretugues.html>. Acesso em: 13/07/2023.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Universidade Católica de Pernambuco. 2020. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em 10 jan. 2023.

CARNEIRO, Sueli. Epistemicídio. *Portal Geledés*. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/epistemicidio/>. Acesso em: 04 ago. 2023.

COLLINS, Patricia Hill e BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tadução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020. E-book.

COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. *Cadernos Pagu* v 51, 2017. <https://doi.org/10.1590/18094449201700510018>

COMO O PRECONCEITO RACIAL afeta a saúde mental da população negra. *Portal Geledés*, 2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/como-o-preconceito-racial-afeta-a-saude-mental-da-populacao-negra/>. Acesso em: 28 set. 2023.

CONCEIÇÃO EVARISTO VENCE Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano. *Portal Geledés*. 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-vence-trofeu-juca-pato-de-intelectual-do-ano/>. Acesso em: 20 set. 2023.

CORRÊA, Ricardo. Amílcar Cabral: ideólogo e pedagogo da revolução. *Portal Geledés*. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/amilcar-cabral-ideologo-e-pedagogo-da-revolucao/>. Acesso em: 11 out. 2022.

COSTA, Teresa Cristina N. Araújo. Caminhando contra o vento – Notas sobre a candidatura de Lélia Gonzalez. *Comunicações Iser*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, 1982, p. 43.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 24 set. 2022.

CULTURA In: *Aulete Digital*. 2023. Disponível em: <https://aulete.com.br/cultura>. Acesso em: 17 ago. 2023

CUSTODIO, Crislei de Oliveira. Racismo à brasileira e possíveis contribuições do pensamento de Paulo Freire para uma educação antirracista. *Educação & Linguagem*, v. 23.n. 2. p. 23-46, jul.-dez. 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/10830/7416>. Acesso em: 7 out. 2022

DE OLIVEIRA, Marcelo de Jesus; DE CAMARGO SAMPAIO, Juliano Casemiro; SILVA, Olivia Aparecida. Entre e para além da literatura: um estudo da noção ‘escrevivência’, de Conceição Evaristo. *Nau Literária*, [s.l.], v. 17, n. 2, p. 166–194, 2021. DOI: 10.22456/1981-4526.110421. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/110421>. Acesso em: 27 set. 2023.

Dialética do Senhor e do Escravo Descomplicada: Um Conceito de Hegel. *Nau dos Loucos*, 2021. Disponível em: <https://naudosloucos.com.br/dialetica-do-senhor-e-do-escravo-descomplicada-um-conceito-de-hegel/>. Acesso em: 07 out. 2022.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Rosado Isabella (org.). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: Sujeitos, Lugares e Modos de Enunciação - Corpus Literário em Diferença*. YouTube. 3 out. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ALqpb6SmI_g Acesso em: 21 set. 2023.

EXU. In: *Aulete Digital*. 2022. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/exu>. Acesso em: 04 out. 2022.

FAUSTINO, Deivison. 20 de julho de 1925 nascia Frantz Fanon. Portal Geledés. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/20-de-julho-de-1925-nascia-frantz-fanon/>. Acesso em 8 out. 2022.

FAUSTINO, Deivison. A “interdição do reconhecimento” em Frantz Fanon: a negação colonial, a dialética hegeliana e a apropriação calibanizada dos cânones ocidentais. *Rev. Filos.*, Curitiba: Aurora. v. 33, n. 59, p. 455-481, mai./ago. 2021. Disponível em: <https://deivisonnkosi.com.br/wp-content/uploads/2022/02/Hegel-Fanon-e-a-interdicao-do-reconhecimento.pdf>. Acesso em: 09 out. 2022.

FAUSTINO, Deivison. *Frantz Fanon e as encruzilhadas*. [S.l.]:Ubu Editora. 2022. E-book.

FELISBERTO, Fernanda. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Rosado Isabella (org.). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FEMISMO. In: *Priberam Dicionário*. 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/femismo#:~:text=Comportamento%20ou%20linha%20de%20pensamento,os%20mesmos%20direitos%20e%20prerrogativas>. Acesso em: 4 out. 2022.

FERNANDES, Cleonice. Amorisidade. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 39-40.

FIORI, Ernani Maria. PREFÁCIO. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Ana Maria de Araújo. *Paulo Freire: uma história de vida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. ISBN: 978-85-7753-213-1.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b. ISBN: 978-85-7753-189-9.

- FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo: Cortez., 2016.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018a. ISBN 978-85-7753-177-6.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outro escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000;
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. ISBN: 978-85-7753-164-6.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018b.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. E-book.
- GADOTTI, Moacir (org.). *Paulo Freire: Uma biografia*. São Paulo: Cortez, 1996. 765 p. E-book. ISBN: 85-249-0610-3. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/010c2d36-b5ef-446b-8234-c4b4b806d0e5/content>. Acesso em: 17 jul. 2023.
- GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1989.
- GADOTTI, Moacir. *Por uma política nacional de educação popular de jovens e adultos*. São Paulo: Moderna, 2014.
- GISELENE RAMOS: A preta Por Trás do Fala Preta. *Fala Preta*, 2017. Disponível em: <https://www.falapreta.com.br/sobre>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- GONZALEZ Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Zahar. 2022. E-book.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. Diáspora Africana: Filhos da África, 2018.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra. *Novos Estudos*. Cebrap, n. 81, 2008, p. 99-114.
- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. [S.l.: s.n.], 1978, p. 113-114.
- HEGEL, G. W. *Filosofia da História*. 2.ed. Tradução Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: Editora UnB. 1996, 373 p.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*; tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021. 300 p.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020. 288 p.

IBGEeduca. *Cor ou raça*. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 8 jan. 2023.

KAFURE, Gabriel Rocha. *A encruzilhada da epistemologia: aproximações entre Bachelard, Latour e Hacking*. Kínesis, Vol. X, n° 25, dezembro 2018, p.62-75

LEAL, Halina Macedo ; CASTRO, Amanda Motta ; MOREIRA, Raylene Barbosa. bell hooks: descolonizando a educação. *Polêmicas feministas*, v. 6, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/polemicasfeminista/article/view/39293>. Acesso em: 2 ago. 2023.

LEAL, Halina. Feminismo negro. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, v. 6 n. 3, 2020, p. 16-23.

MACHISMO. In: *Aulete Digital*. 2022. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/machismo>. Acesso em: 4 out. 2022.

MARIZ, S. F.. Paulo Freire, bell hooks e a construção de uma Pedagogia feminista crítica. *Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp*, [S. l.], v. 9, n. 3, 2021. DOI: 10.34024/olhares.2021.v9.12541. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/12541>. Acesso em: 3 ago. 2023.

MARTINS, Adilson. *Lendas de Exu*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2011. E-book.

MARXISMO. In: *Aulete Digital*. 2022. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/marxismo>. Acesso em: 10 out. 2022.

MOCELIN, Cassia Engres. Perspectiva interseccional e a dialética entre opressão-empoderamento. *Anais do 8º Encontro Internacional de Política Social e 15º Encontro Nacional de Política Social*. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/einps/article/view/33395>. Acesso em: 06 set. 2022.

NASCIMENTO, Abdias do (org.). *O Negro Revoltado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

NATÁLIA, Livia. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Rosado Isabella (org.). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

NEGRO MURO. *Negro Muro*. 2023. Disponível em: <https://negromuro.com.br/?fbclid=PAAaYoHIXWITD9HzHjd7FmtZ-9M5pwDIFtbS63KqoP787cN6gmKom1dCp6FxA>. Acesso em: 1 out. 2023.

NILHA, Orlando. *Conceição: Conceição Evaristo*. Campinas, SP: Mostarda, 2022.

NOGUERA, Renato. Para abrir o coração. *Quatro cinco um*. 2021. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/politica/para-abrir-o-coracao>. Acesso em: 6 ago. 2023.

NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Rosado Isabella (org.). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

- O QUE É O GELEDÉS Instituto da Mulher Negra. *Geledés*, 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-e-o-geledes-instituto-da-mulher-negra/>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- O QUE É RAÇA? *Portal Geledés*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-e-raca/>. Acesso em: 03 out. 2022.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Paulo Freire gênese da educação intercultural no Brasil. Curitiba: CRV, 2015.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. Escrivência em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 02, p. 621-623, 2009.
- OLIVEIRA, Marcos de Jesus.; OSMAN, Elzahrã Mohamed Radwan Omar. A crítica do universalismo hegeliano em três tempos: Fanon, Dussel e Freire. *Griot: Revista de Filosofia*, Amargosa –BA, v.21 n.2, p.395-404, 2021. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/2316/1321>. Acesso em: 12 out. 2022.
- OSOWSKI, Cecília Irene. Cultura. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 29-31.
- PAULO FREIRE: "Nós podemos reinventar o mundo". *Nova Escola*, 2 mar. 1993. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/266/paulo-freire-nos-podemos-reinventar-o-mundo#>. Acesso em 5 nov. 2023.
- PEREIRA, Amílcar Araujo; VITTORIA, Paolo. A luta pela descolonização e as experiências de alfabetização na Guiné-Bissau: Amílcar Cabral e Paulo Freire. *Estudos Históricos*, v. 25, n. 50, p. 291–311, jul. 2012.
- PEREIRA, Benedito Fernando. As bases filosóficas do pensamento de Paulo Freire. *Filosofante*. 2011. Disponível em: <http://www.filosofante.com.br/?p=970>. Acesso em: 12 out 2022.
- PITANO, Sandro de Castro; STRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini. Paulo Freire: *Uma Arqueologia Bibliográfica*. Curitiba: Editora Appris. 2019. E-book.
- POPOZUDA, Valesca. Beijinho no Ombro. Vagalume. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/valesca-popozuda/beijinho-no-ombro.html>. Acesso em: 22 set. 2023.
- PRÁXIS In: Aulete Digital. 2023. Disponível em: <https://aulete.com.br/pr%C3%A1xis>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- PREFEITURA DO RIO LANÇA PROJETO com placas que homenageiam personalidades negras. *O Dia*. Rio de Janeiro. Publicado 30/09/2023. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2023/09/6716730-prefeitura-do-rio-lanca-projeto-com-placas-que-homenageiam-personalidades-negras.html?foto=1>. Acesso em: 1 out. 2023.
- QUEM SOMOS. *Criola*, 2017. Disponível em: <https://criola.org.br/onepage/quem-somos/>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- QUINTÃO *et al.* Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. *Dental Press J Orthod.*, 2010. p. 121-124.
- RAÇA. In: *Aulete Digital*. 2022. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/ra%C3%A7a>. Acesso em: 4 out. 2022.

- RAIOL PINHEIRO, Adalberto Vitor. Escrivência e Rotas de Cultura: Ações Pedagógicas Dialógicas e Histórico-Culturais. *Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem*, [s.l.], v. 3, n. 6, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/educacaocultura/linguagem/article/view/3881>. Acesso em: 27 set. 2023
- RATTS, Alex; RIOS, Flavia. Lélia Gonzalez. *Retratos do Brasil Negro*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. *SUR*. v.13 n.24. 2016, p. 99-104.
- RIOS, F.; KLEIN, S. Lélia Gonzalez, uma teórica do social. *Sociedade e Estado*, [s.l.], v. 37, n. 03, p. 809–833, 2022. DOI: 10.1590/s0102-6992-202237030003. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44179>. Acesso em: 17 jul. 2023.
- ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.
- ROSSATO, Ricardo. Práxis. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 574-576
- RUFINO, Luiz. *Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas*. Seminário dos Alunos PPGASMN/UFRJ. Rio de Janeiro, 2016. ISSN: 2359-0211
- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. Kindle.
- RUSSO, Luiza. *Conheça o legado da educação popular brasileira de Paulo Freire*. MST.2020. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/09/19/conheca-o-legado-da-educacao-popular-brasileira-de-paulo-freire/>. Acesso em: 11 out. 2022.
- SARTORI, Jerônimo. Educação bancária/ Educação libertadora. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 39-40.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. São Paulo: Cortez Editora e Autores Associados, 1987.
- SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A progressão do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire*. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/201010100344_20/13scocuglia.pdf. Acesso em 24 set. 2022.
- SCOCUGLIA, Afonso Celso. África/africanidade: Angola, Guiné-Bissau, Moçambique. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 29-31.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p.71-99, 1995.
- SENA, Isabela. O (não) lugar do “pardo”. Medium. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@isabelapsena/o-n%C3%A3o-lugar-do-pardo-941b3dce6028>. Acesso em: 9 out. 2022.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017. 211p. E-book. ISBN 978-85-249-2520-7.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Pedagogia do oprimido versus Pedagogia dos conteúdos. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, n. 23, 2005, p. 207-214. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC23/23-arquivo.pdf>. Acesso em: 7 de out. 2022.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José Jaime. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2019

TUMELERO, Naína. *Pesquisa exploratória: conceito, características e aplicação em 4 passos*. 2019. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/pesquisa-exploratoria/>. Acesso em: 9 mar. 2020.

WIKIPÉDIA. *Heteropatriarcado*. Disponível em: [encurtador.com.br/yBER6](https://en.wikipedia.org/wiki/Heteropatriarcado). Acesso em 3 out. 2022.

WILLIAM, Rodney. *Apropriação cultural*. São Paulo: Pólen, 2019. 208 p. Kindle.

XAVIER, Karla Rampim. *Os discursos em Lacan e a práxis feminista: Lélia Gonzalez para seguir adiante*. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

ZACARIAS, Laysi da Silva. *Amefricanizando o amor: diálogos entre bell hooks e Lélia Gonzalez*. 2021. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

ZANELLA, J. L. Considerações sobre a Filosofia da Educação de Paulo Freire e o Marxismo. *Quaestio. Revista de Estudos em Educação*, Sorocaba, SP, v. 9, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/170>. Acesso em: 17 jul. 2023